

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

LUIS FILIPE LIMA E SILVA

**Negação verbal no Português Brasileiro:
Aspectos teórico-metodológicos em estudo baseado em corpus**

BELO HORIZONTE

2016

LUIS FILIPE LIMA E SILVA

**Negação verbal no Português Brasileiro:
Aspectos teórico-metodológicos em estudo baseado em corpus**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva
Linha de Pesquisa: Estudos Linguísticos baseados em Corpora
Orientador: Prof^a. Dr^a. Heliana Ribeiro de Mello

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2016

S586n

Silva, Luis Filipe Lima e.

Negação verbal no português brasileiro [manuscrito] :
aspectos teórico-metodológicos em estudo baseado em corpus
/ Luis Filipe Lima e Silva. – 2016.

177 f., enc. : il., grafs., color.

Orientadora: Heliana Ribeiro de Mello.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

1. Língua Portuguesa – Brasil – Teses. 2. Língua Portuguesa
– Verbos – Teses. 3. Pragmática – Teses. 4. Comunicação oral
– Teses. 5. Atos de fala (Linguística) – Teses. I. Mello, Eliana.
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras.
III. Título.

CDD : 469.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO

**Negação verbal no português brasileiro: aspectos teórico-
metodológicos em estudo baseado em corpus**

LUÍS FILIPE LIMA E SILVA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos Linguísticos Baseados em Corpora.

Aprovada em 25 de janeiro de 2016, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Heliana Ribeiro de Mello - Orientador
UFMG

Prof(a). Tommaso Raso
UFMG

Prof(a). Pedro Perini Frizzera da Mota Santos
UFVJM

Belo Horizonte, 25 de janeiro de 2016.

Para Graciela Bohórquez.

Agradecimentos

Como latino-americano de estrato social baixo e oriundo da educação pública brasileira desde o ensino fundamental, não devo me esquecer de mencionar as minhas origens no momento de mais um importante ciclo da minha formação acadêmica. Apesar de pertencer à classe pobre do país, aquela que sofre com a falta de boas oportunidades na vida, a vontade de estudar desempenhou um importante papel no meu intuito de seguir o caminho do conhecimento. Este é um espaço para mencionar que em nenhum momento me envergonharei de dizer que sou pobre.

A jornada que deu origem a este trabalho não é fruto de um único indivíduo. Ter o apoio de pessoas bem intencionadas é fundamental para qualquer atividade, sobretudo a de construir um trabalho acadêmico. Por isso, agradeço de forma sincera às pessoas que contribuíram direta e indiretamente no desenvolvimento deste trabalho.

À Profa. Heliana Mello, pela primeira oportunidade de trabalho, pela orientação desta dissertação, pelos conselhos referentes aos mais variados assuntos, pela oportunidade de compartilhar notícias boas e ruins e por tantas outras coisas que aprendi e que sempre aprendo com ela.

Ao Prof. Tommaso Raso, pela ajuda com a análise dos dados do *corpus*, pelas sugestões e pelas oportunidades de trabalho.

Ao Prof. Pedro Perini e ao Prof. Tommaso Raso, por aceitarem participar da banca de avaliação.

À Profa. Giulia Bossaglia, por aceitar participar da banca como membro suplente.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, por proporcionar o ambiente de educação pública.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo financiamento desta pesquisa.

À Raíssa Caetano, pela grande amizade que construímos desde o início da IC.

Aos companheiros do LEEL/C-ORAL-BRASIL, especialmente, Lúcia Ferrari, Bruno Rocha, Marcelo Vieira e Maryualê Mittmann, pelas ajudas e trocas.

Agradezco a todos mis amigos de la Gran Patria Latinoamericana: Argentina, Bolivia, Chile, Colombia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Ecuador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicaragua, Panamá, Paraguay, Perú, Puerto Rico, Uruguay y Venezuela. Para todos ustedes, hermanos. Soy mexicano de corazón.

Sin Fortuna

(Gerardo Reyes)

Yo nací sin fortuna y sin nada
Desafiando al destino de frente
Hasta el más infeliz me humillaba
Ignorándome toda la gente
Y de pronto mi suerte ha cambiado
Y de pronto me vi entre gran gente.

Vi a esa gente fingirse dichosa
Frente a un mundo vulgar y embustero
Gente hipócrita, ruin, vanidosa
Que de nada le sirve el dinero
Que se muere lo mismo que el pobre
Y su tumba es el mismo agujero.

Ahora voy por distintos caminos
Voy siguiendo tan solo al destino
Y entre pobres me siento dichoso
Si es amando doy mi amor entero
Con los pobres me quito el sombrero
Y desprecio hasta el más poderoso.

Soy cabal y sincero les digo
He labrado mi propio destino
Yo le tiendo la mano al amigo
Pero al rico jamás me le humillo.

Yo nunca tuve el calor de un beso
Mis pobres viejos trabajaban tanto
Que nunca tuvieron tiempo para eso
Y así crecí sin ignorar el llanto
No fui a la escuela, yo aprendí de grande
Para esas cosas no alcanzaba un pobre
Las letras no entran cuando se tiene hambre
Ni hay quien te de la mano si eres pobre
Por eso vuelvo a este pueblo viejo
Donde la vida me trató tan mal
Esta es mi gente que por nada dejo
Aunque volviera yo a sufrir igual.

Soy cabal y sincero les digo
He labrado mi propio destino
Yo le tiendo la mano al amigo
Pero al rico jamás me le humillo.

Resumo

O sistema de negação verbal do Português Brasileiro (PB) apresenta três formas, a saber, pré-verbal, dupla e pós-verbal, conforme pode ser visto, respectivamente, nos exemplos a seguir: (i) *MIC: [91] mas / Michael / eu **não** falo nesse sentido // (ii) *DOM: [101] cês **nũ** lêem isso mais **não** // (iii) *RUT: [220] participa **não** / minha filha //. Este trabalho tem dois objetivos principais: (i) apresentar uma revisão crítica da literatura sobre a negação verbal e (ii) a partir daí, analisar os dados de negação verbal do *corpus* C-ORAL-BRASIL (RASO & MELLO, 2012). O C-ORAL-BRASIL é um corpus de referência do PB falado informal. Esse corpus é constituído de 208.130 palavras distribuídas em 139 textos, divididos entre interações familiar/privada e pública. As gravações cobrem uma gama de situações de fala, já que o principal objetivo do corpus é capturar o maior número possível de atos de fala, compondo desse modo uma variação diafásica representativa. O corpus C-ORAL-BRASIL é arquitetado segundo a Teoria da Língua em Ato [TLA] (CRESTI, 2000). Através da análise dos dados, foi constatado que há vários contraexemplos às pesquisas anteriores, no que concerne à pragmática e à sintaxe das sentenças negativas. Os principais contraexemplos mostram que a negação pós-verbal pode negar conteúdo novo, não diretamente ativado no discurso e pode não negar a assertabilidade de uma proposição anterior, a negação dupla pode negar conteúdo novo no discurso, a negação pós-verbal pode ocorrer com sujeito exposto, em orações encaixadas, a negação dupla pode ocorrer em orações infinitivas e em coordenadas. A análise dos dados também permitiu caracterizar a negação em termos prosódico-informacionais, isto é, propor restrições na realização das três formas. A negação pré-verbal mostrou uma distribuição livre em relação às unidades informacionais textuais: ela pode ocorrer em todas as unidades informacionais textuais, como COM, COB, CMM, TOP, APT, APC, PAR e INT, ao passo que a negação pós-verbal só pode ocorrer em unidades ilocucionárias, como COM, COB e CMM. A negação dupla ocorre majoritariamente em unidades ilocucionárias: COM, COB e CMM, no entanto houve três casos em que ela ocorreu na unidade textual de PAR. Isso mostra que a negação dupla pode herdar traços funcionais tanto da negação pré-verbal, quanto da pós-verbal, opondo-se assim às hipóteses que caracterizam as três formas contendo traços distintos.

Abstract

Brazilian Portuguese (BP) verbal negation system has three forms, namely, pre-verbal, double and post-verbal, as can be seen, respectively, in the following examples: (i) *MIC: [91] mas / Michael / eu **não** falo nesse sentido // (ii) *DOM: [101] cês **nũ** lêem isso mais **não** // (iii) *RUT: [220] participa **não** / minha filha //. This dissertation has two main objectives: (i) present a critical review of the literature on verbal negation and (ii) thereafter, analyzing the verbal negation data of the corpus C-ORAL-BRASIL (RASO & MELLO, 2012). The C-ORAL-BRASIL is a reference corpus of informal spoken PB. This corpus consists of 208,130 words divided into 139 texts, divided between family/private and public interactions. The recordings cover a range of speech situations, since the main purpose of the corpus is to capture the largest possible number of speech acts, making this a representative diaphasic variation. The C-ORAL-BRASIL corpus is architected according to Language Theory in Act [TLA] (Cresti 2000). By analyzing the data, it was found that there are many counterexamples to previous research, concerning the pragmatic and syntax of negative sentences. The main counterexamples show that the post-verbal negation can negate new information, information not directly activated in the speech and can not negate the assertability from a previous proposition, the double negative can negate new information in the speech, post-verbal negation can occur with subject expressed in embedded clauses, the double negative can occur in infinitive and coordinated clauses. Data analysis also allowed characterize the negation in prosodic-informational terms, i.e. propose restrictions on the realization of three forms. The pre-verbal negation showed a free distribution relative to the textual informational units: it can occur in all textual informational units, such as COM, COB, CMM, TOP, APT, APC, INT and PAR, while post-verbal negation can only occur in illocutionary units, such as COM, COB and CMM. The double negation occurs mainly in illocutionary units: COM, COB and CMM, however there have been three cases in which it took place in the textual unit PAR. This shows that double negation can inherit functional features of both preverbal negation, as the post-verbal, opposing so the assumptions that characterize the three forms containing distinct features.

Lista de Figuras

Figura 1 – Ciclo de Jespersen de acordo com Hoeksema (2009)	37
Figura 2 – Ciclo de Jespersen de acordo com van der Auwera (2009)	38
Figura 3 – Plataforma DB-IPIC	104
Figura 4 – Plataforma DBCoM	105
Figura 5 – Interface do <i>software</i> WinPitch	105

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Frequência da distribuição da negação verbal em dados do PB extraídos de diferentes estudos	33
Gráfico 2 – Frequência da realização da forma plena e da forma reduzida do advérbio negativo pré-verbal baseado nas transcrições do <i>corpus</i> C-ORAL-BRASIL	41
Gráfico 3 – Distribuição dos dados de negação dupla do <i>corpus</i> C-ORAL-BRASIL segundo a hipótese de Schwenter (2005)	123
Gráfico 4 – Distribuição dos dados de negação pós-verbal do <i>corpus</i> C-ORAL-BRASIL segundo a hipótese de Schwenter (2005)	127

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Distribuição da negação verbal no <i>corpus</i> C-ORAL-BRASIL (RASO; MELLO, 2012): Belo Horizonte/MG e região metropolitana, majoritariamente.....	28
Tabela 2 – Distribuição da negação verbal em dados do Projeto Vertentes do Português Rural da Bahia: comunidades de Cinzento, Rio de Contas e Sapé (CAVALCANTE, 2007).....	28
Tabela 3 – Distribuição da negação verbal em dados de Roncarati (1996): Fortaleza/CE	28
Tabela 4 – Distribuição da negação verbal em dados de Sousa (2004): Helvécia/BA ...	28
Tabela 5 – Distribuição da negação verbal em dados de Cunha (1996; 2001): Natal/RN	29
Tabela 6 – Distribuição da negação verbal em dados de Camargos (2000): Belo Horizonte/MG.....	29
Tabela 7 – Distribuição da negação verbal em dados de Alkmim (1999): Mariana/MG	29

Tabela 8 – Distribuição da negação verbal em dados de Alkmim (1999): Pombal/MG	29
Tabela 9 – Distribuição da negação verbal em dados de Santana; Nascimento (2011): Matinha/BA	29
Tabela 10 – Distribuição da negação verbal em dados de Seixas et al (2012): Piranga/MG	29
Tabela 11 – Distribuição da negação verbal em dados de Reimann; Yacovenco (2011): Vitória/ES	30
Tabela 12 – Distribuição da negação verbal em dados de Goldnadel et al (2013): Porto Alegre/RS	30
Tabela 13 – Distribuição da negação verbal em dados de Goldnadel et al (2013): Curitiba/PR.....	30
Tabela 14 – Distribuição da negação verbal em dados de Goldnadel et al (2013): Florianópolis/SC.....	30
Tabela 15 – Distribuição da negação verbal em dados de Rocha (2013): São Paulo/SP	30
Tabela 16 – Distribuição da negação verbal em dados de Rocha (2012): São Paulo/SP	30
Tabela 17 – Distribuição da negação verbal em dados do <i>corpus</i> D&G: Rio de Janeiro/RJ	31
Tabela 18 – Distribuição da negação verbal em dados do <i>corpus</i> D&G: Niterói/RJ	31
Tabela 19 – Distribuição da negação verbal em dados do <i>corpus</i> D&G: Juiz de Fora/MG	31
Tabela 20 – Distribuição da negação verbal em dados do <i>corpus</i> D&G: Rio Grande/RS	31
Tabela 21 – Distribuição da negação verbal em dados do Banco Conversacional: Natal/RN.....	31
Tabela 22 – Distribuição da negação verbal em dados do NURC: Salvador/BA	32
Tabela 23 – Distribuição da negação verbal em dados do <i>corpus</i> PEUL: Rio de Janeiro/RJ	32
Tabela 24 – Distribuição da negação verbal em dados do Banco de Dados Interacionais: Rio de Janeiro/RJ	32
Tabela 25 – Distribuição da negação verbal em dados de Aragão; Soares (1996): Fortaleza/CE.....	32

Tabela 26 – Distribuição da negação verbal em dados de Sousa (2005): Mariana/MG	32
Tabela 27 – Distribuição da negação verbal em dados do projeto ALiB, Cavalcante (2004): Salvador/BA	33
Tabela 28 – Distribuição da população negra no Brasil segundo região – 2005.....	35
Tabela 29 – BP negatives, by information status of the negated proposition	66
Tabela 30 – Distribuição da negação verbal no <i>corpus</i> C-ORAL-BRASIL	114
Tabela 31 – BP negatives, by information status of the negated proposition	115
Tabela 32 – Distribuição informacional da negação verbal no PB	133
Tabela 33 – Distribuição da negação verbal no <i>corpus</i> C-ORAL-BRASIL segundo sua tipologia sintática.....	142
Tabela 34 – Distribuição da negação segundo sexo	155
Tabela 35 – Distribuição da negação segundo faixa etária	155
Tabela 36 – Distribuição da negação segundo nível de escolaridade.....	156
Tabela 37 – Distribuição da negação pós-verbal segundo tipologia textual	156
Tabela 38 – Distribuição da negação dupla segundo tipologia textual	156
Tabela 39 – Distribuição da negação pré-verbal segundo tipologia textual.....	157

Lista de abreviaturas e siglas

_r	Unidade em discurso reportado
ALL	Alocutivo
APC	Apêndice de Comentário
APT	Apêndice de Tópico
b	Brasileiro (Português)
fam	Familiar
pub	Público
cv	Conversação
dl	Diálogo
mn	Monólogo
CMM	Comentário Múltiplo
CNT	Conativo
COB	Comentário Ligado
COM	Comentário
DCT	Conector Discursivo
EMP	Unidade informacionalmente vazia
EXP	Expressivo
i-	Unidade informacional interrompida
INP	Incipitário
INT	Introdutor Locutivo
LEEL	Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem
Neg	Negação
NEG1	Negação pré-verbal
NEG2	Negação dupla
NEG3	Negação pós-verbal
PAR	Parentético
PB	Português do Brasil
PE	Português Europeu
PHA	Fático
PRL	Lista de Parentéticos
SCA	Unidade informacional escandida
TLA	Teoria da Língua em Ato
TMT	Tomada de Tempo
TOP	Tópico
V	Verbo

Sumário

1	INTRODUÇÃO	20
2	OS ESTUDOS SOBRE A NEGAÇÃO VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	23
2.1	A ABORDAGEM DO CONTATO LINGUÍSTICO.....	24
2.1.2	Breve comentário sobre a abordagem do contato linguístico.....	35
2.2	A ABORDAGEM DA MUDANÇA CÍCLICA	36
2.2.1	Breve comentário sobre a abordagem da mudança cíclica.....	38
2.3	A PROPOSTA DA CLITICIZAÇÃO DO ADVÉRBIO NEGATIVO PRÉ- VERBAL	39
2.3.1	Breve comentário sobre a proposta de cliticização	43
2.4	A ABORDAGEM FUNCIONALISTA	44
2.4.1	Breve comentário sobre a abordagem funcionalista	47
2.5	A PROPOSTA DA IMPLEMENTAÇÃO DA NEGAÇÃO DUPLA NA ESCRITA.....	49
2.5.1	Breve comentário sobre a hipótese da implementação da negação dupla na escrita	51
2.6	A PROPOSTA DA NEGAÇÃO DUPLA COMO INOVAÇÃO LINGUÍSTICA	52
2.6.1	Breve comentário sobre a proposta da inovação linguística	56
2.7	A ABORDAGEM DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	56
2.7.1	Breve comentário sobre a abordagem variacionista.....	59
2.8	A ABORDAGEM PRAGMÁTICA	61
2.8.1	Breve comentário sobre a abordagem pragmática	70
2.9	A ABORDAGEM DA SINTAXE FORMAL	72
2.9.1	Breve comentário sobre a abordagem da sintaxe formal	77
2.10	RESUMO DO CAPÍTULO	77
3	A TEORIA DA LÍNGUA EM ATO	78
3.1	AS UNIDADES INFORMACIONAIS	84
3.1.1	Comentário (COM)	85
3.1.2	Tópico (TOP).....	86
3.1.3	Apêndices (APC e APT)	87
3.1.4	Parentético (PAR).....	87

3.1.5	Introdutor Locutivo (INT)	88
3.1.6	Incipitário (INP)	89
3.1.7	Conativo (CNT).....	89
3.1.8	Fático (PHA)	90
3.1.9	Alocutivo (ALL)	90
3.1.10	Expressivo (EXP).....	91
3.1.11	Conector Discursivo (DCT)	91
3.2	QUEBRA DO ISOMORFISMO SUSTENTADO PELO PRINCÍPIO ILOCUTIVO.....	92
3.2.1	Unidade de Escansão	92
3.2.2	Comentários Múltiplos (CMM).....	92
3.2.3	Comentários Ligados (COB).....	93
3.3	RESUMO DO CAPÍTULO	94
4	A NOÇÃO DE SINTAXE NA TEORIA DA LÍNGUA EM ATO.....	95
4.1	RESUMO DO CAPÍTULO	100
5	FERRAMENTAS E FONTES DE DADOS DA PESQUISA.....	100
5.1	O CORPUS C-ORAL-ROM.....	100
5.2	O CORPUS C-ORAL-BRASIL.....	102
5.3	AS PLATAFORMAS DB-IPIC E DBCoM	104
6	ANÁLISE DOS DADOS	106
6.1	DISTRIBUIÇÃO DA NEGAÇÃO VERBAL NOS TEXTOS DO CORPUS C-ORAL-BRASIL	106
6.2	ANÁLISE DO ESTATUTO DO REFERENTE NEGADO.....	114
6.3	RESTRICÇÃO PROSÓDICO-INFORMACIONAL SOBRE O USO DAS FORMAS NÃO CANÔNICAS DE NEGAÇÃO VERBAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	129
6.4	ASPECTOS SINTÁTICOS DA NEGAÇÃO VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	134
6.4.1	Características sintáticas da negação no PB	134
6.4.2	Tipologia sintática dos enunciados com negação verbal do corpus C-ORAL-BRASIL	137
6.5	EXEMPLO DA FUNÇÃO DA UNIDADE DE APÊNDICE DE COMENTÁRIO (APC)	143
6.6	CONTRAEXEMPLO SOBRE O ESCOPO DA SINTAXE NA TEORIA DA LÍNGUA EM ATO.....	146

6.7	CONTRAEXEMPLOS SOBRE CONSIDERAÇÕES ACERCA DA NEGAÇÃO PÓS-VERBAL	147
6.8	CONTRAEXEMPLOS À CLASSIFICAÇÃO DE SOUSA (2012a).....	151
6.9	ASPECTOS DIATRÁSTICOS.....	155
6.10	RESTRIÇÃO DA NEGAÇÃO PÓS-VERBAL EM MONÓLOGOS.....	158
6.11	PRAGMÁTICA DA NEGAÇÃO VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO 161	
6.12	RESUMO DO CAPÍTULO	165
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
	REFERÊNCIAS	168

1 INTRODUÇÃO

A negação verbal¹ é amplamente estudada sob diferentes referenciais teóricos e arcabouços metodológicos². As investigações semânticas, pragmáticas e prosódicas, por exemplo, refletem a importância do estudo da negação na Linguística contemporânea³. A negação verbal, tipologicamente considerada um universal linguístico⁴, se caracteriza por ser uma estrutura gramaticalmente complexa, isto é, uma sentença negativa seria mais complexa tanto do ponto de vista formal (lexical-morfológico) quanto do ponto de vista semântico em relação a uma sentença declarativa comum, como discutido a partir dos exemplos (1) e (2) abaixo:

- (1) O avião decolou às 17:30h.
- (2) O avião não decolou às 17:30h.

O que pode ser notado através do par de sentenças acima é que (2) seria morfológicamente mais complexa do que (1) porque há uma palavra a mais, a saber, o advérbio *não*. Semanticamente, (2) também seria mais complexa, uma vez que (1) expressa uma proposição (p), e (2) nega essa proposição ($\sim p$). De acordo com Miestamo (2005), a função da negação verbal seria modificar a oração que exibe uma proposição p, tal que essa oração modificada expresse a proposição com o valor de verdade oposto, isto é, $\sim p$. A forma como cada língua natural expressa $\sim p$ varia significativamente, a ponto de ser possível classificá-las tipologicamente tendo como parâmetro a forma como cada uma expressa a negação verbal. Miestamo (2007) apresenta uma classificação tipológica dividida em sistemas simétricos, assimétricos e simétricos/assimétricos da negação verbal com exemplos de várias línguas. Essa classificação estabelece basicamente que as línguas em que o sistema de negação é

¹ A terminologia varia na literatura. Alguns autores usam os termos *Standard negation* ou negação sentencial.

² A obra *A Natural History of Negation* de Laurence Horn (cf. HORN, 1989), por exemplo, traz um amplo panorama dos estudos sobre a negação desde Aristóteles.

³ Uma vez que “todos os sistemas humanos de comunicação contêm uma representação de negação” (HORN, 1989, p. xiii), é importante que se investigue as diferenças da negação dentro do sistema linguístico das línguas naturais, a fim de constatar como se dá seu uso, como ela é representada, qual é sua finalidade, etc.

⁴ Willis, Lucas & Breitbarth (2013) afirmam que “a negação é uma das poucas categorias gramaticais universais: toda língua parece ter alguma instância gramaticalizada para negar a verdade de uma sentença declarativa comum” (op. cit., p. 1).

simétrico, a estrutura de uma sentença negativa é a mesma da afirmativa, exceto pela presença de um marcador de negação. Já nas línguas que apresentam um sistema assimétrico, a estrutura da sentença negativa difere da estrutura da afirmativa. Por último, há línguas que apresentam um sistema misto, isto é, ora simétrico, ora assimétrico⁵. Tomando as sentenças (1) e (2) acima como exemplo, é possível notar que a língua portuguesa apresentaria um sistema simétrico de negação, haja vista que a estrutura da sentença negativa não difere da sentença afirmativa, a única alteração é a inserção de um operador de negação, nesse caso, o advérbio *não*. Grande parte das línguas da Europa continental apresenta um sistema simétrico de negação, entre essas línguas, pode-se citar o espanhol, o grego, o albanês, o italiano, o húngaro, o alemão, o francês, o russo e o ucraniano, por exemplo (cf. MIESTAMO, 2013).

A classificação tipológica da negação nas línguas naturais é bastante rica. Ela não se esgota apenas nos sistemas simétricos e assimétricos propostos por Miestamo. Há, por exemplo, a classificação que divide as línguas com respeito ao estatuto do marcador de negação. Esse marcador pode se manifestar morfológicamente como um afixo, nesse caso a negação pode ser prefixal (como em *letão*), sufixal (como em *lezgui*⁶) e circumfixal (como em *chukchi*⁷). Há também a manifestação sintática por meio de um marcador não-flexionado (como em *indonésio*) ou por um verbo auxiliar (como em *finlandês*)⁸. Mais uma vez, tomando as sentenças (1) e (2) como exemplo, o português é uma língua em que o marcador de negação se manifestaria sintaticamente, ou seja, por meio de um marcador não-flexionado que precede o verbo, nesse caso, o advérbio *não*. Dentro da classificação das línguas em que o marcador se manifesta sintaticamente, haveria ainda subgrupos divididos em relação à posição em que o marcador de negação ocupa na sentença. Sobre essa classificação, haveria as línguas em que o marcador é canonicamente pré-verbal (como em *espanhol*), pós-verbal (como em *sueco*) ou descontínuo. O último caso ocorreria, por exemplo, no francês, em que há dois marcadores de negação ocorrendo simultaneamente na sentença: [*ne ... pas*]. Contudo, as línguas naturais não são sistemas rígidos em que a estrutura é composta apenas de parâmetros canônicos. O francês apresenta a negação descontínua [*ne ... pas*],

⁵ Não é o escopo deste texto apresentar a classificação tipológica da negação nas línguas naturais. Para uma visão mais detalhada, com exemplos, remeto o leitor ao texto de Miestamo (2007).

⁶ Língua falada na Rússia, Azerbaijão, Geórgia, Cazaquistão, Quirguistão, Turquia, Turcomenistão, Ucrânia e Uzbequistão (ETHNOLOGUE, 2015).

⁷ Língua falada na Rússia (ETHNOLOGUE, 2015).

⁸ Sobre a classificação morfológica e sintática do marcador de negação nas línguas citadas acima, cf. Miestamo (2007).

mas também a negação pós-verbal [V pas], sendo a última a estrutura mais utilizada na fala (cf. JESPERSEN, 1917; ASHBY, 1976). O português brasileiro (PB), por sua vez, apresenta três formas de negação verbal, a saber, pré-verbal [Neg V], dupla⁹ [Neg V Neg] e pós-verbal [V Neg], conforme os exemplos apresentados abaixo:

- (3) A Guchi não visitou Florianópolis.
- (4) A Guchi não visitou Florianópolis não.
- (5) A Guchi visitou Florianópolis não.

Como mostram os exemplos acima, há três formas de negação verbal no PB. Duas questões principais podem ser feitas sobre esse fato: (i) Por que há três formas de negação verbal no PB? e (ii) Se o valor de verdade da sentença não se altera em nenhuma das três formas, a ocorrência de cada uma delas no evento de fala se dá de forma aleatória ou há fatores específicos que restringem o uso de cada forma em determinado contexto ou situação comunicativa? Através da revisão bibliográfica, na próxima seção, procurar-se-ão respostas a essas perguntas.

Este trabalho está dividido nas seguintes partes: primeiramente, apresenta-se um capítulo de revisão bibliográfica com apontamentos críticos no final de cada seção. O intuito do capítulo 1 é tornar ampla a discussão dos estudos prévios, bem como fornecer ao leitor uma elucidação das teorias ou explicações sobre a negação que já foram feitas. O capítulo 2 oferece uma visão panorâmica da Teoria da Língua em Ato [TLA] (CRESTI, 2000), que serviu de base para a arquitetura do *corpus* C-ORAL-BRASIL (RASO & MELLO, 2012), bem como para uma parte da análise dos dados deste trabalho. O capítulo 3 é dedicado à Sintaxe na TLA e mostra como essa teoria analisa a sintaxe das línguas. Esse capítulo servirá de base também para considerações dos dados analisados no capítulo 6. O capítulo 5 mostra as fontes de pesquisa que foram consideradas neste trabalho, isto é, as ferramentas utilizadas e a fonte de dados do trabalho (o *corpus* C-ORAL-BRASIL). Também é apresentado o projeto maior em que o C-ORAL-BRASIL está inserido, o C-ORAL-ROM. O capítulo 6 é dedicado à análise dos dados. Nesse capítulo são testadas hipóteses, mostrados contraexemplos a estudos

⁹ Há diferenças entre a chamada negação descontínua do francês [ne ... pas] e a negação dupla do PB [não V não], a mais evidente é que no PB há a duplicação do advérbio *não*, o que não acontece no francês. PB: (i) Eu *não* trabalho *não*; FR: (ii) Je *ne* travaille *pas* (iii)*Je *ne* travaille *ne*. Além disso, o elemento *pas* do francês deve estar sempre contíguo ao verbo, o que necessariamente não ocorre com o segundo *não* no PB. Note-se o exemplo: (iv) A Graciela *não* gosta de ir em festas onde não há cerveja *não*.

prévios, quantificação de dados, bem como uma proposta para o fenômeno investigado. Por fim, as considerações finais são apresentadas.

2 OS ESTUDOS SOBRE A NEGAÇÃO VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Este capítulo tem por objetivo apresentar um panorama dos estudos sobre a negação verbal no Português Brasileiro (PB) conduzidos sobre o prisma de diferentes visões teóricas e abordagens metodológicas. É importante destacar que cada estudo apresenta um objetivo distinto, embora em alguns pontos eles possam convergir. As fontes, o tipo de dado e a forma como os dados são tratados também é um fator relevante para que os estudos cheguem a conclusões diferentes. Os principais objetivos encontrados nos estudos prévios sobre a negação verbal no PB são de (a) identificar a origem das formas não canônicas (b) datar a implementação das formas não canônicas na escrita (c) verificar a variação entre as formas e prever um possível processo de mudança linguística (d) verificar um processo gramaticalização envolvendo a cliticização de formas tônicas a formas átonas (e) propor uma tipologia de restrições no uso das três formas no discurso (f) postular a posição que ocupa a negação numa *phrase grammar*, identificando restrições sintáticas (g) identificar razões para que haja o processo de gramaticalização da negação. A importância de uma revisão bibliográfica é situar o leitor em relação ao que já foi estudado sobre o fenômeno em questão e, de certa forma, justificar por que tal fenômeno merece um novo estudo. Desse modo, após a apresentação de cada tipo de estudo será feito um breve comentário crítico a respeito de algumas de suas características. É importante mencionar que a revisão que será apresentada não é exaustiva, no sentido de apresentar detalhes dos estudos. Assim, para uma visão aprofundada das teorias e hipóteses, remetemos o leitor aos textos originais citados em cada seção deste capítulo.

Há duas formas de se analisar a origem da negação no PB: a abordagem extralinguística (ou pelo contato linguístico) e a abordagem intralinguística (ou pela mudança interna da língua). Nas duas subseções seguintes serão apresentadas a abordagem extralinguística e a abordagem intralinguística. Vale mencionar que as linhas teóricas de estudo da negação no PB podem se vincular a uma ou a outra abordagem de gênese do fenômeno em questão.

2.1 A ABORDAGEM DO CONTATO LINGUÍSTICO

Tradicionalmente, não há discordância entre os estudiosos em relação à influência das línguas indígenas e africanas no léxico do PB. É certo que há controvérsias em relação à etimologia de alguns vocábulos. No entanto, é atribuída uma origem africana ou indígena a várias palavras do léxico PB. Algumas são atestadas no *corpus* C-ORAL-BRASIL. De origem africana se encontram, por exemplo, as palavras *bunda*, *cochilar*, *cachimbo*, *maconha*, *moleque* e *samba*. De origem indígena se encontram, por exemplo, *abacaxi*, *capixaba*, *carioca*, *jararaca*, *mandioca*, *sucuri*, *tatu* e *tucano*.

Palavras de origem africana¹⁰:

(1) bpubmn08:

*LUC: [31] aí tem uma mulher que ele [/2] no / café que ele toma lanche / que é perto lá do trabalho dele / e / a / garçõnete / ele fica obcecado pela **bunda** da garçõnete hhh //

(2) bfammn05:

*CAR: [141] porque o acidente foi &oco [/1] ocorrido com ele / né / ele tava no caminhão / ele **cochilou** no volante /

(3) bfamdl09:

*LUC: [453] aqui / isso ã é um **cachimbo** //

(4) bfamdl20:

*OSM: [234] mas e' ã rouba ão / e' só vende / **maconha** mesmo //

(5) bfamdl23:

*BAR: [85] inclusive é um **molequinho** aí //

(6) bpubcv05:

¹⁰ A etimologia das palavras em (1)-(3) e (5)-(6) pode ser consultada em Mendonça (2012), já a da palavra em (4) pode ser consultada através do dicionário Michaelis *online*.

*WIL [223] não / posso &dan [/2] eu / posso vir pa dançar um **samba** / pa dançar / alguma coisa diferente //

Palavras de origem indígena¹¹:

(7) bpubdl07:

*PAT: [340] ah não / Jader / eu vou ficar muito / &m [/1] mais / feliz se você pegar um **abacaxi** inteiro e comer //

(8) bfammn12:

*JUN: [173] é uma banda / **capixaba** //

(9) bfamcv07:

*BRU: [233] hhh é uma coisa absolutamente cult / tirada de um funkão **carioca** / pornográfico //

(10) bfamdl31:

*LIQ: [523] / <é uma> **jararaca** //

(11) bfamcv18:

*HER: [314] / <podia> escorrer aquela **mandioca** nessa caixa //

(12) bfammn01:

*DUD: [77] nã é **sucuri** não //

(13) bfammn14:

*ANT: [243] o **tatu** / igual esse o [/1] tem o [/1] esse testa //

(14) bfammn14:

*HEL: [417] tem <**tucano**> //

¹¹ A etimologia das palavras (7)-(14) pode ser consultada em Bíziková (2008).

Como se pode notar através dos exemplos acima, o léxico do PB conserva palavras de origem das línguas dos povos que contribuíram diretamente para a formação do povo brasileiro. Pelo fato de ter havido o contato linguístico entre povos de diferentes etnias durante séculos de história da gênese da sociedade brasileira, é importante conhecer como ocorreu a formação do PB. É esse o objetivo dos linguistas que propõem a hipótese da emergência de características morfossintáticas, fonológicas, semânticas e lexicais no PB contemporâneo por meio do contato linguístico. A investigação da formação do PB é bastante complexa e requer que o pesquisador se livre de ideologias. A esse respeito, Mello (1996) diz que “as crenças ideológicas dos pesquisadores às vezes ainda parecem interferir no difícil processo de alcançar conclusões acerca das origens do BVP”¹² (MELLO, 1996, p. 66)¹³. Considerando a situação sócio-histórica e os aspectos linguísticos que deram origem ao PB, uma pergunta a ser feita é: como é possível que durante séculos de contato linguístico a contribuição das línguas indígenas e africanas esteja presente apenas no nível lexical? Para Mello (2008), “a história de uma língua está diretamente associada à história da geração de seus falantes” (MELLO, 2008, p. 297). Nesse sentido, a contribuição das línguas indígenas e, sobretudo, das africanas apresentaria um escopo muito maior na formação do PB do que aquela registrada apenas no nível lexical. Sobre isso, Meggenney (1998) diz que

[o]s falares de base africana, que seguramente começaram nas senzalas, nas plantações, e nos quilombos, e depois, no século XIX, nos centros urbanos da costa, são os responsáveis pela natureza do português brasileiro de hoje em todos os níveis lingüísticos (o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico) (MEGENNEY, 1998, p. 80-81).

Segundo Mello (1996), a formação do PB se deu através de uma complexa interação de vários processos linguísticos, como “nivelamento dialetal, interferência de primeira língua, mudança linguística e empréstimo linguístico” (MELLO, 1996, p.

¹² BVP é uma sigla para Brazilian Vernacular Portuguese [Português Brasileiro Vernáculo]. A autora o define nessa passagem: “the Portuguese dialects spoken by the first generations of colonizers became the Portuguese spoken by the white children who grew up with slaves, which is the language variety called BVP” (MELLO, 1996, p. 272).

¹³ Tradução nossa para “the ideological beliefs of researches still seem to interfere at times with the difficult process of reaching conclusions about the origins of BVP” (MELLO, 1996, p. 66).

22)¹⁴. Portanto, a tarefa de investigação da gênese do PB envolve o conhecimento de processos linguísticos decorrentes de contato, bem como a história da formação da sociedade brasileira.

De acordo com a hipótese do contato, o sistema de negação do PB seria um traço gramatical desenvolvido a partir das complexas relações de contato linguístico que se estabeleceram nos períodos colonial e imperial na história do Brasil. Mello (1996) aponta que “[...] a negação sentencial dupla [...] no PBV também aponta para uma transferência de substrato na aquisição do português do Brasil, dado que esses [traços] são ambos Banto e Kwa” (MELLO, 1996, p. 279)¹⁵. A autora nota que a negação dupla ocorre também em crioulos como o de Cabo Verde (*ka...nãw*), de São Tomé (*na...fa ~ na...fo*), de Angola (*na...wa*) e de Ano-Bom (*na...f*). A hipótese é que esse traço gramatical teria sido transferido ao PB por meio da L1 dos escravos africanos, provavelmente via um português *pidgin* (cf. MELLO, 1996, p. 167). A negação dupla e a pós-verbal são encontradas na língua de falantes de outros territórios americanos onde houve um intenso contato linguístico com as línguas africanas, entres eles o espanhol da República Dominicana, do Equador, do Panamá, da Colômbia e o crioulo Palenquero (cf. MELLO, 1996, p. 41). A negação dupla também é encontrada no Português Angolano (cf. HOLM, 2009). O que há em comum entre todas essas línguas é a influência do substrato africano em suas formações, independente se vieram de um português *pidgin*.

Em pesquisa sobre a negação no PB, Schwegler (1991) encontra um maior número de negativas não canônicas em dados de Salvador do que em dados das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Baxter (1998) sugere a hipótese de que a presença de maior número de negação verbal não canônica no PB falado em Salvador se deva ao fato de que haja um maior número de pessoas de origem africana nessa cidade. Essa hipótese poderia ser verificada com dados de *corpora* homogêneos que apresentassem uma variação diafásica consistente. Atualmente, isso não é possível devido à falta de tais *corpora*. No entanto, pode-se ter algum indício para verificação dessa hipótese através de dados de pesquisas anteriores. Ressalta-se que os dados extraídos dessas pesquisas constituem fontes de diferentes metodologias de coleta. A maioria desses

¹⁴ Tradução nossa para: “dialect leveling, first-language interference, language shift and language borrowing” (MELLO, 1996, p. 22).

¹⁵ Tradução nossa para: “[...] double sentential negation [...] in BVP also point towards substratum transfer in the acquisition of Portuguese in Brazil, given that these were both Bantu and Kwa” (MELLO, 1996, p. 279).

dados provem de entrevistas sociolinguísticas, o que não constitui um fator de homogeneidade – uma vez que não estão balanceados em número de palavras, por exemplo – nem uma variação diafásica representativa, já que apenas um contexto diafásico é representado – a entrevista. A variação diafásica garante que a fala seja estudada nos mais diversos contextos em que é usada, por isso é importante que ela seja considerada no projeto de compilação de um *corpus*. Abaixo as tabelas com os dados são apresentadas¹⁶. Somente os dados do *corpus* C-ORAL-BRASIL, extraídos para esta pesquisa, apresentam variação diafásica.

Tabela 1 – Distribuição da negação verbal no *corpus* C-ORAL-BRASIL (RASO; MELLO, 2012): Belo Horizonte/MG e região metropolitana, majoritariamente

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
2280	706	148	3137
72,7%	22,5%	4,8%	100%

Tabela 2 – Distribuição da negação verbal em dados do Projeto Vertentes do Português Rural da Bahia: comunidades de Cinzento, Rio de Contas e Sapé (CAVALCANTE, 2007)

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
1343	568	115	2026
66%	28%	6%	100%

Tabela 3 – Distribuição da negação verbal em dados de Roncarati (1996): Fortaleza/CE

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
625	149	39	813
77%	18%	5%	100%

Tabela 4 – Distribuição da negação verbal em dados de Sousa (2004): Helvécia/BA

Neg V	Neg (V Neg)	Total
943	465	1408
67%	33%	100%

¹⁶ As datas dos estudos se referem ao ano de publicação do texto, e não ao ano em que as gravações foram coletadas.

Tabela 5 – Distribuição da negação verbal em dados de Cunha (1996; 2001): Natal/RN

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
1268	158	09	1465
88,6%	10,8%	0,6%	100%

Tabela 6 – Distribuição da negação verbal em dados de Camargos (2000): Belo Horizonte/MG

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
687	265	28	980
70%	27%	3%	100%

Tabela 7 – Distribuição da negação verbal em dados de Alkmim (1999): Mariana/MG

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
1791	491	40	2322
77,1%	21,2%	1,7%	100%

Tabela 8 – Distribuição da negação verbal em dados de Alkmim (1999): Pombal/MG

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
412	201	28	692
64,2%	31,3%	4,3%	100%

Tabela 9 – Distribuição da negação verbal em dados de Santana; Nascimento (2011): Matinha/BA

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
420	110	11	541
78%	20%	2%	100%

Tabela 10 – Distribuição da negação verbal em dados de Seixas et al (2012): Piranga/MG

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
1505	1021	79	2605

57%	40%	3%	100%
------------	-----	----	------

Tabela 11 – Distribuição da negação verbal em dados de Reimann; Yacovenço (2011): Vitória/ES

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
721	216	42	979
73,6%	22,1%	4,3%	100%

Tabela 12 – Distribuição da negação verbal em dados de Goldnadel et al (2013): Porto Alegre/RS

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
1402	8	0	
99,4%	0,6%	--	100%

Tabela 13 – Distribuição da negação verbal em dados de Goldnadel et al (2013): Curitiba/PR

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
1371	37	0	
97,4%	2,6%	--	100%

Tabela 14 – Distribuição da negação verbal em dados de Goldnadel et al (2013): Florianópolis/SC

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
1018	47	0	
95,6%	4,4%	--	100%

Tabela 15 – Distribuição da negação verbal em dados de Rocha (2013): São Paulo/SP

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
5279	324	4	5607
94%	5,8%	0,2%	100%

Tabela 16 – Distribuição da negação verbal em dados de Rocha (2012): São Paulo/SP

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
940	117	4	1061
88%	11%	1%	100%

Tabela 17 – Distribuição da negação verbal em dados do *corpus* D&G: Rio de Janeiro/RJ

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
886	81	2	969
91,4%	8,4%	0,2%	100%

Fonte: (CUNHA, 2000 *apud* SOARES, 2009)

Tabela 18 – Distribuição da negação verbal em dados do *corpus* D&G: Niterói/RJ

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
161	14	0	175
92%	8%	--	100%

Fonte: (CUNHA, 2000 *apud* SOARES, 2009)

Tabela 19 – Distribuição da negação verbal em dados do *corpus* D&G: Juiz de Fora/MG

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
301	51	1	353
85,3%	14,4%	0,3%	100%

Fonte: (CUNHA, 2000 *apud* SOARES, 2009)

Tabela 20 – Distribuição da negação verbal em dados do *corpus* D&G: Rio Grande/RS

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
267	0	0	267
100%	--	--	100%

Fonte: (CUNHA, 2000 *apud* SOARES, 2009)

Tabela 21 – Distribuição da negação verbal em dados do Banco Conversacional: Natal/RN

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
--------------	------------------	--------------	--------------

308	96	62	466
66%	21%	13%	100%

Fonte: (CUNHA, 2000 *apud* SOARES, 2009)

Tabela 22 – Distribuição da negação verbal em dados do NURC: Salvador/BA

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
460	22	0	482
95%	5%	--	100%

Fonte: (CUNHA, 2000 *apud* SOARES, 2009)

Tabela 23 – Distribuição da negação verbal em dados do *corpus* PEUL: Rio de Janeiro/RJ

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
951	205	11	1167
81%	18%	1%	100%

Fonte: (PAIVA, 1999 *apud* Soares, 2009)

Tabela 24 – Distribuição da negação verbal em dados do Banco de Dados Interacionais: Rio de Janeiro/RJ

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
513	102	25	640
80%	16%	4%	100%

Fonte: (RONCARATI, 1996 *apud* SOARES, 2009)

Tabela 25 – Distribuição da negação verbal em dados de Aragão; Soares (1996): Fortaleza/CE

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
1275	273	99	1647
77%	17%	6%	100%

Fonte: Soares (2009)

Tabela 26 – Distribuição da negação verbal em dados de Sousa (2005): Mariana/MG

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
--------------	------------------	--------------	--------------

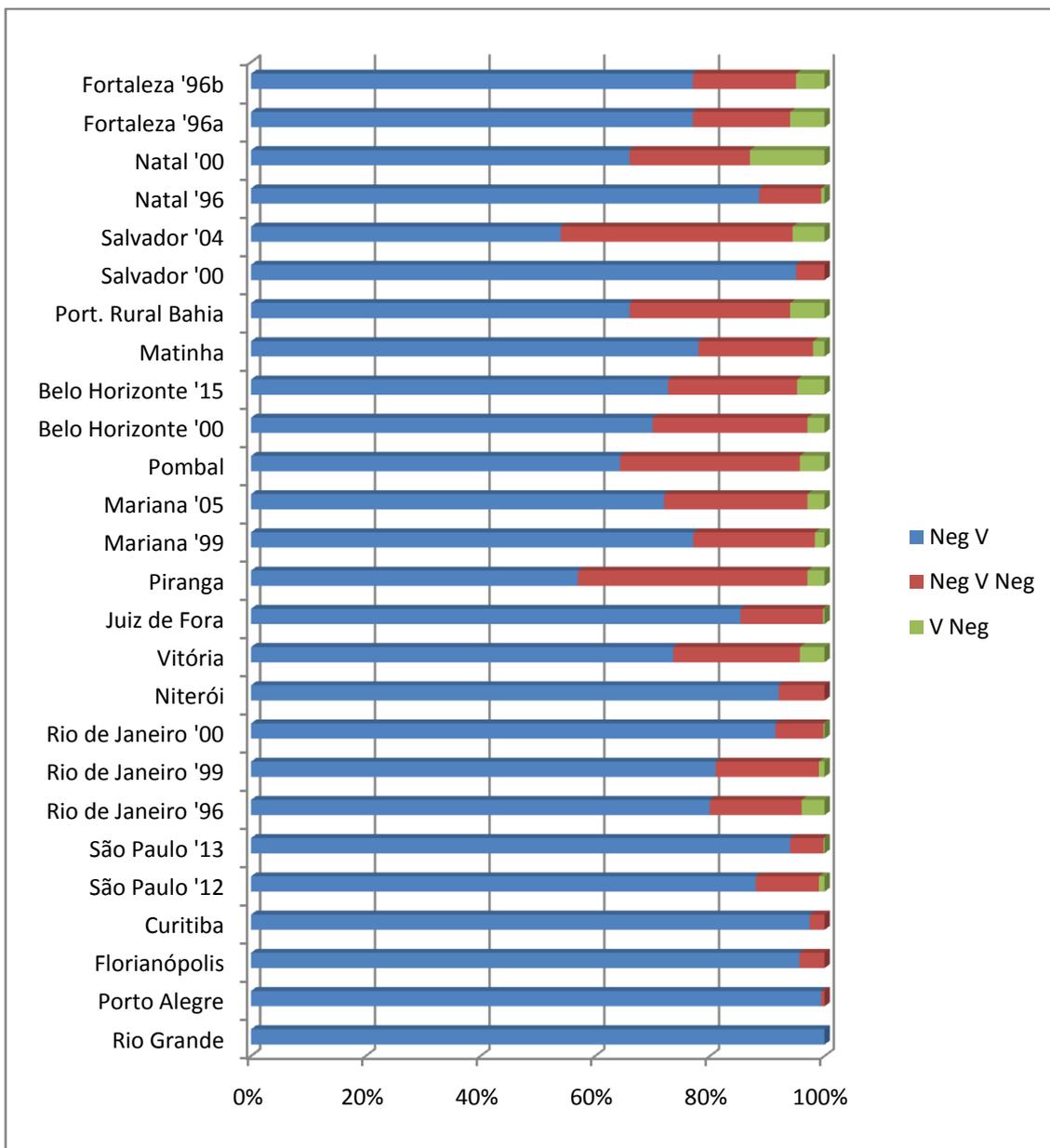
1648	580	56	2284
72%	25%	3%	100%

Tabela 27 – Distribuição da negação verbal em dados do projeto ALiB, Cavalcante (2004): Salvador/BA

Neg V	Neg V Neg	V Neg	Total
271	203	28	503
53,87%	40,35%	5,56%	100%

Abaixo apresentamos um gráfico com os dados das pesquisas mostradas nas tabelas acima:

Gráfico 1 – Frequência da distribuição da negação verbal em dados do PB extraídos de diferentes estudos



Embora, como mencionado anteriormente, os dados não sejam coletados de forma metodologicamente homogênea nem estejam normalizados, é possível vislumbrar, ainda que de forma incipiente, que a hipótese que Baxter (1998) lançou, poderia estar correta. Salientamos que de forma alguma o gráfico acima confirma a hipótese de Baxter (1998). Entretanto, o que pode ser visto a partir desse gráfico é que nas cidades do sul do país a presença da negação dupla e da pós-verbal é quase nula, ao passo que, a partir de São Paulo (região Sudeste), em que a presença da população afrodescendente cresce, o número de negação dupla e pós-verbal tende a aumentar. A tabela abaixo mostra a distribuição percentual da população negra nas regiões brasileiras:

Tabela 28 – Distribuição da população negra no Brasil segundo região – 2005

	População total da região	População negra %
Região Sul	26999776	3,6%
Região Centro-Oeste	13040246	5,7%
Região Sudeste	78557264	7,2%
Região Nordeste	51065275	7,0%
Região Norte	14726059	3,8%

Fonte: Adaptado de IBGE (2006)

A compilação de *corpora* de fala espontânea representativos de cada região do país seria um passo importante para testar a hipótese explorada acima. Tomando os dados da tabela acima é possível notar que há, contudo, casos em que tal hipótese não seria confirmada, pois em Niterói e Salvador¹⁷ não houve nenhum caso de negação pós-verbal. Para a hipótese de Baxter (1998) ser atestada seria necessário uma quantidade muito grande de dados representando o dialeto de vários municípios brasileiros, bem como uma homogeneidade na forma de coleta de dados, priorizando a variação diafásica, de preferência.

2.1.2 Breve comentário sobre a abordagem do contato linguístico

A abordagem do contato linguístico sobre negação verbal no PB tem por objetivo propor a origem das formas não canônicas na língua. Essa abordagem não pretende verificar se há variação entre as formas. Esse é um ponto importante, tendo em vista que é possível pensar que se as formas não canônicas têm origem nas línguas africanas ou foram transferidas a partir de um português *pidgin* (origem externa), o ciclo de Jespersen (origem interna ou intralinguística) não se aplicaria ao PB. Logo, não haveria variação entre as formas, pois elas se originariam não de um ciclo de mudança, mas de outros processos linguísticos que, a princípio, não envolveriam competição entre possíveis variantes. Nesse sentido, torna-se factível a possibilidade de investigação com

¹⁷ Os dados de Salvador são do NURC, portanto a diastratia e/ou uma situação mais formal de fala poderia ter influenciado nesse resultado.

o objetivo de saber se há e quais seriam as restrições para o uso de cada forma de negação verbal no PB.

A hipótese do contato linguístico requer, entretanto, respaldo empírico suficiente para que seja atestada. É preciso que haja descrições e grande quantidade de dados das línguas africanas, do PB e do Português Europeu (PE). Além disso, como em qualquer pesquisa diacrônica, sempre haverá a limitação de não se dispor de dados de fala de diacronias anteriores.

É preciso salientar que apenas uma pesquisa empírica provida de grande quantidade de dados é possível responder à pergunta lançada por Fonseca (2011), a respeito das formas não canônicas de negação verbal no PB: “Houve influência da sintaxe de línguas africanas na sintaxe do PB falado na Bahia [...]. De outra forma, o que explicaria a ausência dessas formas no PE e em regiões do Brasil onde esses falares africanos não chegaram?” (FONSECA, 2011, p. 206). Há várias perguntas a serem respondidas a respeito da contribuição das línguas africanas na sintaxe do PB. No entanto, é preciso de dados empíricos suficientes para lançar hipóteses.

2.2 A ABORDAGEM DA MUDANÇA CÍCLICA

A abordagem intralinguística tende a não considerar os insumos de outras línguas e os processos extralinguísticos na compreensão do sistema de negação verbal do PB. Os pesquisadores que seguem essa linha de raciocínio consideram a proposta de Jespersen (1917), também conhecida como Ciclo de Jespersen¹⁸ na literatura, como principal base de fundamentação teórica. O Ciclo de Jespersen é sumarizado nas seguintes palavras do próprio autor:

A história das expressões negativas em várias línguas nos faz testemunhar a seguinte curiosa flutuação: o advérbio negativo original primeiramente é enfraquecido, em seguida se torna insuficiente, e depois reforçado, geralmente por meio de uma palavra adicional, e essa, por sua vez, pode ser sentida como a própria negação, e pode, no decorrer do tempo, estar sujeita ao mesmo desenvolvimento da palavra original (JESPERSEN, 1917, p. 4)¹⁹.

¹⁸ Termo cunhado por Dahl (1979).

¹⁹ Tradução nossa para: The history of negative expressions in various languages makes us witness the following curious fluctuation : the original negative adverb is first weakened, then found insufficient and therefore strengthened, generally through some additional word, and this in its turn may be felt as the negative proper and may then in course of time be subject to the same development as the original word.

O autor acreditava que há uma tendência nas línguas naturais para que o advérbio de negação preceda o verbo e que tal advérbio seja enfraquecido no decorrer do tempo, sendo substituído por outra palavra que entra como um adicional de polaridade. Essa palavra então adquire valor negativo, o que posteriormente substituirá o advérbio original que expressava a negação, pois ele tende a desaparecer completamente. O exemplo clássico que o autor apresenta é o caso do francês, que ilustra as três etapas do ciclo nos exemplos abaixo:

- (1) Jeo ne dis.
- (2) Je ne dis pas.
- (3) Je dis pas.

Inicialmente, o francês apresentava apenas o advérbio negativo *ne*, posteriormente entra no sistema a palavra *pas*, que significava “passo”. Contemporaneamente, na fala apenas o *pas* é pronunciado para negar o verbo. É preciso ressaltar que no decurso da história outras palavras “competiram” com o *pas* para ocupar a posição de operador de negação junto com o advérbio *ne*, no entanto apenas o *pas* sobreviveu para expressar a negação. Algumas dessas palavras foram *mie* e *point*, por exemplo (cf. JESPERSEN, 1917). O Ciclo de Jespersen ainda é bastante discutido na literatura. Alguns autores apresentam novas propostas e explicações baseadas no que foi proposto por Jespersen (cf. VAN DER AUWERA, 2009; 2010; HOEKSEMA, 2009 e referências lá citadas). É importante mencionar que embora Jespersen seja lembrado como o autor que propôs o ciclo da negação, outros autores o antecederam no estudo desse ciclo, como Gardiner (1904) e Meillet (1912).

Abaixo são apresentadas duas imagens de representação do ciclo da negação, com menor ou maior grau de complexidade da análise. Na segunda figura, o caso do francês é ilustrado:

Figura 1 – Ciclo de Jespersen de acordo com Hoeksema (2009)

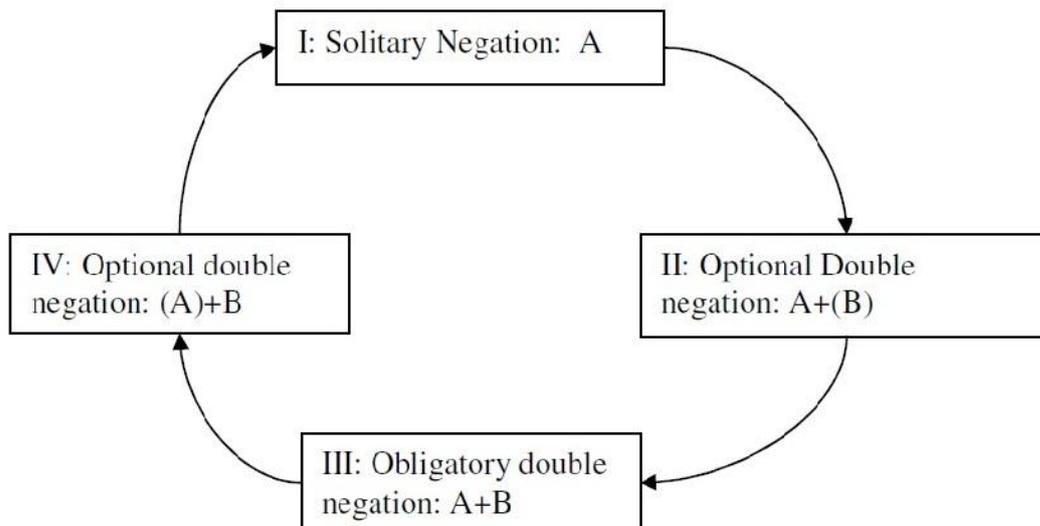
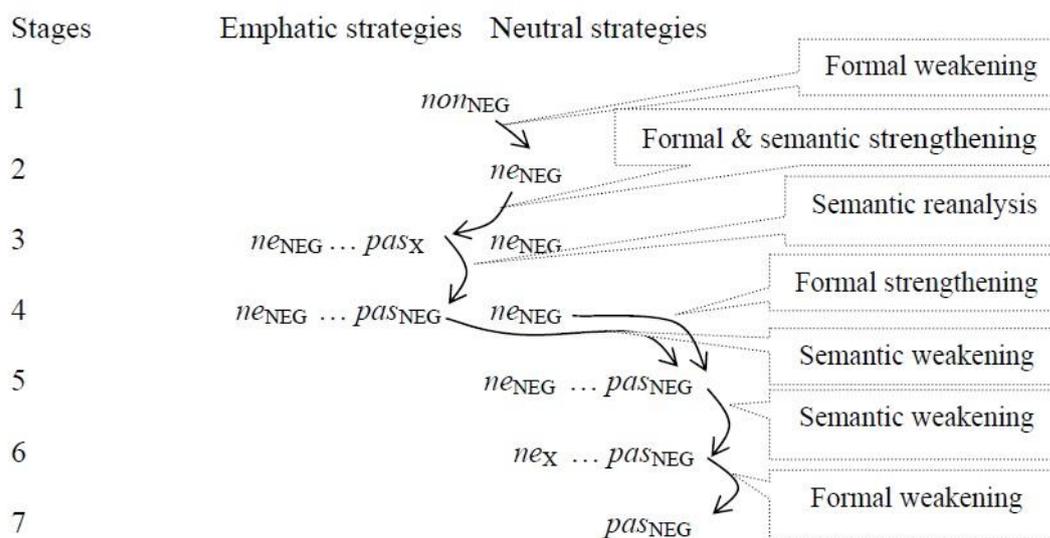


Figura 2 – Ciclo de Jespersen de acordo com van der Auwera (2009)



Hoeksema (2009) cita estudos em que o ciclo foi comprovado em diferentes línguas, tais como latim, francês, grego, alemão, inglês, holandês, galês, árabe, berber, chinês e atabasco. No âmbito brasileiro, muitas vezes a pesquisa de orientação sociolinguística variacionista serve de base para atestar uma mudança em curso a fim de comprovar que o ciclo de Jespersen está de fato atuando no PB.

2.2.1 Breve comentário sobre a abordagem da mudança cíclica

A proposta do ciclo de Jespersen aplicada ao PB significa desconsiderar a história da língua e dos processos que a constituíram e que a torna diferente do Português Europeu (PE). Jespersen não explicou por que ou qual a razão da tendência de haver um enfraquecimento do advérbio de negação nas línguas naturais. Parece que nenhum autor chegou a uma conclusão satisfatória sobre essa proposta. Hoeksema (2009, p. 3), por exemplo, diz que “[b]ut to be frank, it is not entirely clear to me, why this is not, as far as I can tell, the most common way for the negation system to change”. Várias questões podem ser formuladas a esse respeito. Algumas delas são: (i) por que o PE, que é uma língua mais antiga que o PB, não desenvolveu primeiramente as três formas de negação? (ii) qual é a razão de haver um enfraquecimento do advérbio de negação que antecede o verbo nas línguas naturais? (iii) por que no francês um item de polaridade (*pas*) entrou como um adicional, mas não o próprio *ne*, como ocorre no PB (por exemplo, *não* fui *não*)? (iv) qual é a razão para haver uma mudança cíclica na língua? (v) o que está por trás do fenômeno cíclico (enfraquecimento fonético, adicional semântico, marcador pragmático)? No presente momento, a proposta intralinguística parece deixar várias lacunas de explicação sobre a origem e o estabelecimento das três formas de negação no PB.

2.3 A PROPOSTA DA CLITICIZAÇÃO DO ADVÉRBIO NEGATIVO PRÉ-VERBAL

Através de análise fonética e de testes sintáticos, alguns pesquisadores procuram demonstrar o estatuto de clítico do advérbio negativo pré-verbal no PB. É certo que há, no mínimo, duas formas de realização do *não* pré-verbal. Esse fato refletiu, por exemplo, no processo de transcrição do advérbio *não* nos textos do *corpus* C-ORAL-BRASIL, em que foram adotadas duas formas de representação desse advérbio, conforme pode ser visto nos exemplos abaixo:

(1) bfamd123

*BAR: [173] eu **não** estou sendo gravada //

(2) bfamd131

*LIQ: [246] eu escrevi umas palavras lá que eu tinha certeza que eles **nũ** iam entender //

As formas *não* e *nũ* foram adotadas na transcrição para representar justamente o que foi percebido pelo transcritor, no ato da transcrição, como uma forma plena e uma forma reduzida do advérbio negativo pré-verbal, respectivamente.

A primeira evidência a favor da cliticização seria o fato de haver uma forma reduzida foneticamente para o advérbio. Ramos (2002) faz cinco predições acerca do comportamento de um clítico, a fim de demonstrar tal estatuto do *não* pré-verbal. De acordo com Ramos (2002, p. 157), as condições abaixo favoreceriam a realização da forma reduzida do advérbio:

- a) posição não final na sentença;
- b) a presença da variante plena “não”, na mesma sentença;
- c) a posição pré-verbal; e
- d) a presença de quantificadores do tipo “ninguém”, “nada”, na mesma sentença; e
- e) contiguidade com V

Se atestadas, as cinco predições acima demonstrariam o estatuto de clítico do *não* pré-verbal. Ramos (2002) apresenta outros dois fatores de favorecimento da forma reduzida: a realização em orações principais e fatores extralinguísticos como faixa etária jovem e escolaridade baixa. A princípio, as cinco predições de fato ocorrem em PB:

- a) impossibilidade de realização da forma reduzida em final de sentença:

(3) *ele falou **nũ** ~ *ele não falou **nũ**

Nenhum dos estudos consultados para este trabalho registrou uma ocorrência desse tipo. Além disso, não houve nenhum caso semelhante no *corpus* C-ORAL-BRASIL.

- b) a presença da variante plena “não”, na mesma sentença:

(4) bfamd123

*JAN: [14] cê **nũ** toca guitarra **não** //

- c) a posição pré-verbal:

(5) bfamd114

*MAU: [174] eu **nũ** entendo //

- d) a presença de quantificadores como “ninguém” e “nada”, na mesma sentença:

(6) bfamd110

*REG: [100] **nũ** <arruma **nada**> //

e) contiguidade com V:

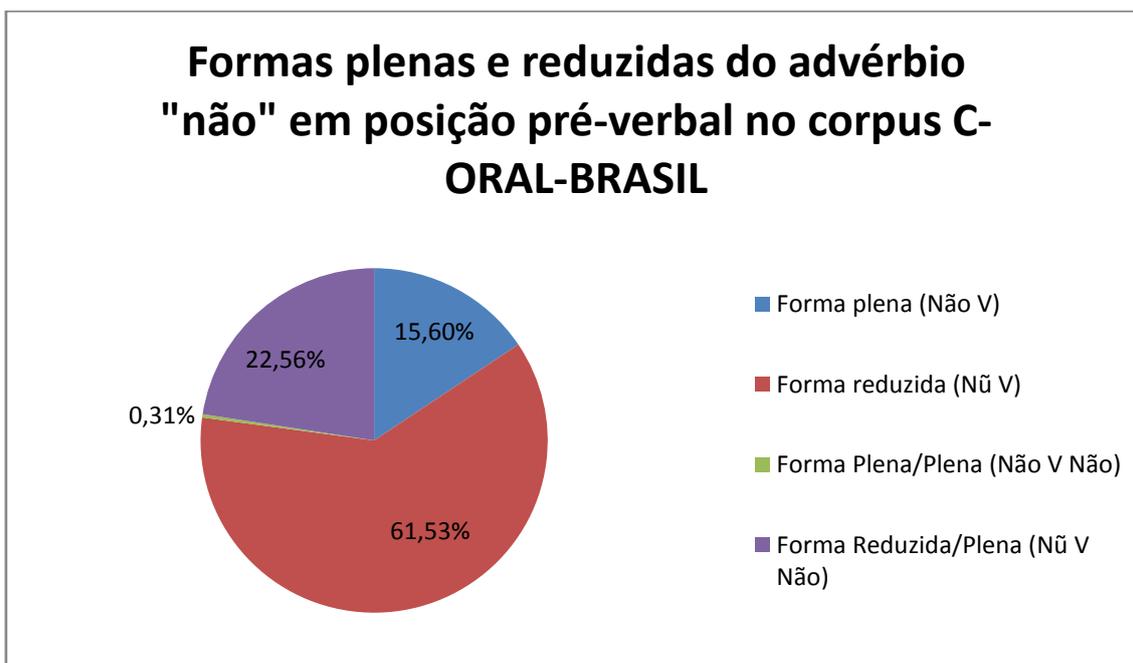
(7) bfamd115

*DML: [119] **nũ foi** //

Se a hipótese dos testes sintáticos estiver correta, parece que a proposta de Ramos ganha respaldo empírico. Contudo, há muito debate em torno da natureza de identificação dos clíticos, isto é, se seria sintática ou fonética.

Após analisar qualitativa e quantitativamente os dados de sua pesquisa, a autora chega à conclusão de que “a alternância **não/num** constitui uma mudança linguística em progresso, condicionada por fatores internos e externos” (RAMOS, 2002, p. 165). Este estudo não pretende analisar sociolinguisticamente a alternância não/nũ. Contudo, a título de ilustração, apresentamos abaixo um gráfico baseado nas transcrições do *corpus* C-ORAL-BRASIL com respeito à distribuição da realização da forma plena e da forma reduzida em estruturas Neg V e Neg V Neg:

Gráfico 2 – Frequência da realização da forma plena e da forma reduzida do advérbio negativo pré-verbal baseado nas transcrições do *corpus* C-ORAL-BRASIL



Salientamos que uma análise fonética é muito importante para que a distribuição das formas do gráfico acima reproduza os verdadeiros valores encontrados nessa quantificação preliminar. É preciso dizer que a transcrição não é um parâmetro confiável, uma vez que o transcritor pode cometer erros perceptuais involuntários, isto é, ele pode substituir uma forma plena por uma reduzida, por exemplo. Portanto, o gráfico acima é apenas uma ilustração do que os dados do *corpus* C-ORAL-BRASIL mostrariam a respeito da distribuição entre formas plenas e reduzidas do advérbio de negação em posição pré-verbal acompanhado ou não de outro *não* no final da sentença. É possível notar que as formas reduzidas estão presentes em maior número tanto em construções Neg V, quanto em construções Neg V Neg. Após os dados passarem por uma análise fonética refinada, um tratamento estatístico poderia evidenciar se de fato a maior quantidade de formas reduzidas em relação às plenas encontrada nos dados do C-ORAL-BRASIL é significativa.

Sousa (2007) faz uma análise fonética fina de dados de negação pré-verbal extraídos de entrevistas sociolinguísticas. A autora encontrou as formas (i) plena (*não*), (ii) reduzida (*nũ*), (iii) reduzida desnasalizada (*nu*), (iv) vogal alta posterior nasalizada (*ũ*) e (v) a consoante nasal + uma forma livre (*n'adianta*). Abaixo são apresentados dois exemplos da autora (SOUSA, 2007, p. 59) ilustrando as formas (iii)-(v):

(8) Mariana **nu**₁ tem uma indústria ainda... **ũ**₁ tem uma fábrica de calçados... (E3)

(9) Na época **n'** aceitava. (E17)

Em (8), a autora avança a hipótese de vogal alta posterior nasalizada ser um índice anafórico ligado à forma reduzida desnasalizada, por isso foi inserida a anotação subscrita nas duas formas, indicando coindexação.

Ancorada em sua análise fonética, outra hipótese sugerida por Sousa (2007) é a existência de um ciclo de gramaticalização envolvendo as formas reduzidas da negação pré-verbal no PB. De acordo com o ciclo proposto por Hopper & Traugott (1993), os itens que passam pelo fenômeno da gramaticalização seguem determinadas etapas até a conclusão do processo:

(10) Item lexical → item gramatical → clítico → afixo

Um item inicialmente com função lexical passa a desempenhar função gramatical, posteriormente esse item gradativamente será reduzido foneticamente, funcionando como um clítico, até desempenhar a função de afixo, etapa essa em que o item já se encontra bastante reduzido foneticamente. Inicialmente, Sousa (2007) propõe que as formas reduzidas *nũ* e *nu* estariam na etapa “clítico” do ciclo de gramaticalização, ao passo que a forma *n’* seria parte da etapa “afixo” desse ciclo. Contudo, é preciso ressaltar que essa hipótese precisa ser testada com dados de outros dialetos do PB, já que a autora analisou apenas dados de entrevistas sociolinguísticas da cidade de Mariana/MG. Além disso, é possível que haja restrições no uso de cada forma, o que, de certa forma, barraria a hipótese do ciclo de gramaticalização. Por exemplo, a forma denominada afixal *n’*, provavelmente, não ocorreria em contextos fonéticos seguidos por consoantes (**n’cai*, **n’guarda*). A autora encontrou somente dados que mostram a incorporação da consoante nasal em verbos iniciados por vogais (*n’importa*, *n’adianta*). Por outro lado, a forma *ũ*, dificilmente ocorreria no contexto inverso, ou seja, seguida por um verbo iniciado por vogal (**ũ adianta*, **ũ importa*). Essas propostas de restrições merecem um estudo empírico aprofundado, dispondo de uma análise fonética refinada.

2.3.1 Breve comentário sobre a proposta de cliticização

A proposta de cliticização objetiva elevar o advérbio de negação que ocorre em posição pré-verbal ao estatuto de clítico. São feitas análises acústicas e, principalmente, testes sintáticos, no intuito de comprovar a hipótese. No entanto, esse tipo de análise precisa estabelecer uma metodologia adequada. Ferrari (2015) investiga o estatuto do pronome *cê* no PB, que comumente é tratado na literatura como um clítico, sobretudo por evidências de testes sintáticos (cf. VITRAL, 1996 e RAMOS, 1997). A autora propõe que a tonicidade (os clíticos são considerados formas átonas) deve ser medida com parâmetros acústicos, e não sintáticos. Baseada em outros trabalhos (BARBOSA, 2000, 2002), Ferrari (2015) diz que a sílaba acentuada em PB apresenta maior duração. Desse modo, tal parâmetro acústico deve ser levado em consideração na análise dos dados. Esse método torna possível identificar itens átonos (clíticos, por exemplo) ou tônicos (formas plenas). Como num *corpus* de fala espontânea há, principalmente, grande variabilidade do conteúdo locutivo do enunciado e a possibilidade de mudança

da taxa de elocução de um falante, a autora adotou o método de se comparar “as formas pronominais com as sílabas de um mesmo enunciado e de uma mesma unidade tonal” (FERRARI, 2015, p. 99). Nesse tipo de análise, deve-se considerar o espectrograma e a percepção do sinal acústico para segmentar o enunciado em sílabas fonéticas. Depois de segmentar as sílabas para comparação, ainda é preciso normalizá-las. Isso se deve ao fato de que

[s]ílabas que apresentam a mesma duração, mensurada em milissegundos, podem na realidade possuir valores diferentes, dependendo das vogais e das consoantes nelas contidas. Faz-se, portanto, necessário implementar um processo de normalização das sílabas que leve em conta tais fatores e permita comparar as sílabas diferentes de forma mais adequada. (FERRARI, 2015, p. 104).

Essa normalização é feita através de um *script* para o *software* Praat chamado SGdetector (BARBOSA, 2006). Além de todos esses processos, é necessária ainda uma validação estatística dos dados analisados. A metodologia adotada por Ferrari (2015) é bastante inovadora e permite vislumbrar resultados interessantes no que se refere ao estatuto de cliticização de formas reduzidas no PB. Seria o caso de incorporar tal metodologia na investigação das formas reduzidas do advérbio *não* em posição pré-verbal no PB.

2.4 A ABORDAGEM FUNCIONALISTA

Os estudos sobre a negação verbal no PB à luz da teoria funcionalista em sua vertente norte-americana, representados, sobretudo, pelos trabalhos de Cunha (2001, 2007), têm como um dos objetivos explicar a coexistência – e em última análise, a origem – das formas não canônicas da negação. Esses estudos, geralmente, partem de uma abordagem sincrônica, utilizando dados de fala e/ou de escrita para demonstrar seus pressupostos teóricos. Não obstante, podem fazer considerações diacrônicas, uma vez que levam em consideração o fenômeno da gramaticalização. O funcionalismo sustenta a relação entre forma/função, isto é, as formas linguísticas seriam diretamente orientadas pela função que elas desempenham no processo comunicativo. Segundo Cunha (2001), essa corrente teórica “admite que um grande conjunto de fenômenos linguísticos fundamentais é o resultado da adaptação da estrutura gramatical às necessidades comunicativas dos usuários da língua” (CUNHA, 2001, p. 3). Desse

modo, formas emergentes na língua adviriam de fatores de necessidade comunicativa. Cunha (2001) considera os pressupostos funcionalistas de marcação, iconicidade e gramaticalização na sua análise sobre a negação no PB. Segundo a autora, marcação “diz respeito à presença versus ausência de uma propriedade nos membros de um par contrastante de categorias lingüísticas”, já a iconicidade seria “a hipótese do isomorfismo funcionalmente motivado entre estruturas morfossintáticas e suas funções semânticas e pragmáticas correspondentes”, e, por fim, a gramaticalização investiga “a emergência, ao longo do tempo, de novas estruturas morfossintáticas, a partir de precursores paratáticos, sintáticos ou lexicais” (CUNHA, 2001, p. 3). A autora usará esses três conceitos para defender a sua hipótese.

Cunha (2001) considera que as formas não canônicas da negação verbal do PB são intercambiáveis, pois possuem as mesmas funções, ou seja, a de rejeitar uma asserção, em primeiro lugar ou a de recusar um convite, em segundo lugar. Nesse sentido, as formas de negação verbal no PB estariam em variação, sendo parte do ciclo de Jespersen, conforme pode ser visto na seguinte passagem de um texto da autora: “A variação atestada no português brasileiro contemporâneo entre as negação pré-verbal (não V), a negação dupla (não V não) e a negação pós-verbal (não V) [sic] representa um processo comum universal que tem sido conhecido como ‘ciclo de Jespersen’” (CUNHA, 2007, p. 1640)²⁰. Cunha (2007) sustenta que há uma mudança em progresso no que diz respeito às formas de negação verbal do PB e que a variação entre elas é fruto da gradualidade do processo de mudança linguística. A autora se apoia no seu banco de dados para fazer essa afirmação, já que ela verificou que quanto mais jovem e que quanto menor o nível de escolaridade do informante, mais as formas não canônicas são usadas. Nas palavras da autora, “quanto mais alto o grau de escolaridade do falante, menor a ocorrência das negativas dupla e pós-verbal” (CUNHA, 2001, p. 9).

O fator da marcação estaria ligado às três formas da seguinte maneira: a forma canônica é a não marcada, tendo em vista que ela é mais frequente, tem menor complexidade estrutural e seu contexto pragmático de ocorrência é o mais abrangente, pois ela ocorre em contextos que também favorecem a ocorrência das outras formas. As negações dupla e pós-verbal seriam as formas marcadas da língua, em contraposição à forma pré-verbal não-marcada.

²⁰ Tradução nossa para: The variation attested in present-day Brazilian Portuguese between preverbal negation (*não V*), double negation (*não V não*), and postverbal negation (*não V*) [sic] represents a common universal process which has been known as ‘Jespersen cycle’ (CUNHA, 2007, p. 1640).

O fator da iconicidade operaria no sentido de restaurar a propriedade de forma/significado da negação dupla através da função pragmática que ela veicula. Cunha (2007) explica que o segundo *não* da negação dupla tem o propósito levar o interlocutor a interpretar o enunciado corretamente. Isso acontece devido à redução fonética do primeiro *não* e o conseqüente enfraquecimento semântico desse operador. Dessa forma, o advérbio de negação final funcionaria como uma ênfase, restaurando assim a iconicidade do enunciado, pois ele garantiria que o interlocutor percebesse o efeito comunicativo veiculado pelo falante. A emergência da negação dupla seria, então, fruto da necessidade de tornar saliente a operação de negação verbal que foi, de certo modo, perdida através da redução fonética e enfraquecimento semântico do advérbio de negação em posição pré-verbal. Essa redução é explicada pelo fato do uso constante dessa estrutura, revelado pela sua frequência nos dados de fala. De acordo com Cunha (2007), “o uso frequente do operador de negação pré-verbal desacentuado cria um potencial para perda de informação”, assim “a negativa dupla é engatilhada pela ‘pressão discursiva’ – a necessidade de melhorar a informatividade” (CUNHA, 2007, p. 1648)²¹. A autora considera que nos casos de negação pós-verbal, o advérbio que aparecia em posição pré-verbal foi completamente apagado, alcançando, desse modo, a última etapa do ciclo de Jespersen. Cunha (2007) acredita que com o avanço da redução do advérbio pré-verbal, as formas não canônicas apresentarão uma tendência a serem mais usadas.

Por gramaticalização, a autora entende o processo de transição em que uma estrutura pragmática se fixa na sintaxe. Ela afirma que, no caso da negação no PB, duas mudanças estão relacionadas à gramaticalização. A primeira é a redução fonética e a segunda é o enfraquecimento semântico. Essas duas mudanças ocorrem simultaneamente. A autora diz que há quatro processos de gramaticalização envolvidos na negação verbal no PB: sobreposição, enfraquecimento fonético e semântico, iconicidade e reanálise. A sobreposição envolve a coexistência das formas de um mesmo fenômeno gramatical, o que pode ser visto a partir dos dados – as três formas de negação verbal coocorrem no PB. O enfraquecimento fonético e semântico é o responsável pela emergência de uma nova forma com equivalência funcional. A iconicidade é vista no processo morfológico que leva à emergência das novas formas. A

²¹ Tradução nossa para: “the frequent use of the unstressed preverbal negator creates a potential for losing information” (...) “the double negative is triggered by ‘discourse pressure’ – the need to improve informativeness” (CUNHA, 2007, p. 1648).

reanálise diz respeito a que uma forma opcional seja usada de forma regular. Cunha (2007) afirma, por fim, que à medida que as formas vão sendo gramaticalizadas, há a expansão dos contextos em que elas possam ocorrer.

2.4.1 Breve comentário sobre a abordagem funcionalista

A abordagem funcionalista busca relacionar a realização das formas não canônicas de negação verbal do PB a motivações de ordem comunicativas, levando em consideração os pressupostos do funcionalismo norte-americano. Vários pontos que essa abordagem oferece merecem ser testados. Um ponto a ser considerado é o fato de que ao mesmo tempo em que é mencionado que as três formas estão em variação e que há uma mudança linguística em curso, se menciona que quanto mais gramaticalizada as formas, mais os contextos de uso se expandirão. Seria necessário mapear os contextos de ocorrência de cada forma e verificar se elas estão de fato em variação em todos os contextos.

Os dados coletados até agora (cf. seção 2.1, tabela 1) não mostram que as formas não canônicas estão passando a ocorrer de forma regular na língua. É certo que o processo mudança não ocorre em etapas discretas. No entanto, sincronicamente o número de negação pré-verbal é sempre muito superior ao de negação dupla e ao de negação pós-verbal em vários dialetos do PB. Seria o caso de investigar mais profundamente qual a razão desse fato.

Outro ponto que a abordagem funcionalista não esclarece é o fato de haver pouquíssimas ocorrências de negação dupla no sul do Brasil e a quase inexistência da negação pós-verbal nessa mesma região do país. No PE, por exemplo, a negação pós-verbal é inexistente e a negação dupla só é usada em contextos que se pretende enfatizar o enunciado (cf. HOLM, 2009). Conforme mostrado na seção 2.1, a abordagem do contato linguístico lança luzes sobre essa questão.

Em dados de escrita apresentados em Cunha (2007) não houve casos de negação não canônica. A esse respeito, a autora explica que tal fato “pode ser devido à pressão normativa no ensino da língua portuguesa, que tenta excluir as construções que são usadas principalmente em situações mais informais ou coloquiais, do registro escrito”

(CUNHA, 2007, p. 1642)²². A autora encontrou o uso da negação dupla em textos escritos somente em contextos que apresentavam um diálogo entre os personagens. A inexistência no uso das formas não canônicas da negação na escrita não estaria relacionada apenas ao fato de haver uma pressão normativa no ensino de língua portuguesa. Possivelmente, o uso dessas formas na escrita obedeceria a certas restrições, conforme atesta os próprios dados da autora, isto é, somente em partes dialógicas de textos escritos. Além disso, seria interessante levar em consideração que a escrita e a fala são diamesias que apresentam características particulares distintivas.

Cunha (2007) encontra dados interessantes a respeito da negação dupla. Esses dados contradizem a intuição de Dahl (1979), que diz que nas línguas em que há duas partículas de negação, a segunda partícula deve estar o mais próximo possível do verbo. A autora apresenta os seguintes exemplos: (i) “num era muito próprio pra, pra uma pessoa passar uma infância não” (ii) “num tinha medo assim de, de, de, de sair da cama correndo não” (cf. CUNHA, 2007, p. 1646). Em (i), há uma oração entre o primeiro e o segundo operador de negação, e em (ii) há duas orações entre o primeiro e o segundo operador. A autora diz que nos exemplos (i) e (ii), embora o segundo operador de negação esteja localizado no fim da sentença, “os falantes são capazes de interpretar seu escopo (ou seja, o V da oração principal) devido à posição do primeiro operador de negação imediatamente antes desse V” (CUNHA, 2007, p. 1646)²³. Não obstante, dois dados curiosos do *corpus* C-ORAL-BRASIL contradizem, por sua vez, a intuição de Cunha (2007):

(1) bfamcv13

*JON: [88] *tem dessa de operar de lado não //*

(2) bfamd119

*AVI: [8] *fica escutando o que que os outro tá conversando lá <fora não / sô> //*

Nos exemplos acima, há duas orações precedendo o operador de negação, que se encontra no final da sentença. Não há um primeiro operador antes do verbo da oração

²² Tradução nossa para: can be blame on the pressure of the normative teaching of Portuguese, which attempts to exclude constructions that are used mainly in more informal or colloquial situations, from the written register (CUNHA, 2007, p. 1642).

²³ Tradução nossa para: the speakers are able to interpret its scope (i.e. the V of the main clause) because of the position of the first negator, immediately before this V (CUNHA, 2007, p. 1646).

principal. Contudo, o escopo da negação é justamente o verbo da oração principal. São casos de negação pós-verbal que apresentam uma complexidade estrutural bastante particular. Isso não impede que esses enunciados sejam interpretados satisfatoriamente, nem que, obviamente, sejam produzidos, uma vez que eles estão registrados no *corpus*.

A respeito da negação dupla, Cunha (2007) diz que o segundo operador de negação serviria como uma estratégia para reforçar a operação da negação, tendo em vista que o primeiro operador seria menos perceptível. Essa hipótese não abarcaria os casos de negação dupla em que o primeiro operador apresentaria uma forma plena:

(3) bfamd116

*CRI: [227] mas ela não cumprimentou nós não //

(4) bfammn36

*ADE: [104] não conhecia não //

De qualquer forma, apenas por meio de testes experimentais a hipótese da autora poderia ser comprovada.

2.5 A PROPOSTA DA IMPLEMENTAÇÃO DA NEGAÇÃO DUPLA NA ESCRITA

Na proposta de implementação da negação dupla na escrita são considerados dados diacrônicos, pois o objetivo é observar em qual período essa estrutura surge no PB. Além disso, essa proposta considera que há uma transição, ou seja, uma mudança da negação pré-verbal em direção à negação dupla. Dessa forma, a negação dupla é tratada como uma variante inovadora na língua. Nessa proposta, busca-se, de certa maneira, correlacionar os dados de escrita a características oriundas da fala, como a pausa. Isso pode ser observado nessa passagem, em que as autoras mencionam um dos objetivos de sua pesquisa: “mostrar a correlação entre construções negativas e pontuação como índice de limite sintático/marcador de pausa, dentro da estrutura frasal” (SEIXAS; ALKMIM, 2013, p. 86).

Seixas (2013), utilizando textos dos séculos XVIII-XIX, data a implementação da negação dupla na escrita na primeira metade do século XVIII (cf. exemplo 1 abaixo). A autora menciona que, provavelmente, essa estrutura já constituiria parte do repertório

da fala há algum tempo antes, tendo em vista que a escrita é mais conservadora do que a fala no que diz respeito à adoção de formas inovadoras. Segundo Seixas (2013), inicialmente a negação dupla ocorreria em estruturas sintáticas complexas desde o século XVIII até a primeira metade do século XIX, conforme pode ser visto em alguns exemplos que a autora apresenta (SEIXAS, 2013, p. 98-99):

(1) “**Não** he com as nossas pêssoas que o fasem, **não**; he com o nosso dinheiro.” (Peça: O marido confundido, Alexandre de Gusmão, 1ª metade do XVIII)

(2) “**Nao** exigimos, que entrem para o Ministerio membros da opposiçao; **nao**, nao.” (Jornal O Despertador Mineiro, 1842)

(3) “Fazemos estas reflexoes, **nao** por desconhecer a autoridade da Realesa e menos presa-la, **nao**, nao: he antes por amarmo-la muito.” (Jornal: O Despertador Mineiro, 1842)

A partir da segunda metade do século XIX, a negação dupla ocorreria em estruturas sintáticas mais simples, em que frequentemente os dois operadores de negação estão contíguos ao verbo (SEIXAS, 2013, p. 99-100):

(4) “**Não** põe, **não**.” (Peça de teatro : Uma véspera de Reis, Artur Azevedo, 1873)

(5) “**Não** desconfia **não**.” (Peça de teatro: Nova viagem à lua, Artur Azevedo, 1877)

(6) “**Não** ousa **não**.” (Peça de teatro: Os Noivos, Artur Azevedo, 1880)

A transição da forma canônica à dupla poderia ser comprovada não só pela redução da complexidade sintática, como também pela pontuação. De acordo com Seixas (2013), o ponto e vírgula que separa o segundo *não* ocorre em praticamente todos os exemplos pesquisados da negação dupla na primeira metade do século XIX. A partir de estudos realizados sobre as funções da pontuação na escrita, Seixas (2013) explica que o ponto e vírgula marcava uma pausa maior do que a vírgula. A autora diz que

havia uma articulação da pontuação com a organização discursiva e sintática da sentença. Desse modo, o uso do ponto e vírgula em sentenças longas parece indicar que, em um primeiro momento, este pontema surgiu como um efeito retórico, para denotar uma pausa ainda mais longa do que a da vírgula (SEIXAS, 2013, p. 105).

A hipótese é de que, se o ponto e vírgula denotava uma pausa maior do que a vírgula, quando o segundo operador não é separado por nenhum tipo de pontuação, ele teria se gramaticalizado, passando a fazer parte da sentença. O ciclo que a autora propõe é apresentado abaixo:

1ª etapa → [estrutura oracional] + *não* [...] (com o uso do ponto e vírgula):

(131) “*Nao* se pense que nós nos oppomos ao recrutamento; *nao* [...]” (Editorial de jornal, 1841)

2ª etapa → [estrutura oracional] + *não* [...] (com o uso da vírgula):

(159) “Tu *não* vai mesmo, *não*, Toinho?” (Peça de teatro, 1892)

3ª etapa → perda da vírgula:

(164) “É mentira, *não* vou *não*.” (Obra literária, 1899) (SEIXAS, 2013, p. 105).

Na primeira etapa, que vai da primeira metade do século XVIII até a primeira metade do século XIX, o segundo *não* era separado por ponto e vírgula, e tal pontuação indicava uma pausa longa em sua realização na fala. Na segunda etapa, que compreende a segunda metade do século XIX, o segundo *não* é separado por vírgula, o que indica uma menor duração da pausa. Na terceira e última etapa da transição, que compreende o final do século XIX, o segundo *não* não é separado por nenhum tipo de pontuação, por isso teria se gramaticalizado e passado a integrar a sentença sem nenhum tipo de pausa.

2.5.1 Breve comentário sobre a hipótese da implementação da negação dupla na escrita

A hipótese da implementação da negação dupla na escrita, a princípio, preveria um processo de mudança linguística, conforme pode ser visto na passagem a seguir: “a hipótese apresentada pelo presente trabalho descreve o percurso da mudança linguística (da [Nãov] para a [NãovNãov]) em três etapas (...)” (SEIXAS, 2013, p. 119). As três etapas da mudança mencionadas levam em consideração tanto a complexidade sintática da sentença, quanto o uso da pontuação, que indicaria, em última análise, uma marcação

de pausa. É importante ressaltar que pausa é uma propriedade da diamesia falada, pois é uma característica acústica perceptível auditivamente. Desse modo, correlacionar pontuação, uma categoria da diamesia escrita, à pausa, uma categoria da diamesia da fala, é um critério de difícil comprovação.

Raso (2013)²⁴ elenca as diferenças entre a fala e a escrita. De acordo com o autor, estudar a fala com base na língua escrita “leva à não compreensão da modalidade falada” (RASO, 2013, p. 38). A pontuação, segundo Raso (2013), “não se trata de um recurso natural como a prosódia” (RASO, 2013, p. 23). Isso significa que não seria possível correlacionar, a princípio, um parâmetro acústico, como a pausa, a um sinal gráfico, como a vírgula, ainda que a escrita de peças de teatros e as partes dialógicas de uma obra literária tentem reproduzir a fala, de certa forma (cf. NENCIONI, 1983). A escrita é baseada em princípios lógico-sintáticos, portanto a vírgula “marca uma separação lógica entre sintagmas que não possuem regência direta” (RASO, 2013, p. 23).

As etapas de transição propostas compreenderiam períodos muito curtos de tempo para ocorrer uma mudança linguística no sistema. A separação do segundo operador por ponto e vírgula ocorreria no período que vai da primeira metade do século XVIII até a primeira metade do século XIX (o exemplo número 131 da autora data de 1841, cf. Seixas, 2013, p. 105), a separação por vírgula data da segunda metade do século XIX (o exemplo número 159 citado pela autora data de 1892, cf. Seixas, 2013, p. 105), já em 1899, ou seja, no final do século XIX, o segundo operador de negação já não apresenta mais a vírgula (exemplo 164 da autora, cf. Seixas, 2013, p.105). Poderia não ser o caso de uma mudança linguística, no sentido de os sinais de pontuação corresponderem à presença ou à ausência de pausa na fala, mas apenas de uma mudança ortográfica para representar o fenômeno da negação dupla que já fazia parte do sistema de negação verbal do PB.

2.6 A PROPOSTA DA NEGAÇÃO DUPLA COMO INOVAÇÃO LINGUÍSTICA

Em um quadro teórico mais amplo do que o que será apresentado nesta seção, Vitral (2015) analisa a negação dupla no PB como um processo de gramaticalização por subjetificação e luta por reconhecimento. O autor considera o ciclo de Jespersen em sua

²⁴ É preciso dizer que o autor não discute o caso da negação no texto citado.

proposta, compartilhando a ideia da redução do advérbio pré-verbal e posterior inserção de uma palavra pós-verbal que adquirirá valor negativo. Nas tentativas de provar o ciclo, haveria, a princípio, duas atestações empíricas: a equivalência entre a forma pré-verbal e a dupla, pelo menos a certa altura do ciclo, e os processos de gramaticalização, que envolvem aquisição de propriedade semântica, isto é, certa palavra passa a expressar conteúdo negativo, e redução fônica – podendo correlacioná-la aos processos de cliticização e afixação do ciclo da gramaticalização.

O autor considera que negação dupla veicula conteúdo pragmático na fala, citando trabalhos que caracterizam essa forma como enfática (SCHWENTER, 2005), contrária à expectativa do interlocutor (CUNHA, 1996) ou pressuposicional (SCHWEGLER, 1991). Vitral (2015) distingue a negação interna da externa. Ele cita a proposta de Dahl (1979), que diz que a negação interna tem por objetivo inverter o valor de verdade de uma proposição:

(1) It is raining.

(2) It is not raining.

A sentença (2) só é verdadeira se a sentença (1) for falsa ou vice-versa. Já em casos de negação externa, além de negar a proposição, a negação também nega um conteúdo implícito:

(3) It is false that it is raining.

(4) It is not the case that it is raining.

O conteúdo que é negado nessas sentenças é de certa forma suposto ou está implícito pelo interlocutor. Por isso, a negação externa é considerada como uma denegação²⁵. O autor ainda menciona a hipótese de Schwenter (2005)²⁶ para comprovar que de fato a negação dupla está relacionada à veiculação de conteúdos pragmáticos. Sobre a negação dupla, a proposta de Schwenter (2005) diz, em termos gerais, que esse tipo de negação não é capaz de negar conteúdo novo no discurso. No entanto, Sousa (2012) apresenta um caso em que a negação dupla negaria conteúdo novo no discurso. O exemplo da autora, que Vitral (2015) cita, segue abaixo:

²⁵ Segundo Sousa (2013), a denegação é um ato negativo puramente responsivo.

²⁶ A hipótese de Schwenter (2005) é apresentada na seção 2.8 deste trabalho.

(5) a. Tentei te ligar ontem, mas você não atendeu.

b. Meu celular não tá funcionando não.

Portanto, a negação dupla seria capaz de negar tanto conteúdo dado quanto conteúdo novo no discurso. Vitral (2015) adota essa perspectiva e lança sua proposta, baseada no ciclo de Jespersen:

a instalação da dupla negação, com a multiplicidade de expressões negativas inovadoras e a redução de partículas pré-verbais, é processual e retratável por meio de um ciclo no qual as construções com dupla negação tendem à neutralização no que concerne aos conteúdos pragmáticos (VITRAL, 2015, p. 105).

A multiplicidade de expressões negativas inovadoras a que o autor se refere é a possibilidade de haver expressões negativas de diferentes tipos em posição pós-verbal. Alguns exemplos do autor são: Maria *não* viajou **não/coisíssima nenhuma/porcaria nenhuma** etc (VITRAL, 2015, p. 102). O ciclo proposto por Vitral (2015) inclui as seguintes etapas:

1ª etapa: quando o elemento pós-verbal negativo inovador se instala, coocorrendo com a partícula pré-verbal, essa estrutura veicula conteúdos pragmáticos passíveis de interpretação e descrição por meio de noções como elemento dado no discurso ou proposições inferidas. Nessa ocasião, a negação pré-verbal é reservada apenas para negar conteúdo novo.

2ª etapa: Posteriormente, a partir do momento em que a estrutura da negação dupla passa a negar conteúdo novo, ela se torna uma variante da negação pré-verbal. Nesse contexto, abre-se um caminho para o processo de variação e mudança linguística, já investigada por vários pesquisadores.

O autor menciona que Sousa (2012, p. 73) verificou que a negação dupla ocorre mais em contextos em que a informação já é dada. Isso mostraria que o estágio em que a negação dupla sofre neutralização é posterior ao estágio em que ela seria “condicionada por aspectos pragmáticos” (VITRAL, 2015, p. 106). O autor então propõe que é somente quando as estruturas de negação dupla são reconhecidas como estruturas inovadoras é que elas possuem valor pragmático. Desse modo, haveria uma relação de causa e efeito entre a neutralização e o surgimento de novas expressões. Ou seja, quando estruturas de negação dupla deixam de ser formas inovadoras, perdem seu

caráter inovador, “se neutralizam e adentram o padrão linguístico, os falantes criam novas expressões com dupla negativa com o intuito de garantir o poder expressivo que se esvai” (VITRAL, 2015, p. 106).

O autor explica que o processo que envolve a neutralização é conhecido como perda do estatuto de trunfo, no mecanismo de luta por reconhecimento, o que faz com que os falantes busquem novas formas consideradas inovadoras. Tais formas adviriam da subjetividade dos falantes na luta por reconhecimento que, por sua vez, é o desejo do falante de ser reconhecido como sujeito pelo outro nas trocas simbólicas. Esse desejo é fruto de “uma impulsividade que leva o sujeito a divergir das normas sociais, buscando se satisfazer individualmente e reivindicando, em sua comunidade, a legitimidade de seus desejos como indivíduo” (VITRAL, 2015, p. 97). Esse seria o cerne do processo que leva à criatividade do indivíduo. Desse modo, a inovação linguística está diretamente associada à subjetividade, fazendo parte do processo de luta por reconhecimento. Quando uma dada forma passa a ser usada de forma frequente, isto é, quando sua frequência aumenta na língua, ela perde o estatuto de trunfo no processo de luta por reconhecimento. É nesse ponto que “as formas inovadoras são criadas pelos falantes de maneira a reaver a capacidade de ser trunfo na luta por reconhecimento que se reduz, ou é perdida, pelas formas conservadoras” (VITRAL, 2015, p. 98).

Levando em consideração a pragmática neo-griceana, o autor cita dois princípios de Horn (1989), reproduzidos abaixo (VITRAL, 2015, p. 101):

(6) A. O Princípio-Q:

Torne sua contribuição suficiente;

Diga tanto quanto você possa (dado o Princípio-R).

B. O Princípio-R:

Torne sua contribuição necessária;

Não diga mais do que é necessário (dado o Princípio-Q).

Vitral (2015) explica que se esses princípios são violados ao falante introduzir formas inovadoras mais longas que expressam o mesmo valor de verdade encontrado nas formas conservadoras, “o ouvinte é chamado a inferir um conteúdo adicional, subjacente, que introduz aspectos de conteúdos associados à subjetividade do falante” (VITRAL, 2015, p. 101). Dessa forma, se o falante utiliza a negação dupla, quando essa forma é inovadora, ele veicula tanto o valor expresso pela composicionalidade dos itens

lexicais, ou seja, a operação de negação propriamente dita, quanto o valor de natureza subjetiva oriundo do estatuto de trunfo do mecanismo da luta por reconhecimento.

2.6.1 Breve comentário sobre a proposta da inovação linguística

A proposta de Vitral (2015) é de que a negação dupla advém de um processo cíclico de gramaticalização que envolve a subjetificação e a luta por reconhecimento. As formas inovadoras estão ligadas à subjetividade do falante. No entanto, quando a frequência de uso dessas formas aumenta, elas se neutralizam e entram de certa forma no padrão linguístico. É preciso mencionar que essa hipótese envolve uma série de outras propostas na literatura, que pode ser visto a partir do número de trabalhos que o autor cita em seu texto. É uma hipótese que merece uma comprovação empírica e maior investigação, pois leva em consideração conceitos fora do campo da Linguística, como a impulsividade do sujeito, o processo de criatividade do indivíduo e o desejo do sujeito ser reconhecido dentro de sua comunidade. A proposta não esclarece, no entanto, o que leva o indivíduo a ser reconhecido em certas comunidades e não em outras, isto é, qual seria a razão por trás das pesquisas empíricas mostrarem um número menor de formas inovadoras em certas regiões do Brasil, e em outras comunidades haver um número maior de negação dupla ou pós-verbal. Outra questão a ser investigada seria o processo de construção das formas inovadoras, pois, obviamente, elas devem obedecer a certas restrições no sistema linguístico. Por exemplo, não seria possível violar um padrão fonotático do PB por mais que o sujeito tenha uma impulsividade de ser reconhecido através do uso de formas inovadoras. No campo da estatística, seria interessante mostrar se outros fenômenos linguísticos também estariam sujeitos à relação diretamente proporcional entre a frequência e a neutralização das formas inovadoras na língua. Testes experimentais poderiam fornecer base à questão levantada se os falantes percebem, de fato, se certas formas já estão neutralizadas. É uma proposta que ainda precisa de embasamento empírico e experimental.

2.7 A ABORDAGEM DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Através de dados de fala coletados seguindo uma metodologia própria, o estudo da negação verbal no PB na abordagem variacionista da Sociolinguística propõe que as três formas de negação se encontram em variação. A compilação do banco de dados segue a metodologia de entrevistas, com o intuito de obter o máximo possível de espontaneidade e de não monitoramento da fala do interlocutor. Dessa forma, os tópicos conduzidos pelo entrevistador geralmente tendem a induzir o interlocutor a se envolver emocionalmente na narrativa que é realizada. Temas como eventos em que o interlocutor correu risco de vida e narrativas pessoais sobre fatos marcantes na vida do interlocutor são comuns nesse tipo de coleta de dados. A princípio, as entrevistas não têm um tempo padronizado, isto é, pode haver, por exemplo, um conjunto de entrevistas de 30 minutos em certo estudo, outro pode apresentar um conjunto de entrevistas de 45 minutos, etc. Via de regra, esses estudos fornecem apenas o tempo total do conjunto de entrevistas, por exemplo, 10 horas, 15 horas, 20 horas, etc.

A abordagem variacionista segue uma série de pressupostos já consolidados no tratamento de fenômenos de variação. Assim, as três formas de negação são tratadas como variantes de uma variável. As variantes são, portanto, Neg V, Neg V Neg e V Neg e a variável é a operação de negação verbal. Soares (2009), por exemplo, reconhece “a ocorrência de uma variação, proveniente do uso de falantes em situação de interação social, entre as negativas [não V], [não V não] e [V não], posto que as três formas possibilitam o mesmo significado em certo contexto social e linguístico” (SOARES, 2009, p. 27).

Outro pressuposto utilizado nos estudos variacionistas é a identificação de variantes padrão ou de prestígio e variantes inovadoras, usualmente consideradas estigmatizadas. As formas não padrão são comumente identificadas como formas estigmatizadas desde que, no banco de dados, haja menor frequência de uso dessas formas entre as mulheres, uma vez que falantes do sexo feminino tendem a usar mais as variantes de prestígio. Sousa (2005), por exemplo, esclarece que no seu banco de dados a variante

[**Não V**] foi mais utilizada pelas mulheres e a [**V Não**] pelos homens. Tal fato sugere que a variante [**V Não**] é estigmatizada, uma vez que, nos estudos de Sociolinguística, é freqüente a afirmação de que as mulheres têm maior preferência pelas variantes linguísticas mais privilegiadas socialmente (SOUSA, 2005, p. 234).

Uma variante é considerada inovadora se apresenta maior probabilidade de uso por falantes de faixa etária jovem, conforme afirmam Seixas et al (2012) em relação à forma Neg V Neg: “Com relação à construção [Não V Não], pode-se observar que esta apresenta o perfil de ‘forma inovadora’, uma vez que a maior probabilidade de realização dessa forma se encontra entre os jovens(.60), e a menor entre os idosos (.48)” (SEIXAS et al, 2012, p. 272).

A verificação de uma mudança em progresso ou de uma variação estável é mais um pressuposto considerado nos estudos variacionistas. As pesquisas que elegem o tempo aparente, isto é, aquelas que estudam um fenômeno numa dada sincronia, e não diacronicamente, verificam esses pressupostos partindo da frequência de uso da forma inovadora. Se uma variante inovadora tem seu uso crescente entre as faixas etárias mais jovens, ou seja, se a partir da faixa etária de adultos, jovens e crianças, há maior uso de uma variante inovadora e menor uso entre os idosos, é possível que essa forma esteja ganhando a competição entre as variantes, o que indicaria uma mudança em progresso. Por outro lado, se a frequência entre as variantes é homogênea, isto é, se a frequência de o uso das variantes é quase idêntica, o perfil é de variação estável, já que não há uma variante mais proeminente estatisticamente indicando que ela estaria ganhando a competição. Seixas et al (2012) verificaram, no seu banco de dados da fala do município de Piranga/MG, que as formas Neg V Neg e V Neg estão em processo de mudança em progresso: “o presente trabalho verificou que as ‘variantes inovadoras’ [Não V Não] e [V Não] apresentam um perfil de uma possível ‘mudança em progresso’ e que o sexo masculino estaria levando à frente esta mudança” (SEIXAS et al 2012, p. 275). A mudança é gradual, portanto os estudos que indicam que há uma mudança em progresso apresentam justamente apenas uma tendência. Sousa (2007), por outro lado, investigando a variação entre formas plenas e reduzidas do advérbio de negação no dialeto de Mariana/MG, conclui que “a partir dos resultados do cruzamento gênero/sexo e faixa etária para a variante ‘formas reduzidas’, pode-se inferir que realmente há um quadro estável para a variação envolvendo forma plena e formas reduzidas” (SOUSA, 2007, p. 80).

Uma vez que a variação linguística é vista como um fenômeno governado por restrições linguísticas e extralinguísticas, os autores elencam diversas variáveis que poderiam atuar como motores de favorecimento de uso de uma forma sobre outra. Essas variáveis dizem respeito à ocorrência das variantes Neg V, Neg V Neg e V Neg entre falantes de diferentes sexos, faixas etárias, escolaridades, bem como ao contexto

linguístico que essas variantes são usadas, como em respostas, não-respostas, perguntas, ao tipo de oração, como em absolutas, principais, coordenadas, substantivas, adverbiais, relativas etc., ao tipo de argumento verbal, como tipos de sujeito e complementos, ao fator fonético de redução ou não, entre outros envelopes de variação (cf. CAVALCANTE, 2007, ROCHA, 2013).

2.7.1 Breve comentário sobre a abordagem variacionista

A abordagem variacionista oferece importantes contribuições acerca dos fatores que poderiam restringir ou, nos termos utilizados nesses estudos, desfavorecer o uso de determinada forma em certo contexto linguístico. A verificação do estatuto de mudança em progresso ou de variação estável parece ser de menor importância. Isso se deve ao fato de que primeiramente se deve investigar se há uma variação entre as formas em todo e qualquer contexto linguístico. Ademais, é importante saber se há algum tipo de restrição que governe o uso das três formas. Nesse sentido, Schwegler (1991) diz que “embora o $N\tilde{A}O_{1,2,3}$ possa ocorrer em todas as modalidades de sentenças, eles não são intercambiáveis em todo contexto” (SCHWEGLER, 1991, p. 191)²⁷. Schwenter (2005) propõe um modelo baseado em restrições de ordem informacional ou do estatuto referencial cognitivo do item negado. Rocha (2013) leva adota o modelo de Schwenter (2005) e investiga a variação entre as três formas de negação verbal a partir do contexto em que as formas poderiam apresentar variação. As variantes são identificadas não apenas ao que concerne às diferentes formas da mesma operação, mas em relação a sua equivalência funcional no mesmo contexto. Rocha (2013) esclarece que as três formas de negação verbal “não são apenas diferentes modos de negar uma afirmação, mas obedecem a regras contextuais que definem quando uma forma é genuinamente intercambiável com outra, em virtude de sua equivalência semântica” (ROCHA, 2013, p. 19). Para verificar se há variação entre as três formas de negação, Rocha (2013) propõe um teste de comutação, isto é, se em dado contexto as três formas seriam possíveis de ocorrer sem nenhum grau de estranhamento (cf. ROCHA, 2013, p. 13). Se, por exemplo, a negação pós-verbal não ocorrer em certo contexto em que a negação pré-verbal ocorre, os dados referentes a esse contexto da negação pré-verbal não

²⁷ Tradução nossa para: even though $N\tilde{A}O_{1,2,3}$ may occur in all sentences modalities, they are not therefore interchangeable in every instance (SCHWEGLER, 1991, p. 191).

poderão constar como variante em competição com os dados da negação pós-verbal. Desse modo, é preciso identificar os contextos que as três formas podem coocorrer com a mesma equivalência funcional. Somente a partir daí seria possível pensar em variação.

A abordagem variacionista elenca fatores interessantes com respeito a possíveis restrições de uso. As perguntas abaixo merecem investigação empírica com o maior número possível de dados, bem como com a maior variabilidade de diatópias:

(i) As mulheres usam menos as formas não canônicas? (indicando que as mulheres são mais conservadoras em relação às formas não padrão);

(ii) Falantes mais jovens usam mais as formas não canônicas? (indicando que as formas não canônicas são mais aceitas entre os jovens);

(iii) Falantes com menos escolaridade usam mais as formas não canônicas? (indicando que o maior uso da forma padrão implica maior nível de instrução formal);

(iv) O contexto formal induz o falante a não usar a forma não canônica? (indicando que em contextos formais a fala é mais monitorada e exige certo contrato social de formalidade que se reflete no uso linguístico);

(v) Qual é o tipo de verbo que é mais negado: transitivo direto/índice, intransitivo, impessoal/existencial, de ligação? (indicando que a operação de negar está mais relacionada a certo tipo de domínio cognitivo evocado pelo tipo de verbo);

(vi) Em qual tipo de oração mais ocorre a negação: absoluta, principal, subordinada, independente (coordenada)? (indicando onde mais o escopo da operação de negação é alcançado);

(vii) A presença ou ausência da categoria sujeito interfere no fenômeno? (indicando se a operação de negação é sensível ao argumento externo do verbo);

(viii) A complexidade sintática, representada por constituintes pós-verbais (argumentos e adjuntos), interfere em casos de negação pós-verbal? (indicando se a negação pós-

verbal é governada por um limite de escopo e se é sensível ao número de sílabas precedentes).

Uma observação feita por Rocha (2013) é outro fator interessante a ser pesquisado. O autor constata que a troca de turnos parece influenciar o uso da negação dupla:

em trechos com poucas trocas de turno entre informante e documentador, ou seja, aqueles em que o informante passa mais tempo ‘falando sozinho’, parece ser menos comum a ativação direta de proposições que, também hipoteticamente, pode estar correlacionada ao emprego de NEG2 (ROCHA, 2013, p. 38).

Outra pergunta a ser investigada é então:

(ix) se a troca de turnos influencia o uso das formas não canônicas (indicando que as formas não canônicas são sensíveis aos monólogos e aos trechos com baixa acionalidade, em que o falante passa mais tempo utilizando o turno).

A próxima seção é dedicada aos estudos que propõem explicações pragmáticas para o uso das formas de negação do PB.

2.8 A ABORDAGEM PRAGMÁTICA

A abordagem pragmática busca compreender sincronicamente o fenômeno da negação partindo do seu contexto de enunciação. O que se pretende observar é a distinção entre as três formas, verificando se há algum contexto particular para a realização de uma em detrimento das outras, isto é, essa abordagem propõe uma análise baseada nos fatores condicionantes de possíveis restrições para a realização de cada forma. Para isso, é imprescindível que o contexto pragmático-discursivo seja levado em consideração. Isso significa que não é possível propor uma análise pragmática de sentenças livres. Nesse sentido, os *corpora* de fala, sobretudo aqueles que apresentam

como parâmetro de compilação a variação diafásica, fornecem base para uma análise pragmática mais refinada²⁸.

De acordo com Schwegler (1991), a negação canônica seria a forma não marcada e, por isso, teria apenas um caráter assertivo, ao passo que as outras duas formas seriam marcadas, sinalizariam contradição e portariam um caráter pressuposicional. O autor apresenta os seguintes exemplos:

- (1) a. Quando estive no Rio, não fui na praia.
 b. Quando estive no Rio, (não) fui na praia não.
- (2) a. O Brasil não é um país rico.
 b. O Brasil não é um país rico não.

O autor diz que as sentenças em (a) apenas fazem uma asserção proposicional, já as sentenças em (b) “pressupõem uma asserção afirmativa ou uma assunção que elas procuram contradizer” (SCHWEGLER, 1991, p. 194)²⁹. Schwegler (1991) também diz que pelo fato de as sentenças em (b) contradizerem uma sentença afirmativa, elas possuem, de certa forma, um caráter enfático. Portanto, o autor considera que as formas não canônicas de negação verbal no PB negam conteúdo pressuposto. Em relação ao conteúdo semântico das três formas de negação, o autor diz que “parece não ser identificável contraste semântico nos casos de NEG_{1, 2, 3}” (SCHWEGLER, 1991, p. 193)³⁰.

Em pesquisa sobre a pragmática da negação verbal no PB através de dados de entrevistas sociolinguísticas da região sul do país, Goldnadel & Lima (2011) argumentam contra a hipótese do caráter pressuposicional de Neg V Neg e V Neg proposto por Schwegler (1991), apresentando o seguinte contraexemplo:

- (3) F: Não gostava de livro de história infantil. Sempre achava muito tolo. Mas [gostava]- gostava de ler gibi. Eu adorava. Tinha um monte. Vivia lendo isso.

²⁸ É importante salientar que alguns autores criam contextos simulando a ocorrência de sentenças negativas. Os *corpora* de fala espontânea fornecem gravações de eventos reais, o que possibilita a comprovação de que dada estrutura negativa ocorreu de fato em um determinado contexto.

²⁹ Tradução nossa para: presuppose a previous affirmative assertion or assumption which they seek to contradict (SCHWEGLER, 1991, p. 194).

³⁰ Tradução nossa para: there seems to be no identifiable semantic contrast in the cases of NEG_{1,2,3} (SCHWEGLER, 1991, p. 193).

E: quais eram os tipos de gibi?

F: Ah, tipo Mônica, Pantera Cor de Rosa, adorava esses filmes tudo. Filminho de televisão da (falando rindo) Pantera Cor de Rosa, amava, como e continuo amando até hoje. Adoro. (risos) Mônica, Cebolinha, ah, essas estorinhas, assim, bem bobinhas: Pato Donald. Queria falar igual o Pato Donald. (risos geral) (falando rindo) Queria imitar ele falando, mas não dava certo.

E: Nunca conseguiu?

F: Nunca consegui. Não tinha jeito. Aí ficava frustrada. (risos geral) É, coisas assim, né? **Mas de livro, livro não gostava não.** (GOLDNADEL & LIMA, 2011, p. 253).

Segundo os autores, o enunciado em negrito seria um caso que violaria a hipótese de Schwegler (1991), uma vez que a falante já havia dito anteriormente que não gostava de livros de história infantil, especificamente no primeiro enunciado. O enunciado “não gostava de livro não” não negaria a pressuposição implícita “a falante gostava de livros”, pois F disse no início do turno “não gostava de livro de história infantil”. Dessa forma, a falante não estaria contradizendo a possível crença do entrevistador de que ela gostasse de livros de história infantil.

Como não haveria diferença semântica entre as formas de negação verbal em PB, o que tornaria particular a escolha de uma sobre as outras adviria da base pragmática. Schwenter (2005) propõe que a diferença entre a negação verbal canônica e a não canônica reside na estrutura informacional, particularmente no estatuto discursivo da proposição que é negada. A negação dupla, denominada NEG2 pelo autor, não poderia ser realizada em um contexto em que a informação seja nova. O autor fornece um exemplo que ilustra essa restrição:

(4) [a falante caminha pela rua e de repente se lembra que ela se esqueceu de desligar o fogão]³¹

Nossa! Eu não desliguei o fogão (#não)!³² (SCHWENTER, 2005, p. 1434)

No exemplo acima, do ponto de vista discursivo, a sentença proferida pela falante constitui informação nova, uma vez que se considera que não foi dito absolutamente nada sobre o fogão anteriormente. Do ponto de vista situacional, as expectativas são dadas implicitamente, visto que o falante espera que tenha desligado o fogão antes de sair de casa. Portanto, mesmo se as expectativas forem dadas, a

³¹ Tradução nossa para: speaker walking down the street and suddenly remembers she forgot to turn off the stove (SCHWENTER, 2005, p. 1434).

³² ‘#’ marca um uso de violação de uma condição pragmática para que um enunciado se realize.

informação discursiva não deve ser nova. No mesmo contexto, a sentença seria aceitável se a informação sobre o fogão fosse discursivamente dada ou ativada, conforme mostra o exemplo do autor:

(5) A: Você desligou o fogão, né?

B: Nossa! Não desliguei não! (SCHWENTER, 2005, p. 1435)

Em (5), a sentença do falante A emite um conteúdo proposicional que funciona como um gatilho para que a sentença do falante B seja feliz nesse contexto justamente porque institui informação dada no momento da resposta de B. Desse modo, o autor considera que a informação deve ser ativada discursivamente para que NEG2 seja feliz. Isso significa que a informação não pode ser discursivamente nova (*discourse-new*), mesmo que no contexto pragmático o conteúdo para os interlocutores seja dado (*hearer-old*). Schwenter (2005) utiliza outro exemplo para explicar essa situação: um marido e sua mulher esperam o encanador consertar um vazamento na casa deles enquanto eles estão trabalhando durante o dia. Antes de a sua mulher chegar do trabalho, o marido observa que o encanador não apareceu e que o vazamento ainda persiste. Quando sua mulher chega, também com a mesma expectativa de o vazamento ter sido consertado, o marido quebra a expectativa dizendo: O encanador não veio. Contudo, se o marido dissesse “O encanador não veio não”, a sentença seria pragmaticamente infeliz (*infelicitous*), ainda que a mulher soubesse da vinda do encanador, constituindo informação pragmática dada para os interlocutores (*hearer-old*). Em razão de que a sentença proferida pelo marido constitui informação discursiva nova (*discourse-new information*), somente negação pré-verbal é feliz. Se a mulher tivesse perguntado sobre o estado do vazamento, a negação dupla seria feliz no contexto, uma vez que a proposição negada constituiria informação discursiva dada (*discourse-old*) ativada pela pergunta da esposa. Desse modo, é a informação discursivamente dada (*discourse-old*), segundo o autor, que licencia o uso da negação dupla, e não apenas o estatuto de *oldness* ou *givenness* da proposição (*hearer-old*) (cf. SCHWENTER, 2005). Schwenter (2005) também esclarece que a informação discursiva dada não precisa ser necessariamente textual. Isso significa que constituiria informação discursiva dada, por exemplo, um simples gesto facial da esposa com o intuito de perguntar se o encanador havia aparecido para consertar o vazamento, ou seja, esse gesto facial já seria suficiente para

que o uso da negação dupla fosse feliz no contexto do exemplo acima descrito pelo autor.

Segundo Schwenter (2005), a proposição a ser negada por NEG2 pode ser não só informação discursiva dada, ou seja, essa proposição também pode ser inferida a partir do contexto discursivo, desde que o falante reconheça que tal proposição pode ser inferida com base em uma informação discursiva dada. O autor apresenta o seguinte exemplo:

- (6) E- [...] E o samba lá embaixo? Pelo menos o pessoal gosta, né?
 F- É, muita gente vai. Agora eu não vou não. Tem uns dois ou três ano que eu não entro na quadra da Vila para nada.
 Eu saí foi em oitenta. Em oitenta eu desfilei na Vila.
 (SCHWENTER, 2005, p. 1436).

A explicação dada pelo autor é de que a asserção “muita gente vai para o samba” licencia a inferência de que o falante também vai. Portanto, o enunciado que apresenta NEG2 nega justamente essa proposição inferível, o que significa que F reconheceu que a proposição “muita gente vai (inclusive o próprio falante)” pôde ser inferida por E. Desse modo, o contexto discursivo, por meio da proposição inferível, licencia o uso de NEG2 pelo falante F.

Schwenter (2005) também tece considerações acerca da negação pós-verbal, ou NEG3 nos termos do autor. Para ele, a negação pós-verbal “é empregada para negar uma proposição que é diretamente ativada pela pergunta do entrevistador” (SCHWENTER, 2005, p. 1449)³³. Os exemplos que o autor apresenta são:

- (7) A: Você gostou da palestra da Maria?
 B: Gostei não.
- (8) A: Você gostou da palestra da Maria?
 B1: #Fui não.
 B2: Eu não fui não. (SCHWENTER, 2005, p. 1449)

Em (7), a sentença de B é pragmaticamente feliz porque ela nega uma proposição ativada diretamente pela sentença de A. O exemplo (8) mostra uma restrição para o uso da negação pós-verbal. Schwenter (2005) diz que, baseado na pergunta de A,

³³ Tradução nossa para: is employed to negate a proposition that is directly activated by the interviewer's question (SCHWENTER, 2005, p. 1449).

é inferido que A acredita que B compareceu à palestra de Maria, por isso o uso da negação dupla é feliz nesse contexto (B2). Contudo, a negação pós-verbal não seria feliz em tal contexto porque a proposição negada por B1 “não é explicitamente ativada pela pergunta, mas é derivada dela via um processo de inferência conversacional” (SCHWENTER, 2005, p. 1449)³⁴. Portanto, NEG3 só é pragmaticamente feliz quando “o discurso precedente apresenta conteúdo negado de maneira literal” (GOLDNADEL; LIMA, 2011, p. 250).

Sobre a negação pré-verbal ou NEG1, Schwenter (2005) afirma que ela é livre para negar “as expectativas que são estritamente dadas pelo falante ou ouvinte, mas discursivamente novas, isto é, proposições que não tenham sido engatilhadas de qualquer modo pelo conteúdo do discurso” (SCHWENTER, 2005, p. 1452)³⁵.

Schwenter (2005, p. 1452) apresenta uma tabela com as formas de negação do PB de acordo com o *status* da proposição negada:

Tabela 29 – BP negatives, by information status of the negated proposition

<i>Form</i>	<i>Discourse-new</i>	<i>Inferable</i>	<i>Directly activated</i>
NEG1	OK	OK	OK
NEG2	#	OK	OK
NEG3	#	#	OK

Fonte: (SCHWENTER, 2005)

O autor esclarece que a negação canônica ou NEG1 pode negar proposições cujo conteúdo não foi ‘acionado’ no discurso (*discourse-new*), conteúdo inferível a partir do discurso (*inferable*) e conteúdo diretamente ativado no discurso (*directly activated*). A negação dupla ou NEG2 pode negar o conteúdo de uma proposição que constitua informação dada (*discourse-old*), entretanto essa proposição deve ser “inferencialmente derivada de outra proposição discursivamente dada” (SCHWENTER, 2005, p. 1452)³⁶ ou, em alguns casos, apresentada como informação dada (*discourse-old*) pelos participantes. A negação pós-verbal ou NEG3 só negaria proposições

³⁴ Tradução nossa para: is not explicitly activated by the question, but rather derived from it via process of conversational inference (SCHWENTER, 2005, p. 1449).

³⁵ Tradução nossa para: expectations that are strictly speaker- and/or hearer-old but discourse-new, i.e., propositions that have not been ‘triggered’ in any way by the content of the ongoing discourse (SCHWENTER, 2005, p. 1452).

³⁶ Tradução nossa para: inferentially derived from another discourse-old proposition (SCHWENTER, 2005, p. 1452).

diretamente ativadas no discurso. Vale mencionar que a hipótese foi atestada por Schwenter (2005) com dados de fala da cidade do Rio de Janeiro.

Goldnadel & Lima (2011), analisando dados do projeto VARSUL³⁷, chegam à conclusão de que a hipótese de Schwenter (2005) “a respeito das restrições pragmáticas envolvidas no uso de negações está correta” (GOLDNADEL; LIMA, 2011, p. 258). Contudo, as gravações do projeto VARSUL constituem-se apenas de entrevistas sociolinguísticas. Isso significa que nesse banco de dados somente uma diafasia é representada, isto é, a diafasia entrevista. Esse fato não impede que a hipótese de Schwenter (2005) seja testada, mas certamente um *corpus* que apresentasse maior variação diafásica forneceria uma possibilidade mais ampla para uma pesquisa que visasse testar uma hipótese de base pragmática. Em estudo posterior, utilizando os mesmos dados do VARSUL, Lima (2013) revisa a hipótese de Schwenter (2005), acrescentando duas restrições para o uso da negação dupla na fala sulista. De acordo com a autora, esse tipo de negação estaria restrita também a:

- a. veicular proposições que expressam conteúdo tópico ativo ou acessível;
- b. ser seguida por porção de texto que mantém o tópico em curso. (LIMA, 2013, p. 95).

A função de manutenção do tópico discursivo seria uma das funções da negação dupla, obedecendo, assim, à restrição descrita em (a) acima. Lima (2013, p. 95) apresenta o seguinte exemplo:

(9) E: E o senhor acha bom o progresso?

F: É, fazer o quê? Tem que aceitar, né? Como está indo aí o progresso da cidade, aí. Bom, política não vou pôr no meio, né?

E: Se o senhor quiser falar alguma coisa, reclamar, a gente está aqui...

F: **Não, não vou reclamar nada não** (linha 32), porque o prefeito, esse é um grande prefeito, né? Jaime, aí. Está fazendo muito pela cidade aí. Então está progredindo, né? Eu falei, né? Do colégio, né? Aquele avental e tal, agora é tudo moderno, agora é tudo uniforme e tal, né? Não se usa mais aquele avental branco (PR CTB 13)

Segundo a autora, a negação dupla em negrito é usada como recurso de continuidade tópica. A proposição ativada no enunciado anterior, que está sublinhado, é

³⁷ Cf. <<http://www.varsul.org.br/>>.

negada com vistas a manter a continuidade do tópico em questão. É possível notar que, embora a autora não explicita isso em seu texto, sua análise parece considerar o turno conversacional uma unidade importante na construção dos tópicos discursivos, uma vez que a negação dupla funciona justamente para dar continuidade ao tópico, mantendo o turno de F ativo, conforme observado no exemplo (9). Em alguns exemplos em que a negação dupla é realizada em final de turno, a autora explica que essa seria uma forma de resumir o tópico discursivo, uma vez que essa negação ocorreria após longa elaboração sobre o tópico.

Lima (2013, p. 98-99) apresenta um exemplo em que o uso da negação dupla obedeceria à restrição em (b) acima:

(10) E: Tem problema de assalto?

F: Ah, isso tem um tudo que é lugar, né? Aqui é – Não sei, às vezes a minha filha que estuda de noite vem – Sai vinte pras onze, ou dez e meia ela sai lá do colégio. Sobe às vezes onze horas aí. Que às vezes a Jane fica – a minha esposa se perde pra encontrar elas e elas saem mais cedo do colégio, entendeu? Então ela não gosta de ficar esperando na parada, ela pega e vem sozinha, né? Não gosta de ficar parada. **Não sei, até agora não tem problema nenhum não.**

E: É bem diferente de lá onde eu moro. (RS POA 11)

O tópico ativado pela pergunta do entrevistador faz com que o entrevistado realize seu turno, mantendo uma porção de texto prévio antes de usar a negação dupla no final do turno. Essa negação teria a função de manutenção do tópico lançado pelo entrevistador. Lima (2013), no entanto, também apresenta exemplos em que sua hipótese revista ainda não consegue explicar satisfatoriamente o uso da negação dupla. O exemplo abaixo apresentado em Lima (2013, p. 102) é um desses casos:

(11) F: E a gente se vestia, se pintava, usava roupa das chacretes, ia pro meio do mato fazer espetáculo.

E: No mato?

F: É, tudo mato. É brincadeira de... Vou ter que confessar, né? **Mas não continuo indo lá, não.** Ah, era bem divertido. Ah, é, tinha a brincadeira, das chacretes, a gente dançava... O meu pai adorava, achava lindo! **Minha mãe às vezes não gostava muito, não,** mas o meu pai achava lindo, maravilhoso. (SC FLP 01)

De acordo com a autora, o primeiro enunciado com negação dupla “não apresenta conteúdo ativo, nem tópico” (LIMA, 2013, p. 102). Decorre desse fato que o entrevistado não está usando a negação dupla para negar conteúdo ativado

discursivamente, nem como recurso de manutenção de tópico³⁸. Lima (2013) diz que o segundo enunciado que apresenta negação dupla se encontra numa estrutura de tópico contrastivo. É preciso mencionar que a terminologia pode ser alvo de confusão. O que a autora entende por tópico seria respostas a questões explícitas ou implícitas estabelecidas em relação de *aboutness* dos enunciados³⁹. O caso do segundo enunciado em negrito é o fato de ele carregar certo tópico discursivo e manter um contraste com o tópico do enunciado anterior. Assim como no primeiro enunciado em negrito, o segundo também não nega conteúdo ativado discursivamente, nem tem a função de manutenção tópica. A respeito dos exemplos problemáticos para sua hipótese, a autora diz que “é necessário dar continuidade aos estudos da constituição pragmática da dupla negação (...)” (LIMA, 2013, p. 103).

Nunes (2014) dá continuidade ao estudo da pragmática da negação dupla, considerando também os dados do projeto VARSUL, além de testes de percepção aplicados a falantes das cidades de Porto Alegre e de Lisboa, em Portugal. De acordo com a autora, “o uso de enunciados de dupla negação relaciona-se à topicalidade do conteúdo expresso (...) sendo um recurso que o falante dispõe para indicar o assunto desenvolvido” (NUNES, 2014, p. 19). A hipótese da autora é de que a negação dupla cumpre a função de:

c. apresentar comentário a um (sub)tópico precedente;

d. sinalizar uma continuidade tópica, ou seja, estimular a criação de um (sub)tópico subsequente (NUNES, 2014, p. 23).

Nunes (2014) apresenta seus dados baseados na teoria de Van Kuppevelt (1995)⁴⁰. O objetivo da autora era corroborar e refinar o que já havia sido proposto por

³⁸ Uma alternativa possível para explicar tal dado seria a noção de figura/fundo presente na Linguística Cognitiva. O primeiro enunciado que contém negação dupla seria parte do fundo. O que decorre dessa hipótese deveria ser melhor avaliado. Além disso, para essa proposta ser testada seria necessário ter acesso ao áudio do exemplo. De qualquer forma não é o caso deste trabalho propor e testar uma hipótese para esse exemplo.

³⁹ A autora leva em consideração os conceitos de tópico e comentário estabelecidos em Van Kuppevelt (1995), obra a qual não tivemos acesso. Contudo, pudemos consultar a revisão de Nunes (2014) sobre a noção de tópico segundo Van Kuppevelt (1995). Sobre essa categoria, Nunes (2014, p. 21) menciona que “o falante entende que o ouvinte necessita de uma resposta de uma questão induzida implicitamente para a compreensão e interpretação satisfatória do discurso proferido”. É preciso dizer que a teoria de Van Kuppevelt (1995) não é baseada em dados de fala, conforme afirma Nunes (2014, p. 24).

⁴⁰ Cf. nota 13.

Lima (2013). Além disso, é importante mencionar que a autora pesquisou entrevistas sociolinguísticas do Português Europeu (PE) e encontrou dados de negação dupla também nessa variedade da Língua Portuguesa. A discussão dos exemplos acerca das hipóteses em (c) e (d) leva a autora a desenvolver um teste de percepção aplicado a falantes do dialeto gaúcho da cidade de Porto Alegre e de falantes de PE da cidade de Lisboa. O teste consiste no julgamento de sentenças com negação dupla em posição inicial, medial e em final de turno. Os participantes deveriam identificá-las como natural, quase natural, pouco natural ou nada natural. De acordo com a autora, os resultados mostraram que a negação dupla obedece a critérios discursivos de manutenção de tópico. Uma consideração interessante acerca do julgamento da negação dupla pelos falantes de PE é mencionada pela autora: “Se os enunciados com o fenômeno não fossem utilizados em nenhum contexto pelos portugueses, muito provavelmente, não teriam sido considerados naturais em nenhuma das opções apresentadas aos falantes” (NUNES, 2014, p. 51). O teste de percepção mostraria que a negação dupla em PE não é sentida como algo agramatical, embora não se possa dizer que seja produtiva da língua.

2.8.1 Breve comentário sobre a abordagem pragmática

A abordagem pragmática oferece um considerável avanço na compreensão do fenômeno da negação no PB⁴¹. É fato que a análise de dados empíricos oferece interessantes contraexemplos às hipóteses formuladas intuitivamente. Não obstante, o avanço do campo de estudos só é possível com o debate, com contraexemplos, com a reformulação de hipóteses, etc. e os dados empíricos são enriquecedoras fontes de pesquisa. A proposta de Schwenter (2005) é testada com dados do corpus C-ORAL-BRASIL (RASO; MELLO, 2012) neste trabalho e apresentada na seção de Análise de dados. É preciso mencionar que o autor considera a taxonomia de Prince (1981) para o conceito de informação dada/nova. Embora seja uma proposta interessante, essa é uma

⁴¹ Associando o Princípio de Não Sinonímia, no âmbito da Gramática de Construções (cf. GOLDBERG, 1995), à negação no PB, seria plausível propor que a diferença entre as três formas residiriam em questões pragmáticas. Ou seja, se a semântica da negação é a mesma, em que um operador realiza uma mesma operação sem contraste de significado entre as três formas ou entre as construções distintas, o uso dessas formas não poderia ser então meramente estilístico. Haveria sinonímia semântica, mas não pragmática. Isso é o que autores como Schwegler (1991) e Schwenter (2005) propõem, embora não adotem o arcabouço teórico da Gramática de Construções.

proposta que merece mais refinamento. A noção de informação inferida é alvo de questionamento mesmo no texto de Prince (1981). A autora afirma que

[i]ntuitivamente se pode pensar as inferências sendo classificadas como informações novas – elas não são introduzidas previamente no modelo discursivo – e, ao mesmo tempo, sendo classificadas juntamente com informação evocada, como informação dada – elas são feitas de partes dadas. Antes de podermos motivar uma decisão para uma ou outra, contudo, são necessárias mais pesquisas, incluindo pesquisa psicolinguística sobre o processamento do discurso (PRINCE, 1981, p. 252).⁴²

Independente se a taxonomia de Prince (1981) está correta ou não⁴³, o fato é que buscar informação inferida num *corpus* é algo bastante subjetivo. Essa foi uma das dificuldades deste trabalho na parte de verificação da hipótese de Schwenter (2005) para o uso da negação dupla no PB. Por outro lado, a identificação de informação diretamente ativada ou de informação dada é algo que o *corpus* fornece inquestionavelmente. Nesse sentido, a proposta de análise encontrada nos trabalhos de Lima (2013) e Nunes (2014) é possível de ser testada com precisão, uma vez que essas categorias são de fato realizadas na fala dos interlocutores.

O trabalho de Goldnadel et al (2013) identifica fatores relevantes para o uso de negação dupla na fala sulista: (i) contexto discursivo de resposta (ii) ocorrência em orações absoluta e principal (iii) uso maior entre falantes com menor nível de escolaridade e (iv) conteúdo ativado no discurso de forma literal ou inferencial na mesma sentença ou em sentença anterior. Alguns desses resultados já foram registrados em outros estudos de aporte variacionista. No entanto, o trabalho de Goldnadel et al (2013) introduz a variável pragmática de estatuto informacional do referente negado, o que mostra consonância com o estudo de Schwenter (2005). É de fato importante considerar os aspectos pragmáticos do uso da negação no PB, sobretudo se se considera dados empíricos.

⁴² Tradução nossa para: [i]ntuitively one can think of Inferreds as being classified under New [information] – they were not previously in the discourse model – and, at the same time, as being classified, along with Evoked, under some Old [information] – they are made up of old parts. Before we can motivate a decision for one or the other, however, further research is needed, including psycholinguistic research on the processing of discourse” (PRINCE, 1981, p. 252).

⁴³ Não é objetivo deste trabalho argumentar contra ou a favor da proposta da autora.

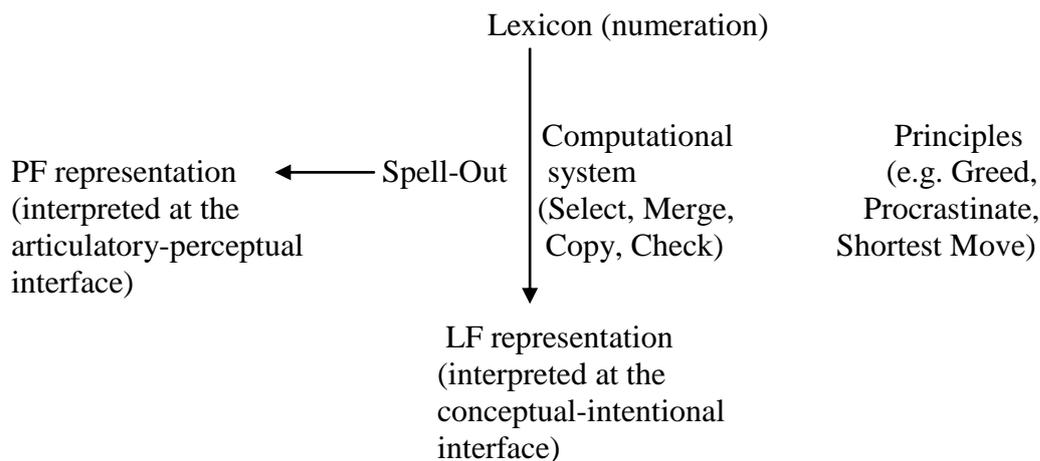
2.9 A ABORDAGEM DA SINTAXE FORMAL

Primeiramente, é preciso esclarecer que esta seção não tem o objetivo de discorrer o histórico dos estudos sobre a negação verbal no PB no âmbito da Gramática Gerativa. Há várias propostas na literatura que propõem o *locus* da negação na estrutura da sentença no PB, bem como a derivação das sentenças negativas. A proposta de Hansen (2010) pareceu didática e adequada ao propósito da discussão sobre a sintaxe das sentenças negativas abordadas neste trabalho, qual seja uma breve exposição dos estudos de sintaxe formal sobre tais sentenças.

A Gramática Gerativa é uma teoria que vem se desenvolvendo ao longo de mais de meio século. Para um histórico da teoria e para uma melhor compreensão do que será explicado nesta seção, sugerimos a leitura do texto de Lasnik & Lohndal (2013). Após várias décadas de pesquisa, a partir da década de 1990 a teoria rumo a uma simplificação das representações com vistas à busca de uma adequação explanatória do funcionamento da Faculdade de Linguagem (FL). Apenas níveis de representação conceptualmente necessários são mantidos. Dessa forma, as estruturas profunda e superficial são eliminadas do modelo computacional da FL. A FL mantém uma interface direta com níveis cognitivos mais amplos, como o sistema Articulatório-Perceptual (A-P) e o sistema Conceitual-Intencional (C-I). A Forma Fonética (PF) é o nível representacional da interface entre a FL e o sistema A-P e a Forma Lógica (LF) é o nível representacional da interface entre a FL e o sistema C-I. A PF é a responsável pelo som/pronúncia da sentença e a LF é a responsável pela interpretação da sentença. Isso decorre do fato de que as sentenças são emparelhamentos de som e significado. Além dessa consideração, há ainda outros quatro importantes pressupostos sobre as sentenças. Conforme aponta Boeckx (2006, p. 73), elas:

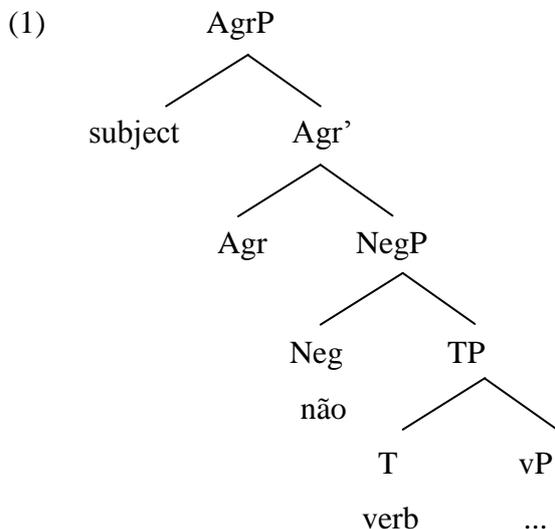
- (i) são unidades linguísticas básicas;
- (ii) são potencialmente infinitas;
- (iii) são compostas de sintagmas hierarquicamente organizados;
- (iv) exibem a propriedade de deslocamento, no sentido de alguns elementos serem interpretados numa posição diferente daquela em que foram pronunciados.

Tendo em vista essas considerações, o modelo de Gramática da abordagem minimalista é apresentado abaixo, segundo Davies & Dubinsky (2008, p. 287):



Elementos lexicais são coletados a partir do processo de Numeração, passam por processos do sistema Computacional, como Selecionar, Juntar, Copiar e Checagem de traços, obedecendo a princípios como *Greed*, *Procrastinar* e *Movimento mais curto*, são mandados para PF para finalmente receberem uma interpretação em LF. As operações de movimento realizadas antes de *Spell-Out* são abertas, pertencentes à sintaxe visível, já os movimentos pós-*Spell-Out* são cobertos, pertencentes à sintaxe invisível. Os itens lexicais são compostos de três tipos de traços: fonológicos, semânticos e formais. Tais traços podem ser de natureza interpretável [iF] ou não-interpretável [uF], em que F representa algum aspecto morfossintático. Um traço interpretável possui interpretação em LF, diferentemente de um traço não-interpretável. O último deve ser eliminado antes de alcançar LF. A operação *Agree* é responsável pela checagem de um traço não-interpretável com sua contraparte interpretável, tornando-o invisível. Essa operação funciona como um sistema de sonda (*probe*) e meta (*goal*). Um traço não-interpretável é uma sonda que busca seu domínio sintático a fim de encontrar seu correspondente traço interpretável, atingindo dessa forma a meta. Assim que a sonda encontra sua meta, os traços são checados e eliminados. O movimento é engatilhado pela natureza do traço. Um traço forte não-interpretável necessita ser checado por um traço interpretável através de uma configuração de *Spec-Head agreement*. Um traço fraco não-interpretável pode ser checado por um traço interpretável através de uma configuração de c-comando, isto é, se [uF] c-comanda [iF].

De acordo com Hansen (2010), a posição da negação pré-verbal na estrutura da sentença em PB é entre AgrP e TP, conforme proposto pelo autor (HANSEN, 2010, p. 121):



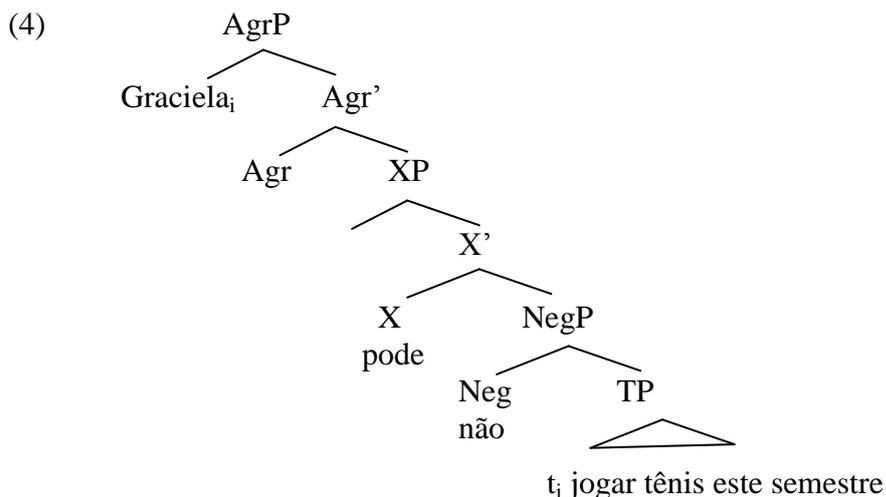
Essa estrutura prevê que a negação (i) é pré-verbal, pois se encontra antes de TP, que (ii) é adjacente ao verbo e só pode ser separada por clíticos pronominais, como em *A Graciela não te quer*, **A Graciela te não quer* e que (iii) é uma categoria funcional que permite elipse, como em orações coordenadas *A Graciela viajou para Colômbia, mas a Carolina não [viajou para a Colômbia]*. Há casos em que nem sempre o operador de negação precederá o verbo leve ou lexical. Dados em que o operador sucede um verbo modal é possível em português.

(2) Graciela pode não jogar tênis este semestre.

No entanto, o significado da sentença (2) é diferente do significado da sentença (3) abaixo.

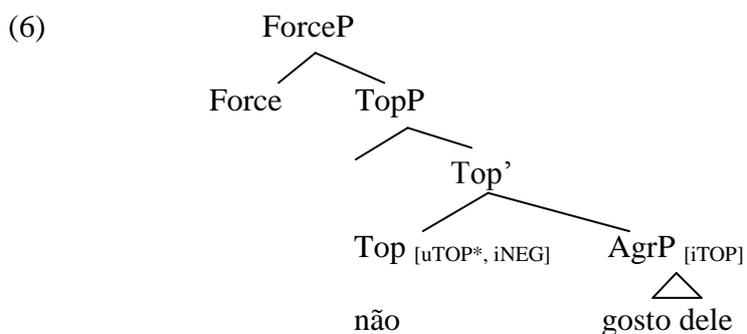
(3) Graciela não pode jogar tênis este semestre.

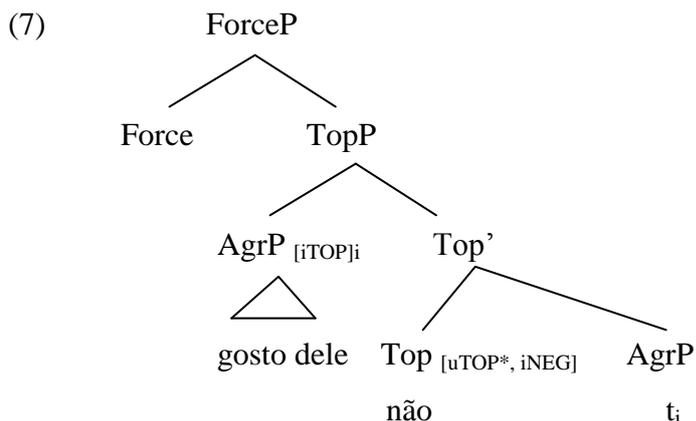
Em (2), Graciela pode e tem a capacidade de jogar tênis, contudo não se tem certeza se ela jogará ou não. Já em (3), Graciela não jogará tênis este semestre por algum motivo que a impede de fazê-lo. A estrutura de (2) é apresentada em (4), seguindo o modelo de Hansen (2010):



Hansen (2010) segue o modelo de restrição pragmática de Schwenter (2005) e diz sentenças que apresentam negação pós-verbal contém informação discursiva dada. Dessa maneira, o conteúdo de AgrP pode ser topicalizado, subindo para Spec de TopP. O núcleo de TopP aloja o operador de negação. Esse núcleo possui um traço interpretável [iNEG] e um traço forte não-interpretável [uTOP*]. Na derivação desse tipo de sentença, AgrP possui um traço interpretável [iTOP] que será checado em Spec de TopP, já que o traço [uTOP*] engatilha o movimento de subida de AgrP para Spec de TopP. Hansen (2010) segue o modelo de expansão do sistema CP de Rizzi (1997) e considera as categorias ForceP e TopP, por exemplo, na estrutura da sentença. Abaixo segue um exemplo da derivação de uma sentença que apresenta negação pós-verbal (HANSEN, 2010, p. 170):

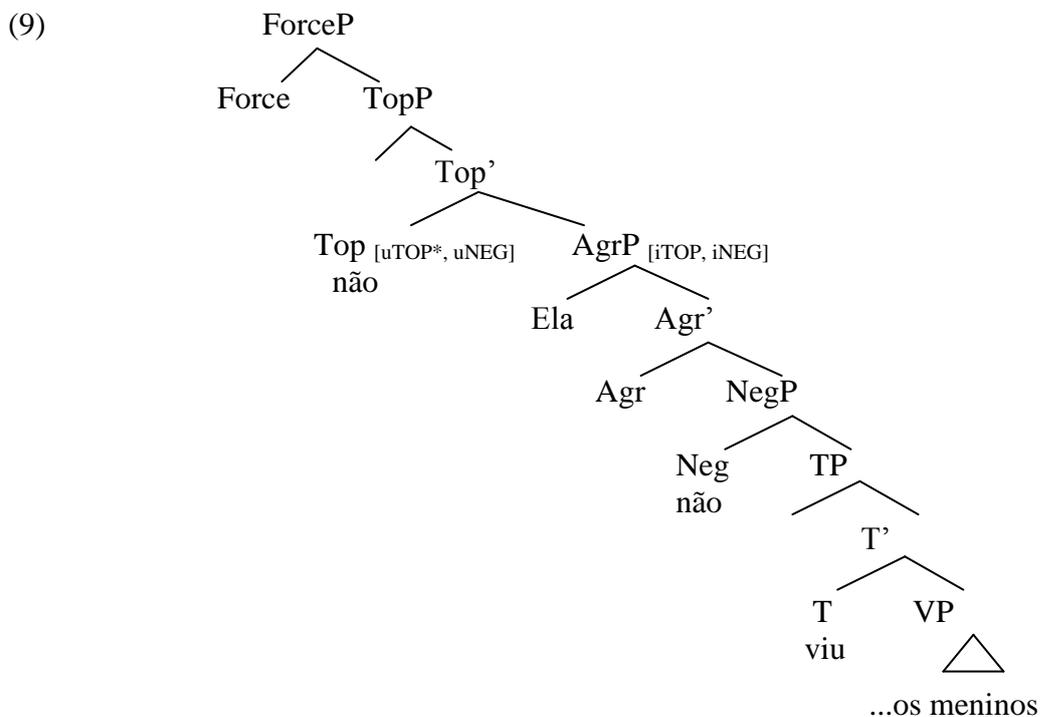
(5) Gosto dele não.

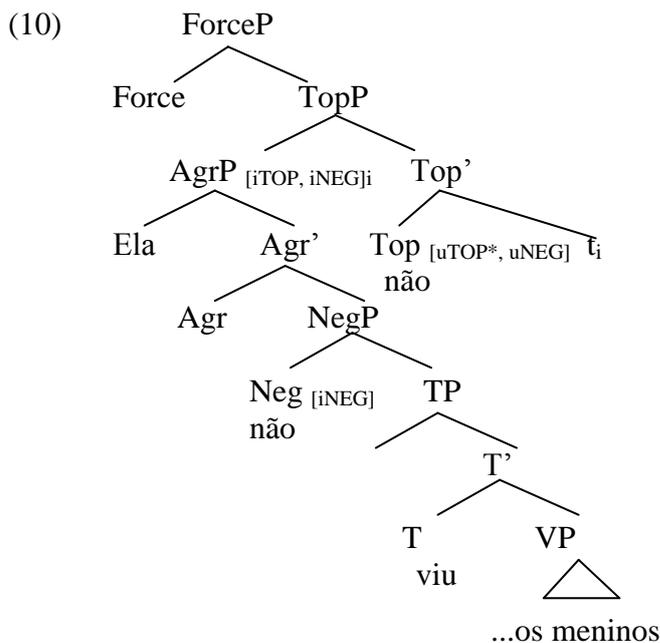




As sentenças que contêm negação dupla são derivadas da seguinte maneira, de acordo com Hansen (2010): o operador pré-verbal é gerado no núcleo de NegP e o pós-verbal no núcleo de TopP. Esse último possui um traço não-interpretável [uNEG] que deve ser checado com um traço interpretável [iNEG] de AgrP em Spec de TopP. Após a subida, AgrP c-comanda o núcleo de TopP, ocorrendo assim a checagem do traço. A derivação é ilustrada abaixo com exemplo de Hansen (2010, p. 174):

(8) Ela não viu os meninos não.





A proposta de derivação de sentenças V Neg e Neg V Neg de Hansen (2010) leva em consideração as questões pragmáticas envolvidas no uso de tais sentenças. Esse é um ganho em relação a outras propostas que dispensam esse conteúdo.

2.9.1 Breve comentário sobre a abordagem da sintaxe formal

A proposta da sintaxe formal toma pressupostos da teoria da Gramática Gerativa (cf. CHOMSKY, 1995) para sua análise. Os trabalhos mais recentes focam na abordagem minimalista para a derivação das sentenças. Estudos mais recentes, como os de Sousa (2012) e Cavalcante (2012) propõem outros tipos de derivação. Como não é o objetivo deste trabalho aprofundar nas questões teóricas envolvendo a derivação das sentenças, não serão mostradas as propostas dos autores supracitados. Esses autores apresentam propostas interessantes sobre possíveis restrições sintáticas das sentenças negativas em PB. Algumas das hipóteses propostas nesses trabalhos serão exploradas na seção de análise dos dados.

2.10 RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo procurou mostrar de forma sucinta estudos prévios das mais diversas abordagens teóricas e com os mais variados objetivos. Esta revisão não serviu apenas como exposição. O texto apresentou críticas construtivas e sugestões de análise acerca dos trabalhos expostos. O estudo da negação se torna bastante enriquecedor quando se considera não apenas questões puramente teóricas, mas principalmente quando se consideram fatores diacrônicos, prosódicos, pragmáticos, semânticos, etc. Os dados empíricos oferecem uma gama de possibilidades de análise, o que, de certa maneira, provoca reflexões para que as questões teóricas sejam reformuladas, no sentido de se adequarem aos dados, e não o contrário. Por fim, todos os trabalhos expostos criticamente neste capítulo são fontes valiosas de estudo e, sem dúvida, contribuem para o entendimento do fenômeno da negação verbal no PB.

O próximo capítulo explorará a teoria utilizada para a arquitetura do *corpus* desta pesquisa, bem como para parte da análise dos dados.

3 A TEORIA DA LÍNGUA EM ATO

A Teoria da Língua em Ato [TLA] (CRESTI, 2000, MONEGLIA; RASO, 2014) é uma teoria *corpus-driven* da linguagem. Isso significa que o processo de construção dessa teoria obedece a um critério indutivo de pesquisa, ou seja, o próprio *corpus* é a fonte empírica em que se buscam as regularidades posteriormente transferidas em postulados teóricos. O objeto de investigação e também de construção dos *corpora* em que a TLA se baseia é a **fala espontânea**. Caracteriza-se como espontânea a fala que é executada ao mesmo tempo em que é planejada (NENCIONI, 1983). Assim, no processo de gravação para constituição dos *corpora*, eliminam-se situações em que a fala não é espontânea, como em peças de teatro, telenovelas, filmes, discursos puramente lidos, etc. Todas essas situações de fala exemplificadas compartilham uma característica em comum, isto é, a fala executada é oriunda de um texto escrito previamente elaborado. Nessas situações, quando realizada, a produção linguística não se configura como espontânea, uma vez que a fala não é executada ao mesmo tempo em que é planejada.

Como o objeto de análise é a fala espontânea, é necessário que se tome decisões acerca do processo de transcrição, justamente para que esse objeto não seja enviesado

pelas características do texto escrito formal. A transcrição dos textos orais dos *corpora capta* fenômenos de lexicalização e gramaticalização em curso. Assim, busca-se uma codificação morfossintática que capture certas características típicas da fala, adotando, dessa forma, um critério semiortográfico para a transcrição dos textos orais (cf. RASO; MELLO, 2009, MELLO et al, 2012). Além disso, para que a transcrição represente de forma mais fiel as características prosódico-informacionais da fala – ainda que respeitando as diferenças diamétricas entre a fala e a escrita (cf. RASO, 2013) – é preciso que se delimite uma unidade de referência. A princípio, o turno conversacional poderia ser considerado tal unidade. No entanto, adotá-lo como a unidade de referência da fala gera certos problemas. O turno é definido com base na contribuição que cada participante da interação oferece no momento da fala. O principal problema está em delimitar quando se inicia ou se chega ao fim de um turno, ou seja, ele pode se constituir de apenas uma palavra ou de um enorme fragmento de texto, em um monólogo, por exemplo. Ademais, sua identificação é incerta quando há sobreposição de fala. Por essas razões, a TLA não considera o turno conversacional como a unidade de referência da fala. As pistas para a delimitação de tal unidade se encontram no nível pragmático-discursivo ancorado pela prosódia, como será mostrado adiante.

Para a TLA, estudar a fala implica em identificar uma unidade linguística que corresponda à atividade comunicativa. Partindo da Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1962), a TLA propõe que a unidade da atividade comunicativa seja o **ato de fala**. A fala espontânea implica na execução de ações realizadas através dos atos de fala. Dessa forma, identificar a unidade de referência da fala significa delimitar uma sequência pragmaticamente autônoma através do contínuo sonoro da fala. A unidade de referência da fala é, portanto, o **enunciado**, definido como a menor unidade linguística que possui autonomia pragmática e interpretabilidade em isolamento. Relaciona-se, assim, o domínio das ações à unidade linguística ou, em outras palavras, o ato de fala ao enunciado. Desse modo, todo enunciado apresenta um ato de fala. É possível notar que a definição de enunciado pela TLA é de natureza pragmático-discursiva, e não semântico-sintática, o que elimina a possibilidade de sempre estar presente no enunciado um verbo com ou sem seus argumentos realizados.

Como mencionado acima, o enunciado sempre apresenta um ato de fala. De acordo com Austin (1962), o ato de fala constitui-se simultaneamente de três atos: o locucionário, o ilocucionário e o perlocucionário. O ato locucionário corresponde à pura ação de falar ou à produção linguística. O ato ilocucionário corresponde à ação que se

realiza por meio da fala, isto é, a ordem, o pedido, a oferta, a recusa, a saudação, etc. O ato perlocucionário corresponde ao efeito provocado no interlocutor na forma de outra ação. Para a TLA, a realização simultânea dos atos locucionário e ilocucionário é a base do **princípio ilocutivo**, isto é, a relação biunívoca entre um enunciado e um ato de fala. Assim, um enunciado expressa somente uma única ação. Não haveria restrições morfossintáticas para a realização de um enunciado. Os exemplos (1) e (2) são considerados enunciados, pois possuem autonomia pragmática e interpretabilidade em isolamento:

(1) bfamcv01:

*LUI: [10] <agora> manda uma barrinha <minha> //COM=\$⁴⁴

(2) bfamcv01:

*EVN: [38] uhn //COM=\$

Todo enunciado carrega uma força ilocucionária, que o permite realizar uma **ilocução**, isto é, a produção do material locutivo - ou do conteúdo linguístico - concomitante à realização de um ato de fala. Toda ilocução apresenta características prosódicas próprias que as distinguem entre si, ou seja, perfis entoacionais convencionais. Portanto, toda ilocução de ordem, por exemplo, apresentará um perfil entoacional semelhante, ainda que o conteúdo locutivo seja diferente. Isso significa que é possível realizar uma ilocução de ordem independente dos itens lexicais, não é necessário haver um verbo no imperativo para que uma ordem seja executada em termos linguísticos. O que possibilita a identificação de uma ilocução é o seu perfil entoacional ou, em termos gerais, suas características prosódicas. O **critério ilocutivo** é a relação entre a ilocução e o seu contorno prosódico. A prosódia é, então, a responsável por mediar a relação entre o domínio linguístico, representado pelos enunciados, e o domínio pragmático, representado pelos atos de fala. Além disso, é através da prosódia que é possível segmentar a fala em enunciados e em suas unidades internas.

⁴⁴ Os exemplos de enunciados retirados do *corpus* C-ORAL-BRASIL seguem um padrão. A sigla “bfamcv01” informa a língua (b = português brasileiro), o contexto (fam = familiar/privado, pub = público), a tipologia interacional (cv = conversação, dl = diálogo, mn = monólogo) e o número do texto em seguida. Depois do asterisco há as iniciais dos falantes, seguido de um número entre colchetes, que indica o número do enunciado. Os colchetes angulares indicam sobreposição de fala. As barras simples indicam quebras prosódicas terminais e as barras duplas indicam quebras prosódicas terminais. As anotações após as quebras prosódicas indicam a sigla das unidades informacionais. Essas informações serão explicadas na seção 3.1.

A prosódia é a camada suprasegmental da fala. Isso significa dizer que tudo o que se encontra acima do nível segmental (dos fones) corresponde à prosódia. São traços prosódicos parâmetros acústicos de frequência fundamental ou f_0 ⁴⁵, intensidade e duração, percebidos como *pitch*⁴⁶, *loudness* e *length*⁴⁷ que, por sua vez, apresentam os correlatos físicos de frequência, amplitude e tempo (KENT & READ, 1992). Fenômenos como acento, perfil entoacional, ritmo e velocidade de fala são objetos de estudo da prosódia. Além disso, através da prosódia é possível identificar características extralinguísticas (como o sexo do indivíduo), paralinguísticas (como estado emocional do indivíduo) e ilocucionárias (os atos de fala). Para a identificação das ilocuições a categoria prosódica mais relevante é a entoação. De acordo com a TLA, há quatro funções básicas da entoação:

- a. segmentar cada enunciado no fluxo contínuo da fala;
- b. segmentar o enunciado em unidades internas (quando houver);
- c. atribuir uma ilocução específica a cada enunciado;
- d. atribuir um valor ou uma função informacional a cada uma das unidades internas do enunciado.

No *continuum* sonoro da fala há, por exemplo, o seguinte trecho, transcrito logo abaixo:

(3) bfamcv01:

*EVN: [19] No' o Galáticos é mesmo todo mundo é <babaca>

A função da entoação serviria para (a) segmentar esse enunciado, individualizando-o entre outros enunciados presentes no *continuum* da fala de EVN.

(4) bfamcv01:

*EVN: [19] No' o Galáticos é mesmo todo mundo é <babaca> //

⁴⁵ O termo “ f_0 ” ou “frequência fundamental” se refere a uma medida do número de ciclos completos de vibração das vocais por uma unidade de tempo (geralmente, o segundo) no momento da fala.

⁴⁶ De acordo com Roach (2011, p. 67), *pitch* “is an auditory sensation: when we hear a regularly vibrating sound such as a note played on a musical instrument, or a vowel produced by the human voice, we hear a high pitch if the rate of vibration is high and a low pitch if the rate of vibration is low”.

⁴⁷ Há muita variação de tradução dos nomes *loudness* e *length* na literatura. Por isso, optou-se por manter os nomes em inglês. Uma tradução para esses nomes seriam, respectivamente, altura e duração. A maior parte da literatura em português não traduz o termo *pitch*.

Se esse enunciado apresentar unidades internas, a entoação terá a função de segmentá-las:

(5) bfamcv01:

*EVN: [19] No' / o Galáticos é mesmo / todo mundo é babaca //

A entoação também atribuirá uma ilocução ao enunciado e também um valor informacional às suas unidades internas⁴⁸:

(6) bfamcv01:

*EVN: [19] No' /=EXP= o Galáticos é mesmo /=INT= todo mundo é <babaca>
//=COM=\$

A tarefa de identificar um enunciado e segmentá-lo em suas unidades internas (caso haja) é feita através da percepção das variações prosódicas. Tais variações são chamadas de **quebras prosódicas**. Uma quebra prosódica pode ter valor conclusivo ou não. Se ela apresenta valor conclusivo é chamada quebra prosódica **terminal**, se não apresenta valor conclusivo é chamada quebra prosódica **não-terminal**. As quebras percebidas como terminais indicam o fim de um enunciado. Assim, todo enunciado apresenta uma quebra prosódica terminal. Nos exemplos acima, a barra dupla marca a quebra terminal ou o fim do enunciado. As quebras percebidas como não-terminais indicam unidades internas do enunciado. Essas são marcadas com barras simples. O enunciado é **complexo** quando ele apresenta tais unidades internas, como em (6). Se ele não apresenta essas unidades, ele é um enunciado **simples**, como em (7):

(7) bfamcv01:

*LEO: [1] o Juninho <foi> //COM=\$

As quebras prosódicas do enunciado possuem duas dimensões principais: uma de natureza prosódica e outra de natureza pragmático-informacional. Cada quebra prosódica percebida tanto terminal quanto não-terminal é denominada como uma

⁴⁸ A ilocução não está representada no exemplo. Ao longo da exposição, todas as anotações mostradas nesse exemplo serão explicadas.

unidade tonal no nível prosódico do enunciado. No nível pragmático, essa quebra é denominada uma **unidade informacional**. Todo enunciado apresenta uma quebra prosódica percebida como terminal, ou seja, todo enunciado apresenta pelo menos uma unidade tonal. No nível pragmático-informacional essa unidade é chamada de Comentário (COM). A unidade de COM é a responsável por carregar a força ilocucionária do enunciado.

As unidades tonais apresentam perfis prosódicos distintos. A pesquisa do grupo de estudos IPO (Institute for Perception Research), que buscava construir uma gramática da entoação através de métodos experimentais que envolviam a percepção, revelou que num enunciado são produzidos muitos movimentos de *pitch*⁴⁹ ('t HART; COLLIER; COHEN, 1990). Contudo, apenas os movimentos produzidos intencionalmente são percebidos pelos falantes de uma língua. Há vários movimentos involuntários, que não são percebidos pelos falantes. O conceito de *pitch contour* está relacionado aos movimentos relevantes de um enunciado, ou seja, os únicos movimentos produzidos intencionalmente e que servem para a interpretação do enunciado. Há configurações de movimentos que podem ser elencadas distribucionalmente em três tipos de *pitch contours* denominados **perfis prosódicos**:

- a. Raiz: configurações obrigatórias e não-recursivas. Um *contour* deve ter apenas uma Raiz.
- b. Prefixo: configurações opcionais e algumas delas recursivas. Sempre precedem uma Raiz ou outro Prefixo.
- c. Sufixo: configurações opcionais e não-recursivas. Sempre seguem uma Raiz.

Para a TLA, a percepção da entoação tem um papel fundamental, pois é através dela que o ouvinte identifica os movimentos relevantes realizados voluntariamente pelo falante. De acordo com a **Hipótese da Padronização da Informação** (CRESTI; MONEGLIA, 2010), os perfis prosódicos atribuem valores informacionais às unidades tonais. Portanto, a prosódia é a responsável por mediar também a relação entre a unidade tonal e a unidade informacional. Dessa forma, o perfil prosódico de Raiz é o que desempenha o papel central no enunciado, é a unidade prosódica autônoma por excelência, pois é ela que carrega a ilocução. Variações no alinhamento silábico e na

⁴⁹ Cf. nota 46.

duração garantem que haja diferentes formas ilocucionárias de um mesmo perfil prosódico de Raiz (FIRENZUOLI, 2003). Isso significa que a unidade de Raiz é pragmaticamente autônoma e por meio dela se configuram diversos tipos de ilocuições. Além disso, a Raiz está associada informacionalmente ao COM. Assim, em termos pragmático-informacionais, para que um enunciado se realize é necessária apenas a presença da unidade de COM.

3.1 AS UNIDADES INFORMACIONAIS

Haveria um isomorfismo entre a unidade tonal e a unidade informacional. Leva-se em conta que ambas estão em dimensões diferentes: a primeira pertence à dimensão prosódica da fala, já a segunda pertence à dimensão pragmático-informacional. Além de delimitar distribucionalmente as unidades tonais, a prosódia também cumpre o papel de atribuir um valor pragmático-informacional às unidades tonais. Os critérios de identificação das unidades informacionais são de natureza:

- a. Funcional: qual função pragmática desempenha a unidade informacional.
- b. Entoacional: quais são as características prosódicas da unidade.
- c. Distribucional: Levando em consideração que o COM tem distribuição livre no enunciado, qual posição ocupa a unidade em relação ao COM.

Há dois grandes grupos de unidades informacionais - as que possuem uma função textual e as que possuem uma função dialógica. As unidades com função textual têm por objetivo compor o texto do enunciado. O grupo de unidades textuais se divide em outro subgrupo. Tal subgrupo reúne as unidades que têm a função de se dirigir ao conteúdo textual do enunciado, no sentido de fornecer informações sobre como interpretá-lo. As unidades dialógicas têm por objetivo se dirigir ao interlocutor a fim de regular a interação. Possuem função textual (de compor o texto do enunciado) as seguintes unidades: Comentário (COM), Comentário Múltiplo (CMM), Comentário Ligado (COB), Apêndice de Comentário (APC), Tópico (TOP), Apêndice de Tópico (APT). Possuem função textual (de fornecer informações sobre como interpretar o enunciado): Introdutor Locutivo (INT) e Parentético (PAR). As unidades que possuem função dialógica são: Alocutivo (ALL), Conativo (CNT), Conector Discursivo (DCT),

Expressivo (EXP), Incipitário (INP) e Fático (PHA). A seguir será apresentada cada unidade informacional considerada pela TLA.

3.1.1 Comentário (COM)⁵⁰

A unidade que carrega a força ilocucionária do enunciado é o Comentário (COM), portanto ela é o núcleo do enunciado. É a única unidade necessária para que um enunciado seja realizado. Entoacionalmente, o COM varia de acordo com a ilocução realizada. Observando o perfil entoacional de cada COM é possível estabelecer não só as ilocuições de um *corpus* como também uma tipologia prosódica para os atos de fala. Por possuir um perfil prosódico de Raiz, todas as outras unidades informacionais são distribuídas a partir do COM, isto é, ele tem distribuição livre dentro do enunciado. Essa unidade seria o ponto de referência para demais unidades se organizarem em seu entorno. O COM sempre apresenta um **foco funcional** que permite que a ilocução seja interpretada. Do ponto de vista entoacional, esse foco é a porção mínima que corresponde à parte necessária para a ilocução seja interpretada. A noção de foco funcional na TLA não deve ser confundida com aquela presente na maior parte da literatura, que se refere ao foco como as várias formas de manifestação do fenômeno da Focalização (cf. SILVA, 2013). O foco funcional na TLA se refere a um núcleo prosódico que desempenha o papel de marcar o valor funcional da unidade. No caso do COM, tal foco marcará o valor funcional de ilocução.

O conteúdo ilocucionário da unidade de COM é sempre novo, mesmo que referencialmente o material locutivo já tenha sido mencionado anteriormente no discurso. No exemplo abaixo, há diferentes ilocuições realizadas com o mesmo conteúdo locutivo, o que possibilita que esses enunciados não recebam uma interpretação tautológica (cf. RASO, 2012):

(8) bfamdl04 [99]-[107]:

*KAT: [1] o quê //	%ill: [1] pergunta parcial
*SIL: [2] copos //	%ill: [2] resposta
[3] copos de Urano /que tem aí //	%ill: [3] asserção
*KAT: [4] copos de quê //	%ill: [4] pergunta focalizadora

⁵⁰ Para estudo sobre a metodologia de investigação e classificação de cinco ilocuições no *corpus* C-ORAL-BRASIL, ver Rocha (2013).

*SIL: [5] urano //	%ill: [5] confirmação
*KAT: [6] urano //	%ill: [6] expressão de descrença
*SIL: [7] é //	%ill: [7] asserção de evidência
[8] urano //	%ill: [8] confirmação
[9] urano //	%ill: [9] conclusão

Na coluna da esquerda se encontram os enunciados, já na coluna da direita se encontram as ilocuções realizadas por esses enunciados. Cada enunciado acima apresenta uma novidade do ponto de vista ilocucionário. Ainda que a palavra “urano” tenha sido repetida quatro vezes, em cada realização ocorre uma ilocução diferente.

3.1.2 Tópico (TOP)⁵¹

Diferentemente de outras abordagens na literatura, na TLA o Tópico (TOP) é uma unidade informacional que possui a função de situar semanticamente o Comentário. O TOP é, então, definido como o âmbito de aplicação da força ilocucionária, pois ele desempenha o papel de fazer uma referência semântica à ilocução. Essa unidade possui um perfil entoacional do tipo Prefixo, o que significa que além de se situar à esquerda do COM, ela pode apresentar recursividade, constituindo assim uma Lista de Tópicos (TPL). Nesses casos, os Tópicos são padronizados melodicamente e constituem um único domínio de aplicação da força ilocucionária presente no COM:

(9) bpubcv01:

*FLA: [353] o [1]=EMP= **o ceagaeme** /=TPL(1)= **o plasma** /=TPL(2)= **e a plaqueta** /=TPL(3)= a gente armazena ate o dia seguinte //COM=

O COM e o TOP são as únicas unidades informacionais que carregam um foco funcional, ou seja, um núcleo prosódico que indica o valor funcional da unidade. No caso do TOP, o foco funcional se encontra sempre à direita. É preciso dizer que não há necessariamente uma composicionalidade sintática entre o TOP e o COM, conforme pode ser visto no exemplo abaixo:

(10) bfamdl03:

*LAU: [148] **departamento** /=TOP= Artes Plásticas //COM=

⁵¹ Para estudo sobre o Tópico no *corpus* C-ORAL-BRASIL, ver Deus (2008) e Mittmann (2012).

No exemplo 10, o nome “Artes Plásticas” não está ligado por meio de uma preposição ao nome “departamento”. A relação estabelecida é o TOP delimitar o âmbito de referência semântica do COM. Não haveria restrições morfosintáticas para a realização do TOP. Há casos de orações completas serem realizadas na unidade de TOP:

(11) bfamcv01:

*GIL: [39] **problema é que esse último campeonato nosso** /=TOP= <foi ruim>
//=COM=

3.1.3 Apêndices (APC e APT)⁵²

As unidades de Apêndice, seja de Tópico ou de Comentário, têm a função de integrar textualmente as unidades de TOP, no caso do Apêndice de Tópico (APT), ou de COM, no caso do Apêndice de Comentário (APC). Do ponto de vista entoacional, essas unidades são de tipo Sufixo, sendo realizadas sempre à direita da unidade a qual ela integra textualmente.

(12) bfamcv02:

*RUT: [279] <eu tenho é> só vergonha /=COM= **de entrar <na igreja>** //=APC=

(13) bfammn05:

*CAR: [84] porque eu /=TOP= **também se fosse pela mãe** /=APT=
nã levaria não //=COM=

Essas unidades podem expressar repetições, correções, integrações lexicais e expressões formulaicas. Na seção 6.5, será mostrada evidência a favor da função que a unidade de Apêndice constitui de fato uma integração textual à unidade a qual se refere.

3.1.4 Parentético (PAR)⁵³

⁵² Para estudo sobre as unidades de Apêndice no *corpus* C-ORAL-BRASIL, ver Jesus (2008). Para estudo sobre a unidade de Apêndice de Comentário nesse mesmo *corpus*, ver Oliveira (2012).

⁵³ Para estudo sobre o Parentético no *corpus* C-ORAL-BRASIL, ver Vale (2010).

Na TLA, o Parentético (PAR) é uma unidade com função textual que opera de forma metalinguística no enunciado. Essa unidade oferece uma informação sobre como o ouvinte deve interpretar o conteúdo do enunciado proferido. É importante dizer que o PAR pode se referir também à unidade de TOP, ou seja, ele pode se referir tanto ao enunciado quanto a uma parte dele, no caso mencionado, ao TOP. Entoacionalmente, o PAR possui perfil nivelado, abaixamento da f0 e aumento da velocidade de elocução em relação às outras porções do enunciado. Sua distribuição apresenta uma restrição: não pode ocorrer em início de enunciado. Lexicalmente, a unidade de PAR está associada a itens modalizadores.

(14) bfamdl03:

*LUZ: [52] são duas vagas /=COM= **eu acho** //=**PAR**=

O PAR também pode ocorrer dentro de outra informacional, como no exemplo abaixo:

(15) bfamcv04:

*BRU: [118] todo mundo olha /=i-COM= **por exemplo** //=**PAR**= do lado amarelo //=**COM**=

No exemplo (15), a unidade de COM é interrompida com a realização de um PAR, e é concluída após o encaixe do PAR. É possível notar que se o PAR é retirado, não há impressão de corte. Isso se deve às características prosódicas da unidade de PAR.

3.1.5 Introdutor Locutivo (INT)⁵⁴

A função do Introdutor Locutivo (INT) é apresentar uma metailocução, principalmente o discurso reportado. Essa unidade introduz geralmente uma unidade de COM, mas pode introduzir também uma lista de TOP e PAR. O INT sinaliza que o conteúdo locutivo subsequente deve ser interpretado hierarquicamente em outro plano da enunciação. Entoacionalmente, o INT apresenta um perfil descendente, velocidade de elocução alta, f0 baixa em relação ao conteúdo que o segue de forma a contrastar com o valor da f0 do conteúdo seguinte. A velocidade de elocução alta e o contraste de

⁵⁴ Para estudo sobre o Introdutor Locutivo no *corpus* C-ORAL-BRASIL, ver Rocha (2011) e Rocha; Raso (2011).

f0 têm a função de indicar uma suspensão pragmática, ou seja, o **aqui** e **agora** das unidades introduzidas é diferente daquele das unidades precedentes. Em relação a sua distribuição, o INT precede as unidades que ele introduz, isto é, as unidades de COM, TOP e PAR.

(16) bfamdl03:

*LUZ: [94] **falou** /=INT= não uai //COM_r=⁵⁵

As próximas unidades informacionais a serem apresentadas são as dialógicas⁵⁶. Elas têm a função de regular a interação e, na tradição, são chamadas de Marcadores Discursivos, isto é, expressões gramaticalizadas que perderam conteúdo semântico. Além disso, essas expressões não apresentam composicionalidade sintática com o enunciado.

3.1.6 Incipitário (INP)

A unidade de Incipitário (INP) apresenta a função de abrir o canal da comunicação de forma a contrastar com o enunciado anterior. Seu perfil prosódico é ascendente, descendente ou ascendente-descendente, duração curta e intensidade alta. Distribucionalmente, a unidade de INP ocorre sempre no início do enunciado.

(17) bfamdl02:

*BEL: [196] ah não / na parte maior / e os +

*BAL: [197] **não** /=INP= mas é porque eu tô pensando assim //COM=

O contraste que a unidade de INP expressa é de valor afetivo, no sentido de o falante se opor ao interlocutor, portanto não se trata de um contraste de valor lógico-formal.

3.1.7 Conativo (CNT)

⁵⁵ A anotação “_r” indica discurso reportado.

⁵⁶ Para estudo sobre as unidades dialógicas no *corpus* C-ORAL-BRASIL, ver Raso (2014).

A função da unidade de Conativo (CNT) é causar ao interlocutor um engajamento para que ele cumpra uma ação ou desista de realizá-la, incentivando-o, de certa forma, a mudar seu comportamento. Essa unidade apresenta um perfil prosódico descendente, duração curta e intensidade alta. Não há restrições quanto a sua posição no enunciado, pode estar no início, no meio ou no fim.

(18) bfamdl01:

*FLA: [428] **pera aí** /=CNT= <eu fiz> uma listinha //COM=

3.1.8 Fático (PHA)

O Fático (PHA) tem a função de abrir ou regular o canal comunicativo, assegurando que o enunciado foi recebido. Suas características prosódicas apresentam perfil nivelado, duração curta e intensidade baixa. Geralmente, o conteúdo locutivo é reduzido foneticamente devido à velocidade com que é realizada a fala nessa unidade. O PHA apresenta distribuição livre no enunciado.

(19) bfamcv01:

*LUI: [7] <com certeza es nã vão participar /=COM= **uai**> //PHA=

(20) bpubdl02

*JAN: [291] na verdade eu queria levar as duas /=COM= **né** //PHA=

3.1.9 Alocutivo (ALL)

O Alocutivo (ALL) tem a função de se dirigir ao interlocutor individualizando-o e também de marcar coesão social. Apresenta distribuição livre no enunciado. Suas características prosódicas são perfil descendente, duração curta e intensidade baixa. Tradicionalmente, essa unidade é classificada na categoria do vocativo. No entanto, há claras diferenças prosódicas entre a unidade de ALL e uma ilocução de chamamento (que corresponderia, na diamesia escrita, ao vocativo⁵⁷). A ilocução de chamamento

⁵⁷ Para fins de explicação, a ilocução de chamamento foi comparada ao vocativo, já que muitas teorias linguísticas ainda tratam a escrita dentro de um *continuum* com a fala. No entanto, é preciso dizer que categorias de diamesias distintas não devem ser comparadas.

carrega uma força ilocucionária, apresenta autonomia pragmática e pode ser interpretada em isolamento, ao passo que a unidade de ALL não apresenta nenhuma dessas características (cf. RASO, 2012; RASO, 2014).

(21) bfamcv02:

*TER: é /=COM= **Rute** //=**ALL**=

(22) bfamcv01:

*GIL: [62] sabe que que eu penso /=COM= **velho** //=**ALL**=

3.1.10 Expressivo (EXP)

A função da unidade de Expressivo (EXP) é oferecer um suporte emocional à realização do ato de fala. Através do estabelecimento de uma identidade em comum entre os interlocutores, a unidade de EXP atua de modo a mostrar uma coesão social compartilhada. O EXP apresenta distribuição livre, mas ocorre geralmente no início do enunciado. Entoacionalmente, apresenta perfil modulado, duração média e intensidade média.

(23) bfamcv01:

*EVN: [69] <é /=COM= **porra**> //=**EXP**=

3.1.11 Conector Discursivo (DCT)

O Conector Discursivo (DCT) é responsável por marcar uma continuidade discursiva com o enunciado anterior, de modo a indicar ao interlocutor que o discurso ainda não foi finalizado. Apresenta características prosódicas de perfil nivelado ou modulado, duração longa, intensidade alta e baixa velocidade. Sua distribuição está restrita a início de enunciado ou início de um subpadrão de estrofe⁵⁸.

(24) bfamcv01:

*GIL: [175] **porque** /=DCT= es tavam reclamando até //=**COM**=

⁵⁸ Na próxima subseção será explicado o conceito de estrofe.

3.2 QUEBRA DO ISOMORFISMO SUSTENTADO PELO PRINCÍPIO ILOCUTIVO

O isomorfismo entre enunciado e ilocução e entre unidade tonal e unidade informacional é mantido em grande parte dos casos. Não obstante, há três circunstâncias em que tal isomorfismo é quebrado. A seguir são apresentados esses casos.

3.2.1 Unidade de Escansão

Casos em que uma unidade informacional se realiza em mais de uma unidade tonal são chamados de Escansão. As unidades informacionais que geralmente são escansionadas são o COM, o TOP e o PAR. Segundo Raso (2012, p. 114), há várias razões para que se realize uma unidade de Escansão (SCA):

- a) quando a dimensão silábica do conteúdo locutivo da unidade é muito grande e não é possível realizá-lo em uma única unidade tonal por razões fisiológicas;
- b) quando o falante possui escassa perícia na fala, como acontece frequentemente com falantes muito jovens ou de diastratia baixa;
- c) por razões enfáticas;
- d) por alguma forma de hesitação.

A unidade de SCA não possui valor informacional. Apenas a última porção de uma unidade escansionada carrega características prosódicas de um perfil próprio de unidade informacional, todas as outras as unidades tonais anteriores à última apresentam um perfil neutro, isto é, sem valor informacional. A ocorrência de SCA está restrita apenas às unidades textuais. É importante dizer que há composicionalidade sintática dentro de uma mesma unidade informacional em casos de Escansão.

(25) bfamcv01

*GIL: [112] **você está** /=SCA= demitido //COM=

3.2.2 Comentários Múltiplos (CMM)⁵⁹

⁵⁹ Para estudo sobre os Comentários Múltiplos no *corpus* C-ORAL-BRASIL, ver Arruda (2013).

Os Comentários Múltiplos são uma sequência de Comentários realizados através de um de um padrão ilocucionário, em que resulta num efeito retórico convencional. São duas ilocuções produzidas em apenas um padrão prosódico, sendo que cada ilocução apresenta sua própria força ilocucionária. Independentemente de essas ilocuções serem do mesmo tipo ou de tipo diferentes, elas são interpretadas holisticamente. A lista de padrões ilocucionários ainda é incompleta. Contudo, identificaram-se padrões do tipo: comparação, lista, reforço e relação necessária. Prosodicamente, cada parte do CMM é de tipo Raiz. Em (26), há um exemplo do padrão de comparação, e em (27) há um padrão de lista:

(26) bfamdl04 [161]:

***SIL: ou é vinho bom caro /=CMM= ou é cerveja //=CMM=**

(27) bfammn04

***REG: [19] eles lavaram o João /=CMM= puseram roupa /=CMM= e no bercinho //=CMM=**

3.2.3 Comentários Ligados (COB)

Em textos monológicos, que são representativos de narrações e argumentações, há baixa interatividade entre os interlocutores. O objetivo principal dessas situações é produzir um texto. Dessa forma, as unidades que compõem esse texto tendem a ser mais longas e, conseqüentemente, apresentam baixa acionalidade (cf. MITTMANN, 2013). As ilocuções produzidas apresentam uma prosódia de continuidade, indicando que o discurso ainda não terminou até que se chegue a uma última ilocução que sinalizará a finalização desse discurso. Tais seqüências de ilocuções produzidas nesse padrão são chamadas de Estrofe. Por sua vez, cada parte de uma Estrofe contém um Comentário Ligado (COB). Assim como o CMM, o COB também possui perfil prosódico de Raiz. Contudo, diferentemente do CMM, em que há um padrão retórico entre duas ilocuções, o padrão prosódico de continuidade presente COB gera um efeito de adjunção de ilocuções. Assim, elas não formam um padrão retórico que deve ser interpretado holisticamente, mas cada COB deve ser interpretado passo a passo até que se chegue ao fim da Estrofe.

(28) bfammn06:

*JOR: [23] com as amizades adquirida /=SCA= que nós chamamos de network /=TOP= &he /=TMT= me apareceu uma outra /=SCA= **hhh oportunidade dentro de uma multinacional /=COB=** aonde eu fui desenvolver /=SCA= **um trabalho de vendas /=COB=** &he /=TMT= junto /=SCA= ao mercado /=SCA= **concorrente dessa empresa onde eu estava /=COB= e lá eu fiquei um período /=COB=** desenvolvendo o mesmo tipo de trabalho /=PAR= logicamente com um salário melhor /=PAR= hhh e por amizade eu fui cair /=SCA= em uma multinacional /=SCA= que eu dei uma virada no produto //COM=

3.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo apresentou brevemente a Teoria da Língua em Ato (TLA). Essa é uma teoria *corpus-driven* da linguagem, em que a prosódia desempenha um papel fundamental. Seu objeto de estudo é a fala espontânea. A unidade de referência da fala é o enunciado, definido como a menor unidade linguística pragmaticamente autônoma e interpretável em isolamento. Cada enunciado possui uma força ilocucionária capaz de realizar uma ilocução. A ilocução é composta do conteúdo locutivo e de um ato de fala. A prosódia é um componente fundamental para a identificação das ilocuições, pois cada ilocução apresenta características prosódicas próprias. No fluxo da fala, é possível identificar o enunciado através da percepção de uma quebra prosódica terminal. Além disso, o enunciado pode apresentar quebras prosódicas internas percebidas como não-terminais. Essas quebras prosódicas são denominadas unidades tonais. No nível pragmático, cada unidade tonal corresponde a uma unidade informacional. Há dois grupos de unidades informacionais: as que possuem função textual, isto é, que constroem o texto, e as que possuem função dialógica, ou seja, de regular a interação. Contudo, o isomorfismo da correspondência biunívoca entre unidades tonais e unidades informacionais pode ser quebrado em três casos especiais: quando uma unidade informacional é realizada em mais de uma unidade tonal, quando há um padrão retórico convencionalizado entre duas ilocuições e quando várias ilocuições são produzidas com perfil prosódico de continuidade na construção de um texto mais longo, casos em que pouco interatividade entre os interlocutores.

O próximo capítulo explora a noção da sintaxe na TLA, papel importante para parte da análise dos dados.

4 A NOÇÃO DE SINTAXE NA TEORIA DA LÍNGUA EM ATO

Em grande parte da literatura, o estudo da sintaxe se baseia em dados da diamesia escrita da língua (representado pelos gramáticos tradicionais, por exemplo, CUNHA; CINTRA, 2001) ou em dados oriundos de introspecção (representado por várias teorias linguísticas, sobretudo pela Teoria Gerativa, por exemplo, CHOMSKY, 1955). Assim, as relações sintáticas são definidas de acordo com uma diamesia não natural da língua. O estudo da sintaxe a partir da diamesia natural da língua, isto é, a fala, deve ser feito com grande quantidade de dados de *corpora* orais. Esse estudo deve levar em consideração as características típicas dessa diamesia, o que inclui, obviamente, a prosódia. Por isso, tal estudo deve ser feito através de textos alinhados com os áudios das gravações, pois assim se estuda de fato a fala, e não apenas as transcrições⁶⁰. A noção de sintaxe da Teoria da Língua em Ato (TLA) está intimamente relacionada à prosódia. Embora a sintaxe não seja o foco da teoria – tendo em vista a pouca quantidade de textos dedicados a esse assunto – a TLA propõe uma abordagem para se estudar as relações sintáticas presentes na fala espontânea.

De acordo com Cresti (2011), o padrão informacional básico do enunciado em italiano é a configuração Tópico (TOP)-Comentário (COM), pois esse padrão representa 23% das sequências terminais compostas dos enunciados extraídos do *corpus* IPIC⁶¹. Isso indica uma relevância quantitativa para a investigação do padrão TOP-COM. Com o intuito de explicar a função do TOP, Cresti (2011) apresenta três exemplos⁶²:

(1) feche a porta //COM

⁶⁰ Os textos do *corpus* C-ORAL-BRASIL podem ser estudados através do alinhamento texto/som por meio do *software* Winpitch (MARTIN, 2011).

⁶¹ O *corpus* IPIC é formado por textos da seção informal dos *corpora* C-ORAL-ROM (Italiano) e C-ORAL-BRASIL. Os textos que formam esse *corpus* foram anotados em unidades informacionais manualmente. Esse *corpus* é disponibilizado através da plataforma DB-IPIC. Essa plataforma “is an online, XML-based, queryable language resource that allows the study of linear relations among information units in spoken corpora” (PANUNZI; MITTMANN, 2014, p. 129). Para maiores informações, cf. <<http://lablita.dit.unifi.it/ipic/>> e Panunzi; Mítmann (2014).

⁶² Tradução dos exemplos de Cresti (2011, p. 49-50). As anotações “&ill” e “&sit” significam, respectivamente, “ilocução” e “situação”.

&ill: ordem

&sit: o ouvinte reconhece a ordem em seu sentido pleno, incluindo a denotação semântica do seu objeto de intervenção

(2) feche-a //COM

&ill: ordem

&sit: o ouvinte reconhece a ordem, mas ele deve procurar a proeminência pragmática adequada no contexto correspondendo ao pronome “a”. Nesse caso, a ordem se refere deiticamente no contexto

(3) a porta /TOP feche-a //COM

&ill: ordem

&sit: o ouvinte reconhece a ordem, mas foi fornecida a ele informação relevante para a adequada proeminência contextual ser levada em consideração na sua intervenção, através da expressão linguística do Tópico.

Considerando os exemplos acima, Cresti (2011) diz que o TOP é a representação linguística de uma proeminência contextual para a qual é esperada que a ordem seja atendida. A proeminência pragmática/contextual é a de que a porta se encontra aberta. O falante realiza uma ordem ao ouvinte através da expressão “feche-a”. O TOP, no caso, fornece em termos linguísticos um âmbito para que a ilocução de ordem, expressa por “feche-a”, se aplique. A relação informacional entre o Tópico e o Comentário é, então, de *aboutness* pragmático, isto é, o NP “a porta” não é o objeto semântico e sintático do VP “feche-a”. Essa relação é restrita apenas a que o TOP represente linguisticamente um domínio adequado para a aplicação da força ilocucionária que se encontra no COM. Nesse sentido, não há uma relação de predicação entre o TOP e o COM, ou seja, o conteúdo do TOP não funciona como sujeito do conteúdo do COM, e o conteúdo do COM não é o predicado do material locutivo do TOP.

Cresti (2011) argumenta que a relação entre TOP-COM não pode ser de predicação devido à configuração prosódica das duas unidades. A prosódia marca o papel informacional de cada unidade, sendo que o perfil de Prefixo do TOP não é o mesmo do perfil de Raiz do COM. A conclusão de que há alguma relação sintática no padrão TOP-COM é possível somente se o papel da prosódia for desconsiderado. Assim, Cresti se baseia na relação prosódica entre as unidades informacionais para

estabelecer o âmbito da sintaxe na TLA. Nessa teoria, a sintaxe está restrita às unidades informacionais. Elas são consideradas ilhas sintático-semânticas. A esse respeito, Cresti (2011) diz que “as unidades informacionais concebidas para a realização de uma determinada função informacional identifica a unidade linguística como uma configuração sintática local e um ilha semântica” (CRESTI, 2011, p. 56)⁶³. O TOP, por exemplo, é sempre um anacoluto sintático e uma ilha semântica em relação ao COM. É o ato locucionário, através da prosódia, que ativa a ilha sintático-semântica de cada unidade informacional.

Os constituintes sintáticos são organizados dentro da unidade informacional. Isso não significa que há uma organização sintática além da unidade informacional. Segundo Cresti (2014), “a sintaxe do enunciado não corresponde a uma configuração hierárquica unitária, mas a combinação de orações sintáticas, sintagmas ou fragmentos locais (CRESTI, 2014, p. 368)⁶⁴. A sintaxe do enunciado se dá através de um processo de **combinação** de ilhas sintático-semânticas. Portanto, cada unidade informacional, contendo ilhas, forma, em combinação, a sintaxe da unidade de referência da fala, isto é, o enunciado. Não há composicionalidade sintático-semântica entre as ilhas, como já foi mostrado em relação ao padrão informacional TOP-COM. Assim, as relações sintáticas de predicação, regência, modificação, subordinação e coordenação têm escopo apenas dentro de cada ilha ou de cada unidade informacional.

A TLA distingue dois tipos de relação sintática na fala: a **sintaxe linearizada** e a **sintaxe padronizada**. Cresti (2011) afirma que, na fala, “expresses linguísticas participam na mesma configuração sintática e compõem o mesmo domínio semântico apenas se elas estão linearizadas a partir de um ponto de vista fonético ou prosódico” (CRESTI, 2011, p. 58)⁶⁵. A linearização de um material locutivo se dá através de sua integração fonético-prosódica dentro de uma unidade informacional. O conteúdo locutivo dos enunciados abaixo está linearizado foneticamente dentro de uma unidade informacional apenas, portanto apresentam uma sintaxe linearizada em que há uma relação de hierarquia entre os constituintes:

⁶³ Tradução nossa para: “the information units conceived for the accomplishment of a certain information function identifies the linguistic unit like a local syntactic configuration and a semantic island” (CRESTI, 2011, p. 56).

⁶⁴ Tradução nossa para: “the syntax of the utterance does not correspond to a unitary hierarchical configuration, but to the combination of local syntactic clauses, phrases, or fragments” (CRESTI, 2014, p. 368)

⁶⁵ Tradução nossa para: “linguistic expressions participate in the same syntactic configuration and compound the same semantic domain only if they are linearized from a phonetic and prosodic point of view” (CRESTI, 2011, p. 58)

(4) bfammn02

*DFL: [12] ele passou a ter o apelido de tio da minha tia hhh⁶⁶ //COM=

(5) bfammn03

*LUA: [72] tá parecendo aqueas história daquele livro que cê tava contando //COM=

(6) bfammn04

*REG: [18] porque tinha um neném que já tinha nascido //COM=

(7) bfammn04

*REG: [28] me detonaram meus braço //COM=

(8) bfammn05

*CAR: [16] eu peguei diretamente da mãe //COM=

(9) bfammn06

*JOR: [30] que que vem a ser isso //COM=

(10) bfammn06

*JOR: [39] por que que aquele aparelho era mais caro do que o outro //COM=

A sintaxe padronizada, por sua vez, corresponde a estruturas sintáticas que são realizadas além de uma unidade informacional. Cresti (2014) explica a subordinação em estruturas padronizadas da seguinte forma:

A versão padronizada de ‘estruturas subordinadas’ corresponde à combinação de pelo menos duas ilhas sintáticas/semânticas em diferentes unidades textuais, com cada uma cumprindo sua função informacional própria. De acordo com essa perspectiva, a distribuição dos elementos (a oração ou o núcleo sintagmático de uma aparente regência, a conjunção, o aparente constituinte ou oração) pode variar amplamente, produzindo diferentes graus de articulação sintática e semântica entre as duas ilhas (CRESTI, 2014, p. 383)⁶⁷

⁶⁶ “hhh” indica um comportamento paralinguístico, como risada, espirro, tosse, etc.

⁶⁷ Tradução nossa para: “The patterned version of ‘subordination structures’ corresponds to the combination of at least two syntactic/semantic islands in different textual units, with each accomplishing

Bossaglia (2014; 2015), em pesquisa sobre orações completivas e adverbiais no *corpus* C-ORAL-BRASIL, identifica várias estruturas padronizadas, seguem alguns exemplos:

(10) bfamdl05

*ANE: [326] eu acho que quando em vim /=TOP= tinha esse /=CMM= e tinha o outro
//=CMM=

(11) bfamdl03

*LAU: [275] <tá vendo> /=CMM= como é que mudou //CMM=

(12) bfamdl03

*LUZ: [181] porque eu acho que no mesmo concurso /=TOP= cê ã pode fazer duas
//=COM=

(13) bfamdl04

*SIL: [163] se for vinho importado /=TOP= eu tomo //COM=

(14) bfammn02

*DFL: [168] se sabia /=CMM= falava /=CMM= <mas se ã sabia /=CMM= né>
//=PHA=

Segundo a autora,

nos casos de padronização a sintaxe passa a ser “orientada” pelas funções pragmáticas, isto é, ligadas à ação que o falante cumpre com seu ato de fala: quando distribuídas ao longo de mais unidades informacionais, as estruturas sintáticas deixam de ser interpretáveis de acordo com análises tradicionais de dependência, e assumem funções pragmáticas específicas (BOSSAGLIA, 2014, p. 51).

its proper information function. According to this perspective the distribution of elements (the clause or the phrasal head of the apparent regency, the conjunction, the apparent subordinate phrase or clause) can vary greatly, producing different degrees of syntactic and semantic linkage between the two islands” (CRESTI, 2014, p. 383).

Não há, portanto, relação de dependência na sintaxe padronizada. O que ocorre é a combinação de ilhas sintáticas de diferentes unidades informacionais.

4.1 RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo teve por objetivo mostrar que a sintaxe da fala deve ser estudada com *corpora* que represente, de fato, a fala. Portanto, é necessário que não haja apenas a transcrição de textos falados. É preciso levar em consideração o alinhamento texto/som. Para a Teoria da Língua em Ato, as unidades informacionais são consideradas ilhas sintático-semânticas. O âmbito das relações sintáticas de subordinação, predicação, coordenação, etc. têm escopo apenas dentro de cada unidade informacional. Nessa teoria, há dois tipos de padrões sintáticos na fala: o linearizado e o padronizado. O padrão linearizado é aquele em que há uma integração fonético-prosódica dos constituintes de uma oração dentro de uma unidade informacional. Nesse padrão, as relações sintáticas de coordenação e subordinação, por exemplo, tem seu escopo ativado. O padrão padronizado é aquele em que há a combinação de unidades informacionais, consideradas ilhas sintáticas, ligadas entre si informacionalmente. Essa combinação produz efeitos de relações sintáticas que só podem ser considerados no padrão linearizado.

O capítulo seguinte é dedicado às ferramentas e ao corpus utilizado para este trabalho.

5 FERRAMENTAS E FONTES DE DADOS DA PESQUISA

Cada etapa da pesquisa apresentada neste trabalho apresentou uma metodologia específica, portanto na seção de análise dos dados elas serão mais bem exploradas. Este capítulo é dedicado à apresentação do *corpus* que foi utilizado para a pesquisa (o C-ORAL-BRASIL), bem como ao projeto em que ele se insere (o C-ORAL-ROM) e às plataformas utilizadas para a busca e extração dos dados.

5.1 O CORPUS C-ORAL-ROM

O C-ORAL-ROM (CRESTI; MONEGLIA, 2005) é um projeto coordenado pelos professores Emanuela Cresti e Massimo Moneglia, ambos do LABLITA (*Laboratorio Linguistico Del Dipartimento di Italianistica dell'Università di Firenze*), na Universidade de Florença⁶⁸. Esse projeto reúne *corpora* de fala espontânea das principais línguas românicas da Europa: espanhol, italiano, francês e português europeu. Vale ressaltar que esses *corpora* seguem uma mesma linha de desenvolvimento, sendo construídos com os mesmos princípios e a mesma metodologia. Desse modo, constituem *corpora* comparáveis, o que oferece a possibilidade de que estudos qualitativos e quantitativos do ponto de vista comparativo entre as línguas apresentem resultados com maior confiabilidade.

O C-ORAL-ROM apresenta 1.300.000 palavras, distribuídas em 772 textos, totalizando 123:27:35h de gravação de fala. Os arquivos de som de cada gravação estão em formato wav (Windows PCM, 22.050Hz a 16bit). As transcrições estão em formato CHAT (MACWHINNEY, 1994), com metadados em formato CHAT e IMDI. Através do *software* WinPitch (MARTIN, 2004), é possível visualizar o alinhamento texto/som, uma vez que cada gravação conta com um arquivo XML que permite tal operação. O alinhamento consiste em que “cada unidade de texto (seja sílaba, palavra, sintagma ou sentença) receba um índice de tempo, correspondente à posição de tempo no arquivo de som” (MARTIN, 2004)⁶⁹. Dessa forma, quando tal processo é estabelecido, pode-se selecionar uma unidade de texto e ouvir o trecho correspondente que apresenta o segmento de fala.

O C-ORAL-ROM pretende representar a variação diafásica da língua, sendo desenvolvido com o intuito de capturar a maior variabilidade de atos de fala possível. Portanto, o que foi privilegiado nas gravações foi justamente o componente que é responsável por tal variação, ou seja, as situações em que a fala é usada. De acordo com Moneglia (2005), os parâmetros de variação privilegiados no C-ORAL-ROM são: a) canal b) estrutura do evento comunicativo c) domínio social do uso d) uso formal e informal e) domínio de aplicação da variedade formal. Levando em consideração esses parâmetros, os *corpora* foram divididos em dois usos principais: formal e informal. No uso formal, há os canais natural (por exemplo, debate político, pregação religiosa, conferência, etc.) e de mídia (por exemplo, gravações de rádio ou televisão: noticiário,

⁶⁸ Cf. <<http://lablita.dit.unifi.it/>>.

⁶⁹ Tradução nossa para: “each unit of text (be syllable, word, syntagm or sentence) receives a time index, corresponding to the time position in the sound file” (MARTIN, 2004).

entrevista, reportagem, etc.), além de gravações telefônicas privadas ou interação homem-máquina. No uso informal, há os contextos privado-familiar e público, ambos contando com monólogos, diálogos e conversações. Nos metadados de cada gravação, há informações do participante, como sexo, idade, profissão e grau de escolaridade, e da gravação, como descrição da situação, duração, qualidade acústica e número de palavras. Os *corpora* são anotados quanto as partes do discurso (PoS) e do lema, tendo para cada língua, uma tecnologia diferente: Pi-Tagger (Italiano), Cordial Analyzer (Francês), Brill (Português) e Grampal (Espanhol).

5.2 O CORPUS C-ORAL-BRASIL

O C-ORAL-BRASIL (RASO; MELLO, 2012) é uma ramificação do projeto C-ORAL-ROM, sendo coordenado pelos professores Tommaso Raso e Heliana Mello, ambos do LEEL (Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem), na Universidade Federal de Minas Gerais⁷⁰. O projeto C-ORAL-BRASIL consiste em um *corpus* de fala espontânea do português brasileiro, sendo desenvolvido para ser comparável aos *corpora* do projeto C-ORAL-ROM. A parte informal do *corpus* foi publicada no ano de 2012, já a parte formal se encontra em processo avançado de compilação.

A parte informal do C-ORAL-BRASIL apresenta 208.130 palavras, distribuídas em 139 textos, totalizando 21:08:52h de gravação de fala. Os arquivos de som estão em formato wav, as transcrições em rtf em formato CHILDES-CLAN (MACWHINNEY, 2000), os arquivos de alinhamento em XML e os metadados em txt. As gravações foram feitas com gravadores digitais PDD60 Marantz e com *kits wireless* Sennheiser Evolution EW100 G2, constituídos de microfones de lapela, transmissores e receptores. Algumas gravações foram feitas com microfones omnidirecionais Sennheiser MD 421 e *mixer* Xenyx 1222. O *parser* adotado para a anotação morfossintática foi o PALAVRAS (BICK, 2000).

O *corpus* C-ORAL-BRASIL se divide em interações familiares-privadas e públicas, contando com conversações, diálogos e monólogos. As situações de fala apresentam alta variabilidade, sendo representadas por contextos como conversação entre participantes jogando futebol, diálogo entre um pedreiro e um engenheiro durante

⁷⁰ Cf. <<http://www.c-oral-brasil.org/>>.

uma atividade de construção, diálogo entre participantes fazendo compras num supermercado, etc. O que foi definido para considerar um contexto familiar-privado ou público foi o papel exercido pelos participantes no momento da interação, se o falante se comporta com base social, o contexto é público, se ele comporta com base particular-individual, o contexto é familiar-privado (cf. RASO; MELLO, 2009, p. 23). Além disso, foram feitas algumas adaptações em relação ao projeto C-ORAL-ROM, que refletem a realidade sociolinguística do Brasil. Por exemplo, a fala de uma pessoa europeia que possui segundo grau, equivaleria à de uma pessoa brasileira que possui o título de terceiro grau, desde que não exerça uma profissão que necessite desse título. Nesse sentido, o C-ORAL-BRASIL pretende representar, de certa forma, a variação diastrática, pois consta “com falantes das várias faixas sócio-culturais, tanto interagindo com falantes da mesma faixa quanto com falantes de faixas diferentes” (RASO; MELLO, 2009, p. 22). A variedade diatópica foi, sobretudo, a de Belo Horizonte e região metropolitana.

Cada texto do *corpus* é composto de um arquivo de áudio em formato wav, um arquivo de transcrição em formato rtf, dois arquivos de alinhamento texto-som em formato XML e wp2, um arquivo txt contendo também a transcrição, um arquivo txt contendo os metadados dos participantes e da gravação. Em média, cada texto do corpus contém 1500 palavras. Os textos do contexto familiar/privado apresentam 159.364 palavras, ao passo que os textos do contexto público apresentam 48.766 palavras. No total, o número de falantes do corpus é de 362, sendo que há informações diastráticas de 68,23% deles. O restante, ou seja, pouco mais de 30% de falantes, de que não constam de informações diastráticas é devido ao fato de terem entrado na situação de fala sem que fosse prevista sua presença. No entanto, a fala desses participantes representam apenas 1,91% do total de palavras do *corpus* (cf. RASO, 2012). A distribuição em relação ao sexo é de 50% para falantes do sexo masculino e 50% para falantes do sexo feminino, compondo assim um balanceamento perfeito entre o sexo dos participantes. Em relação ao fator faixa etária, 27,1% são falantes entre 18 a 25 anos, 30,3% entre 26 a 40 anos, 31% entre 41 a 60 anos, 8,1% maiores de 60 anos, 1,6% menores de idade e apenas 1,9% de idade desconhecida. É possível concluir que o *corpus* é balanceado quanto aos falantes de idade entre 18 a 60 anos, mas pouco representativo dos falantes de idade maior de 60 anos ou menores de 18 anos. Para mais informações sobre o *corpus* cf. Raso (2012).

5.3 AS PLATAFORMAS DB-IPIC E DBCoM

A *DataBase for Information Patterning Interlinguistic Comparison* (DB-IPIC) é uma plataforma *online* (PANUNZI; GREGORI, 2012; PANUNZI; MITTMANN, 2014), constituída de textos anotados informacionalmente extraídos do *corpus* italiano do C-ORAL-ROM e do *corpus* do português brasileiro do C-ORAL-BRASIL. Interessa-nos aqui apenas a parte do português brasileiro, tendo em vista que a nossa pesquisa foi desenvolvida nesta língua. A parte brasileira da DB-IPIC é constituída de um *minicorpus* do PB, contendo 29.909 palavras, distribuídas em 20 textos extraídos da parte informal do *corpus* C-ORAL-BRASIL. A anotação informacional foi feita manualmente, obedecendo aos princípios da Teoria da Língua em Ato (cf. capítulo 3). Na figura abaixo, é possível ver a interface da plataforma DB-IPIC e suas funcionalidades, tais como busca por enunciados ou estrofes, tipo de interação (diálogo, monólogo ou conversação), contexto comunicativo (familiar/privado ou público), unidade informacional, etc.

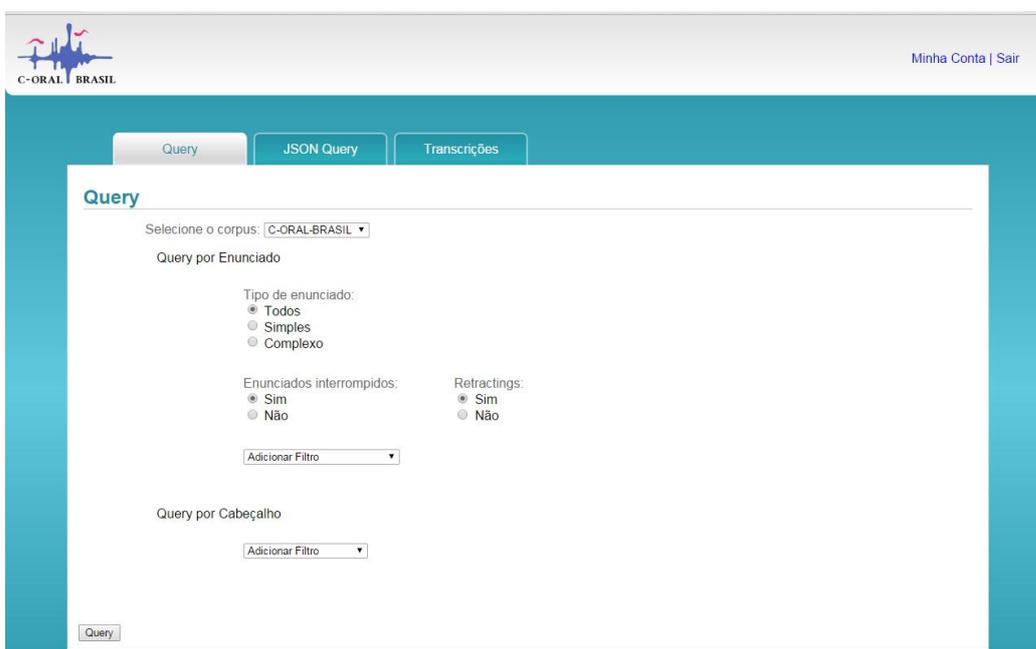
Figura 3 – Plataforma DB-IPIC

The screenshot displays the DB-IPIC web interface, organized into several functional sections:

- Source selection:** Includes a link to 'IPIC Home Page', a 'Corpus' dropdown menu set to 'Brasiliano', a 'Collection' dropdown menu set to 'None', and a 'Custom file set' link.
- General filters:**
 - Reference Unit filter:** A pink box containing two dropdown menus, currently set to 'Utterances and Stanzas' and 'Any Utterance'.
 - Metadata Filter:** A blue box containing two dropdown menus for 'Type of interaction' (set to 'Any') and 'Communicative context' (set to 'Any').
- Search for Information Pattern:**
 - Options for 'Start of utterance' and 'End of utterance' with checkboxes.
 - Two numbered search rows, each with a 'Select' dropdown, a text input field, and a 'Word restrictions' text input field.
 - An 'Add' button at the bottom left of this section.
- Linear relation between selected units:** A green box with radio button options: 'Strict', 'Standard' (selected), 'Enlarged', 'Enlarged +', and 'Free'.
- Utterance restrictions:**
 - Restrictions on Information Units:** A purple box with a 'Select' dropdown, a text input field, a 'NOT' checkbox, and an 'Add' button.
 - Restrictions on Words:** A yellow box with input fields for 'Form' and 'Lemma', a 'PoS' dropdown menu, a text input field, a 'NOT' checkbox, and an 'Add' button.

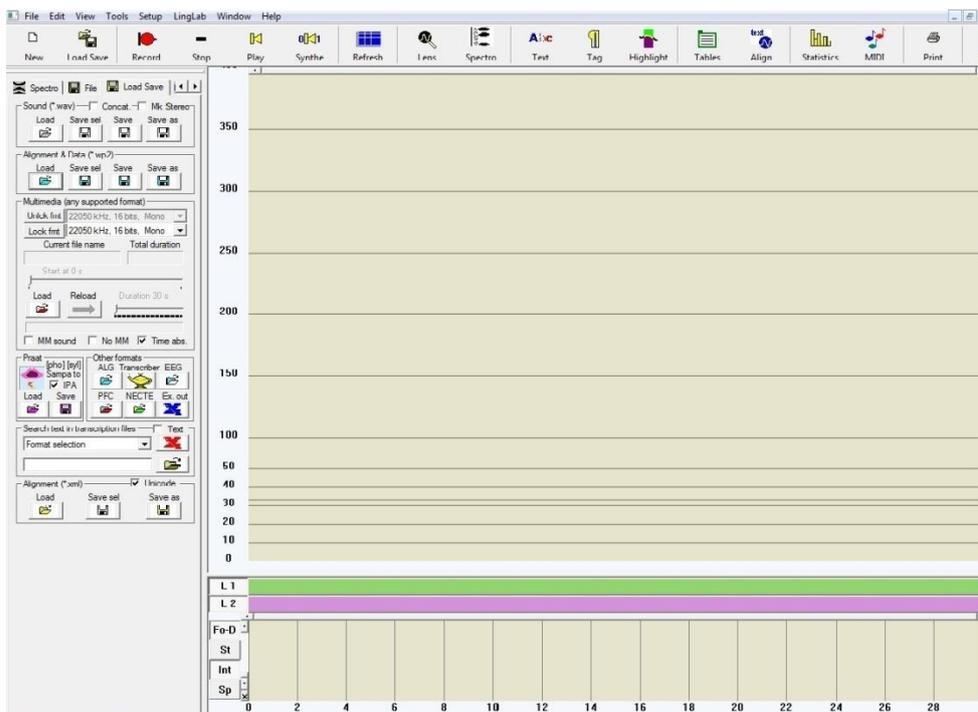
A *Data-base de Corpus Multimodal* (DBCoM) é uma plataforma *online* que disponibiliza o *corpus* C-ORAL-BRASIL para busca (MELLO, em preparação). Através da interface dessa plataforma é possível buscar por tipo de enunciado (simples, complexo ou interrompido), *retractings*, palavra em contexto (KWIC), lema, categoria gramatical (PoS), falante, nome da transcrição, contexto (familiar/privado ou público), tipo textual (monólogo, diálogo ou conversação) e participantes (o que inclui informação dos metadados). Abaixo é possível visualizar a interface da plataforma DBCoM:

Figura 4 – Plataforma DBCoM



A próxima seção será dedicada à análise dos dados. É importante ressaltar que áudios apresentados ou foram recortados por meio da plataforma DB-IPIC ou através do *software* WinPitch (MARTIN, 2005). Esse é um *software* de análise acústica que possui diversas funções, sendo uma delas selecionar o trecho do áudio desejado e extraí-lo do texto em um arquivo em formato wav separado.

Figura 5 – Interface do *software* WinPitch



Tendo isso sido mencionado, passemos à análise dos dados.

6 ANÁLISE DOS DADOS

6.1 DISTRIBUIÇÃO DA NEGAÇÃO VERBAL NOS TEXTOS DO CORPUS C-ORAL-BRASIL

A fim de apresentar a distribuição da negação verbal nos dados do *corpus* C-ORAL-BRASIL, antes é preciso discutir alguns pontos para que fique claro o que foi considerado relevante na contagem final dos dados. Esses pontos estão relacionados a questões teórico-metodológicas que serão úteis para a presente discussão.

Em primeiro lugar, foram excluídos os dados que apresentavam erros de transcrição. Esses foram pouquíssimos casos, mas é relevante citá-los aqui, uma vez que eles fizeram parte da lista de dados que foi extraída por meio da plataforma DBCoM (MELLO, em preparação).

(1) bfamcv09

*ADR: [63] isso **nũ** <teste que eu> fui / fazer há um ano atrás / de / psicomotricidade / ou coisa que o valha //

(2) bfamcv21

*FLA: [249] <oh Lud / deixa a primeira pra eles mesmo> porque / <**se não** nũ vai dar muita pressão> //

(3) bfamdl01

*REN: [295] <**se não** a gente completa> //

(4) bfamdl09

*LUC: [195] **n'é** //

No primeiro exemplo, a preposição *num* foi transcrita como a forma reduzida adotada nos critérios de transcrição do *corpus* para representar o advérbio *não*. Nos exemplos 2 e 3, a conjunção *senão* foi transcrita separadamente, o que poderia ser interpretado a princípio como uma negação de constituinte. No exemplo 4, a forma gramaticalizada *né* foi transcrita como uma forma reduzida da negação pré-verbal. No entanto, o contexto em que ocorre esse e outros exemplos na mesma transcrição está ligado ao uso comum da forma *né*, isto é, ora como fático cumprindo o papel de regulador da interação, ora como uma ilocução de pedido de confirmação.

Em segundo lugar, não foram considerados casos de negação de constituinte, isto é, casos em que o escopo do advérbio de negação recai sobre um nome, um adjetivo, outro advérbio, etc.

(5) bfamcv26

*FLL: [71] ela odeia **&nã** /1 **não tanto** / mas odeia um pouco //

No exemplo acima, o advérbio *não* modifica o advérbio *tanto* – indicando o grau de ódio que o sujeito sente – e não o verbo odiar, por isso não consideramos casos como esses na quantificação dos dados.

Em terceiro lugar, foram excluídos exemplos em que o verbo não foi realizado foneticamente, como no exemplo 6:

(6) bfammn31

*BRR: [120] então pra es nenhum pajé nunca morreu //

*CBC: [121] é // [122] **e pelo que eles falam não** // [123] o pajé ele pode até morrer +

No exemplo (6), é possível recuperar o verbo *morrer* no enunciado 122, isto é, *e pelo que eles falam não [morreu nenhum pajé]*. No entanto, o escopo da negação recairia sobre a proposição do enunciado 120, estabelecendo uma relação anafórica interenunciados, algo que não propomos estudar neste trabalho. Além disso, casos como esses suscitam dúvidas quanto ao verbo que pode ser realizado, conforme pode ser visto no exemplo (7) abaixo:

(7) bfamcv30

*CLA: [159] <porque ela> **podia simplesmente não** / não vou participar dessa joça //

Numa leitura menos atenta do enunciado 159 do exemplo 7, poderia ser atribuído ao escopo da negação um verbo ligado ao modal *poder*, gerando uma interpretação como *ela podia [verbo] não*. Contudo, não é isso que se nota no exemplo acima. O que CLA diz poderia ser parafraseado como *porque ela podia simplesmente dizer/falar/avisar/mencionar/explicar/manifestar/[etc.]: não, não vou participar dessa joça*. É possível recuperar algum verbo para completar o sentido do enunciado, mas uma gama de verbos de comunicação poderia fazer parte da estrutura. Dessa forma, consideramos que casos como esse merecem um estudo à parte.

Em quarto lugar, foram excluídos casos de um fenômeno conhecido na literatura como Concordância Negativa (CN)⁷¹. Tal fenômeno se caracteriza por apresentar a coocorrência de duas palavras negativas, mas que semanticamente é interpretada apenas uma única negação, ou seja, não há uma leitura de Dupla Negação (DN) em que há o cancelamento da leitura negativa para uma leitura positiva. Várias línguas apresentam Concordância Negativa⁷²:

(8) *No* ha trobat *ningú*. (Catalão)

not has found n-person

⁷¹ Apenas os casos em que a palavra negativa se encontrava em posição pré-verbal. Mais detalhes serão mostrados abaixo.

⁷² Os exemplos foram extraídos de Tubau (2008).

‘(S)he hasn’t found anyone’

(9) *Non ha mangiato niente.* (Italiano)

not has eaten n-thing

‘(S)he hasn’t eaten anything’

(10) *Marija ne voli ni(t)koga.* (Sérvio/Croata)

Mary not loves n-person-ACC

‘Mary doesn’t love anyone’

(11) *Ons gooi niks weg nie.* (Africâner)

we throw n-thing away not

‘We don’t throw anything away’

(12) ...da Valère *niemand nie* (en)-kent. (Flamengo ocidental)

that Valère n-person not NEG-know

‘...that Valère doesn’t know anybody’

(13) *Maria didn’t say nothing to nobody.* (Inglês não-padrão)

(14) *No ha visto a nadie.* (Espanhol)

not has seen to n-person

‘He hasn’t seen anybody’

Em cada exemplo acima, há duas palavras negativas, porém elas não se cancelam, gerando uma leitura positiva. O inglês e o alemão são línguas que apresentam a leitura de Dupla Negação, por exemplo⁷³:

(15) *I didn’t say nothing.* (Inglês padrão)

(16) *Ich habe nicht nichts gezeigd.* (Alemão padrão)

I have NEG nothing said

⁷³ Exemplos extraídos de Martínez (2013).

‘I have nothing said’

No exemplo 15, a interpretação é de que o sujeito disse algo, e não que ele não disse nada, assim como no exemplo do alemão. O Português Brasileiro pode apresentar dois casos de CN, um em que a palavra negativa está em posição pré-verbal e outro que está em posição pós-verbal, em que nenhum dos casos gera leitura de DN:

(17) bfamcv11

*CAR: [244] **nunca** tinha visto ela **não** //

(18) bfamcv06

*REN: [205] <ea **nũ**>passa quarta <**nunca** hhh> //

(19) bfamcv13

*MNV: [134] **ninguém** viu e’ subir p’ aquele lado de lá **não** //

(20) bfamcv05

*MAR: [245] <tem **ninguém**> chamando **não** //

A nosso ver, o fato de ocorrer uma palavra negativa em posição pós-verbal não afeta a classificação do dado em 18 constituir uma negação pré-verbal, ou seja, o advérbio de negação tem escopo imediato sobre o verbo *passar*. No entanto, quando a palavra negativa ocorre em posição pré-verbal, não se sabe se ela licenciou a negação pós-verbal ou se a negação pós-verbal a licenciou. Ou seja, seria um caso de negação dupla (considerando a palavra negativa) ou negação pós-verbal (excluindo a palavra negativa)? Esse problema não ocorre quando a palavra negativa se encontra em posição pós-verbal, uma vez que o advérbio *não* terá sempre um escopo imediato sobre o verbo, no caso da negação pré-verbal. Casos como o do exemplo 20 são interpretados como negação pós-verbal, tendo em conta que o advérbio *não* tem o verbo *ter* como escopo, ou seja, invertendo a ordem as palavras, haveria a seguinte sentença: *não tem ninguém chamando*, o que resultaria em caso semelhante ao do exemplo 18. Contudo, se a ordem das palavras é invertida nos exemplos 17 e 19, as sentenças soariam diferentes ou menos naturais: *não tinha visto ela nunca*, *não viu e’ subir p’ aquele lado ninguém*. Alguns autores poderiam classificar essas sentenças até mesmo como agramaticais. Para

evitar qualquer tipo de problema quanto à classificação de 17 e 19, resolvemos excluí-los da quantificação final. Os exemplos 18 e 20 foram mantidos e considerados como negação pré-verbal e pós-verbal, respectivamente. Na tabela de quantificação, adicionamos que esses se tratavam de casos de CN.

Em quinto lugar, excluímos casos de expressões cristalizadas, como *não sei o quê*, *não sei por quê*, *não sei quanto*, *não sei pra quê*, etc. Essas construções desempenham um papel importante na fala, provavelmente cumprem funções como de indeterminação e marcador de regulação dialógica, porém não expressam a negação em sua forma plena, no sentido de expressarem a negação de uma proposição. Isso poderia ser comprovado pelo fato de a sentença soar estranha ou agramatical se a negação for retirada: *sei quê*, *sei quanto*, *sei pra quê*, *sei quantas*.

(21) bfamcv01

*EVN: [138] eu falei isso naquea reunião lá / &he / &he / lá do [1] na casa do Artur / que tava o Juninho / **nũ sei quê** / aí eu fiz um [1] uma comparação <com aulas de [1] de língua hhh> //

(22) bfamcv07

*DUD: [175] <primeiro você põe o dedinho> / aí cê põe o dedinho e vai forçando / **não sei o quê** / até ficar **nũ sei o quê** / e aí / vai / depois de / mete bronca / **nũ sei o quê** //

(23) bfamcv26

*MIC: [149] só que aí / ela / **não sei por quê** / ela resolveu ir na &faculda [2] na escola //

(24) bfamdl29

*ALV: [111] aí o Fabiano falava assim / um ano e sessenta-e **nũ sei quantos meses** <hhh> //

(25) bfamdl29

*ELI: [116] ocês [1] cê namorou com **nũ sei quantas** namorada muito tempo / nũ adiantou nada //

(26) bfamdl30

*REN: [208] também / umas coisa que eu **nũ sei pra quê** //

Ademais, algumas delas parecem ser característico do idioleto de certos sujeitos. BAL, por exemplo, no texto bfamd118 realiza a construção *não sei o quê* nove vezes, sempre em final de enunciado. Há uma ocorrência em que ele repete três vezes essa expressão em sequência.

(27) bfamd118

*BAL: [156] uma moral / falsa que existe nessa &p [1] cidade podre / **nũ sei o quê** //

(28) bfamd118

*BAL: [201] porque é um absurdo / seu filho vai se &me [1] meter com drogas / **nũ sei o quê** //

(29) bfamd118

*BAL: [242] <toda> depiladinha / só com um bigodinho de Hitler / assim // [243] ai / Bruno / morro de vontade de fazer isso na minha perereca // [244] **nũ sei o quê / nũ sei o quê / nũ sei o quê** //

Em sexto lugar, foram excluídas expressões que só existem com a negação, como *a não ser que* e *se não me engano*, e outras que, se não estão já cristalizadas, são previsíveis de ocorrer com a negação, como *não adianta*, *não tem nada a ver*, *não é por nada não*, *esquentá (a cabeça) não*.

(30) bfamcv32

*TOM: [283] é / cê tá ficando sozinha / né //

*HEL: [284] é / **a não ser que** eu comece a falar / aqui / né //

(31) bfammn36

*ADE: [19] aí depois fiz o / concurso / para oficial / passei / e fui fazer o curso de formação de oficiais / fui promovido em / dois-mil / **se não me engano** / e fiquei até dois-mil-e-quatro //

(32) bpubdl01

*PAU: [216] o que ele faz / o que / tá errado / aparece depois // [217] aí **não adianta** /
nũ pode desmanchar //

(33) bfamcv25

*VOH: [197] **nũ tem nada a ver** com aquela outra história //

(34) bfamdl29

*ELI: [139] <agora / ô meu bem> + [140] <**nũ é por nada não**> // [141] mas **nũ é por
nada não** / hein //

(35) bfamcv11

*CAR: [155] <**esquenta não**> //

(36) bpubcv07

*MAR: [91] <**esquenta a cabeça**> **não** / Sonilde //

Exceto a construção *não tem nada a ver*, que pode ocorrer sem a negação pré-verbal, todas as outras não admitiriam a extração da negação nos contextos em que são realizadas nos exemplos 30-32, *a ser que, se me engano, aí adianta, é por nada*.

Em sétimo lugar, excluimos casos em que a negação cumpria mais uma função dialógica do que de uma verdadeira negação verbal, como as expressões *não é, não foi, não era, n' é não, é não*, nos exemplos abaixo:

(37) bfamcv05

*CAR: [44] ter um gol / **n' é não** //

(38) bfamcv30

*RAQ: [59] <**é não** / porque senão a gente vai sair daqui amanhã> / né hhh //

(39) bfammn01

*DUD: [92] pô / Mailton / eu nũ entendo muito de cobra não / mas essa história daí / eu acho que quem matou o cara foi a mulher dele / hein // [93] e inventou tudo // [94] **nũ é não** //

(40) bfamcv03

*TON: [17] vou jogar aqui / <nũ é> //

(41) bfamcv03

*TON: [298] fino demais / nũ foi //

(42) bpubcv03

*FER: [186] há muitos anos <atrás tinha mesmo / ao invés de> ser MTV / tinha uma &rá [/2] uma [/1] um [/1] um canal / nũ <era> //

Depois de haver filtrado todos os casos acima, por fim, apresentamos a tabela final com a quantificação dos dados de negação verbal do PB no *corpus* C-ORAL-BRASIL:

Tabela 30 – Distribuição da negação verbal no *corpus* C-ORAL-BRASIL

Negação	Pré-verbal	Dupla	Pós-verbal	Total
	2262	704	148	3114
Total	72,63%	22,62%	4,75%	100%

Assim como nos estudos prévios sobre negação no PB, a tabela acima também mostra a predominância da forma canônica da negação sobre as formas não canônicas, e da maior ocorrência da negação dupla sobre a pós-verbal. Como será mostrado abaixo, a justificativa dessa distribuição não reside no mero fato de a negação pré-verbal ser a forma canônica ou a forma não marcada e que as formas não canônicas são marginais. Essa distribuição está relacionada a restrições prosódico-informacionais com um correlato pragmático específico.

6.2 ANÁLISE DO ESTATUTO DO REFERENTE NEGADO

O *corpus* C-ORAL-BRASIL é uma fonte de dados importante para testar a hipótese proposta por Schwenter (2005) acerca do estatuto do referente negado, pois é um corpus diafasicamente representativo, ou seja, há uma ampla variação de contextos em que a fala é utilizada. Isso é um diferencial em relação às fontes de dados que foram utilizadas para testar a hipótese de Schwenter (2005), uma vez que elas constituíam

bancos de dados de entrevistas sociolinguísticas em que apenas uma diafasia é representada. O *corpus* C-ORAL-BRASIL constitui uma eficiente fonte de dados para que se possa testar uma hipótese de base pragmática.

A hipótese proposta por Schwenter (2005) foi testada pelo autor com dados de fala da cidade do Rio de Janeiro e dados de introspecção. Goldnadel & Lima (2011) testaram a hipótese com dados de fala do projeto VARSUL. Os autores chegaram à conclusão de que a hipótese estaria correta. A análise desenvolvida aqui visou testar tal hipótese com dos dados do *corpus* C-ORAL-BRASIL e considerando as informações apresentadas na tabela da seção 2.8 repetida aqui:

Tabela 31 – BP negatives, by information status of the negated proposition

<i>Form</i>	<i>Discourse-new</i>	<i>Inferrable</i>	<i>Directly activated</i>
NEG1	OK	OK	OK
NEG2	#	OK	OK
NEG3	#	#	OK

Fonte: (SCHWENTER, 2005)

A negação pré-verbal ou NEG1 não apresentaria nenhum tipo de restrição, podendo ocorrer como informação discursivamente nova, inferível ou diretamente ativada, portanto não há o que se verificar em relação ao seu estatuto de realização. Já a negação dupla ou NEG 2 não poderia ocorrer como informação discursivamente nova. Esse tipo de negação pode, contudo, ocorrer como informação inferível ou diretamente ativada

A metodologia utilizada para a análise apresentada abaixo consistiu em ouvir o áudio da gravação juntamente com a transcrição por meio do alinhamento texto/som fornecido pelo *software* Winpitch e identificar o referente negado. Se ele estava explícito em enunciados anteriores ou se era inferível a partir do contexto. A questão de um referente ser inferível torna a análise de certa forma subjetiva, tendo em vista que o que pode ser inferível para uma pessoa pode não ser para outra. No entanto, os exemplos pareceram claros a respeito de quando um referente era inferível ou não. Abaixo apresentamos alguns exemplos em que a negação dupla obedece à restrição apresentada na tabela 31. Nos quatro primeiros exemplos, o estatuto do referente negado constitui informação discursivamente dada. No primeiro exemplo, a expressão *tomar*

conhecimento, no segundo, o verbo *ter*, no terceiro, o verbo *ser* e no quarto, o verbo *tomar*. Os verbos estão marcados de azul e o enunciado em que ocorrem a negação dupla está em negrito.

(1) bfamcv02 – Exemplo favorável à hipótese de Schwenter: Informação discursivamente dada

*RUT: [213] <da> família &d [3] / <da família> dele / minha filha / <também nũ>

tomo nem conhecimento também //

*JAE: [214] eu tô <voltando> //

*TER: [215] <ahn> //

*TER: [216] <ahn> //

*RUT: [217] **só que em compensação / da minha família também / ele / também / nũ toma conhecimento não / minha filha //**

(2) bfamdl01 – Exemplo favorável à hipótese de Schwenter: informação discursivamente dada

*FLA: [538] nũ tem Prato Fino //

*REN: [539] cadê //

*FLA: [540] acho que não **tem** //

*REN: [541] **acho que nũ tem não //**

(3) bfamdl04 – Exemplo favorável à hipótese de Schwenter: informação discursivamente dada

*SIL: [123] isso tudo **é herança** do tio dela / Kátia //

*KAT: [124] **é** //

*KAT: [125] **nũ era da dona Emília não //**

(4) bfamdl04 – Exemplo favorável à hipótese de Schwenter: informação discursivamente dada

*SIL: [162] que eu tô ficando / como se diz / exigente //

*SIL: [163] se for vinho importado / eu **tomo** //

* SIL: [164] **se nũ for / eu nũ tomo não** //

Apresentamos abaixo três exemplos em que o estatuto do referente negado constitui informação inferível a partir do contexto. Os enunciados em que ocorre a negação dupla estão em negrito. No primeiro exemplo, um casal conversa a respeito de um concurso público para professor. LAU explica que participará de tal concurso, a certo ponto do diálogo LUZ diz que não entendeu para qual vaga LAU prestaria o concurso.

(5) bfamdl03 – Exemplo favorável à hipótese de Schwenter: informação inferível

*LUZ: [130] mas é pra mestre ou pa doutor / essa aí //

*LUZ: [131] pra / adjunto / ou pra +

*LAU: [132] uma é pra doutor / e as outras são pra <mestre> //

*LUZ: [133] <não> / a de imagem //

*LUZ: [134] essa que cê falou que cê faria //

*LAU: [135] eu acho que é a de &dou +

*LAU: [136] não / é +

*LAU: [137] é de +

*LAU: [138] são duas / <que eu &v [3] que eu vou fazer> //

*LUZ: [139] <ah / são duas / pra> mesma //

*LUZ: [140] coisa //

*LUZ: [141] são duas vagas / pro mesmo / tema //

*LAU: [142] não / Luzia //

*LUZ: [144] **ahn / <nũ entendi então não>** //

No próximo exemplo, há dois casos em que o estatuto do referente negado constitui informação inferível. Duas amigas estão fazendo compras no supermercado. Elas estão decidindo qual papel higiênico comprar, observando o preço e o comprimento de cada um. REN encontra um papel de uma marca que ela conhece e pergunta se não seria melhor levá-lo, pois ela já conhecia a marca e o preço estaria bom. FLA encontra um em que a embalagem está aberta e pergunta para REN se há algum

problema nisso. REN, então, diz que isso não importa devido ao lugar onde ele será usado.

(6) bfamdl01 – Exemplo favorável à hipótese de Schwenter: informação inferível

- *FLA: [243] <o Personal tá quanto> //
- *REN: [244] <dois dele / ô> //
- *REN: [245] ah //
- *REN: [246] esse daqui +
- *REN: [247] ah não / mas ele nũ é de sessenta metros não //
- *REN: [248] três e <vinte-e-oito> //
- *FLA: [249] <é o> [/1] o [/1] o &s [/2] o Scott é bom //
- *FLA: [250] só que / acho que é quarenta metros //
- *REN: [251] é / esse aqui é de quarenta //
- *REN: [252] xá eu ver o Personal //
- *FLA: [253] esse aí nũ tá mais barato não //
- *REN: [254] dois e cinqüenta-e-oito //
- *FLA: [255] Rena //
- *REN: [256] oi //
- *FLA: [257] oferta //
- *REN: [258] ahn //
- *FLA: [259] oferta //
- *FLA: [260] ah / mas esse é ruim //
- *REN: [261] é o mesmo / daquele lá / o' //
- *REN: [262] do Mili //
- *REN: [263] que a gente ia levar //
- *FLA: [264] é o mesmo //
- *REN: [265] é //
- *FLA: [266] ai / eu lembrei de um que tinha lá em casa //
- *REN: [267] é o mesmo //
- *FLA: [268] então esse //
- *REN: [269] bom mesmo é esse / né //
- *FLA: [270] hhh vão levar / Reninha //
- *REN: [271] pode ser //

- *REN: [272] mas / eu +
- *REN: [273] **nũ era melhor levar esse daqui então não //**
- *FLA: [274] esse aí tá quanto //
- *FLA: [275] quatro e noventa-e-oito //
- *FLA: [276] cinco //
- *FLA: [277] esse aqui sai mais barato //
- *REN: [278] mas só tem dois //
- *FLA: [279] e esse tá meio abertinho //
- *FLA: [280] tem problema //
- *REN: [281] "tá meio" o quê //
- *FLA: [282] abertinho //
- *REN: [284] ah //
- *REN: [285] **pra onde ele vai ser usado eu nũ ligo não //**

Os próximos quatro exemplos constituem contraexemplos à hipótese de Schwenter (2005) por não encaixarem na tipologia proposta na tabela 31, isto é, o estatuto do referente negado não constitui informação nova nem inferível. Os enunciados em que a negação dupla ocorre estão marcados de vermelho.

(7) bfamd103 – Exemplo desfavorável à hipótese de Schwenter

- *LAU: [28] tem /1 vai ter concurso pra seis +
- *LAU: [29] es vão admitir seis professores na / Escola de Belas Artes / da uefeemegê //
- *LUZ: [30] é esse agora //
- *LUZ: [31] que nós <te falamo> / ué //
- *LAU: [32] <ahn> //
- *LUZ: [33] é esse aí xxx //
- *LAU: [34] quem que falou //
- *LUZ: [35] gente / eu / te falei / a Fabíola / eu falei se ocê nũ faria //
- *LUZ: [36] aí cê ainda falou / não / eu nũ vou fazer que nũ é uma / disciplina que tem a ver comigo //
- *LUZ: [37] eu concordei / nós conversamo tanto sobre isso / Lau hhh //
- *LAU: [38] mas <tem duas> //
- *LUZ: [39] <que isso> //

- *LAU: [40] tem duas disciplinas que têm a ver comigo //
- *LUZ: [41] quais //
- *LAU: [42] uma /1 uma /1 &he / &dua /1 é uma do Departamento de Fotografia +
- *LUZ: [43] ah é //
- *LAU: [44] é //
- *LUZ: [45] **não / isso nũ falava não //**
- *LUZ: [46] o que /2 não / é porque são de outros departamentos / né //
- *LUZ: [47] porque / o que a gente tava discutindo é os da Artes Plásticas //

(8) bfamdl01 – Exemplo desfavorável à hipótese de Schwenter

- *REN: [145] desinfetante / a gente precisa //
- *FLA: [146] precisa //
- *FLA: [147] desinfetante / não //
- *FLA: [148] &he / aquele negócio de pôr na água //
- *REN: [149] então / desinfetante //
- *FLA: [150] é //
- *REN: [151] <então uai> //
- *FLA: [152] <a gente> compra desse aqui / nũ é //
- *REN: [153] é //
- *REN: [154] pode ser //
- *FLA: [155] cabe aí //
- *FLA: [156] não / pode ir //
- *FLA: [157] vê o preço //
- *REN: [158] um e oitenta-e-cinco //
- *REN: [159] esse é um e vinte-e-oito //
- *REN: [160] mas esse vem menos / né //
- *FLA: [161] e o Batuta //
- *REN: [162] Batuta é um e setenta-e-nove //
- *REN: [163] opa //
- *FLA: [164] opa hhh //
- *FLA: [165] escolhe o cheiro aí //
- *FLA: [166] detergente oquei //
- *REN: [167] ah / eu gosto desses eucalipto normal / mas //

*FLA: [168] cê <gosta> //

*REN: [169] <ai> / mas esse aí é mais gostoso hhh //

*FLA: [170] então leva //

*FLA: [171] pode ser //

*REN: [172] xá eu ver o rosa aqui //

*REN: [173] não //

*REN: [174] prefiro o &ver [/2] o azulzim //

*FLA: [175] só //

*FLA: [176] **cê nũ quer comprar um trenzinho que espirra pro seu banheiro não //**

*REN: [177] trenzim que espirra //

*FLA: [178] é / aquele que a gente tem no nosso //

*REN: [179] ah //

(9) bpubcv09 – Exemplo desfavorável à hipótese de Schwenter

*ERI: [162] <eu> já caí no bueiro //

*MRC: [163] mas aqui <vai ser só dez> //

*ERI: [164] <uma vez hhh> //

*PRI: [165] <ah / mas> +

*MAR: [166] <hhh mas lá vai ter> isso &tu [/2] <dez de novo> //

*PRI: [167] <eu já caí em vários> / só que eu dei <sorte de nunca> +

*MRC: [168] <isso> //

*MRC: [169] <vão> //

*MRC: [170] <dez e dez cê nem vê passar> //

*MAR: [172] <não> //

*ERI: [173] <não / a roda caiu> //

*ERI: [176] tava <aberto> //

*PRI: [177] <ah / tá / sei> //

*MAR: [178] <hhh ah / não> //

*PRI: [179] <**Nossa**> / **mas aí eu nũ consigo não //**

(10) bfamdl21 – Exemplo desfavorável à hipótese de Schwenter

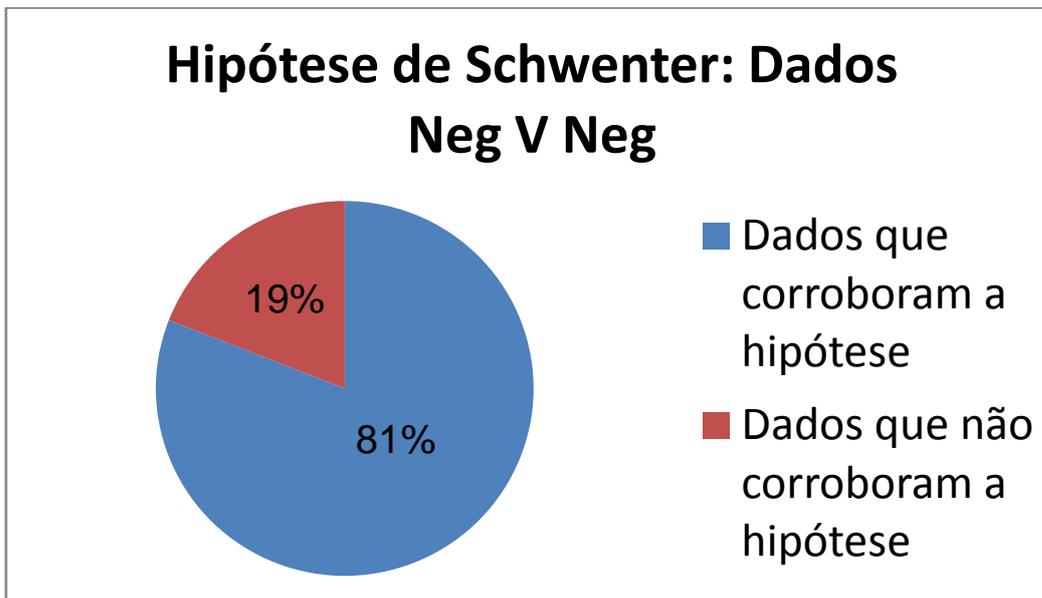
- *ERN: [86] que é <aquele que eu te> mostrei aque' dia <que yyyy> //
- *MAR: [87] <ah / é porque> além de [/1] de [/1] &s [/1] ser débito ele tem crédito também //
- *MAR: [88] <é isso> //
- *ERN: [89] <qual> //
- *MAR: [90] esse seu //
- *MAR: [91] que cê me mostrou //
- *ERN: [92] não //
- *ERN: [93] só débito //
- *MAR: [94] <é porque cê falou que usou> também um cartão de <crédito> //
- *ERN: [95] cê <po' fazer saque / né> //
- *ERN: [96] <"um cartão de> crédito" / é esse outro aqui //
- *MAR: [97] ah / Unibanco //
- *MAR: [98] é porque eu tenho do / Ourocard internacional //
- *ERN: [99] ah é / e aí +
- *MAR: [100] porque o outro que eu tenho / <yyyy> //
- *ERN: [101] <porque esse eu nã habilitei> crédito nele / só débito //
- *MAR: [102] <ham ham> //
- *ERN: [103] <do> / Banco do Brasil //
- *ERN: [104] **mas nã tem carta de intenção não** //
- *ERN: [105] carta de intenção é só aquela que cê &f [/3] quando faz lá o / <pra passar> no <processo de intercâmbio> //

Casos em que a informação é nova, mas inferível são bastante comuns, como no exemplo abaixo:

(11) bfamdl21 – Exemplo fronteiroço: informação nova, mas inferível

- *ERN: [187] mas a mais bonita / com a arquitetura / barroca mais / forte / né / é a que tá / &he / é a Chiesa / di Santa Croce / que é essa aqui o' hhh //
- *ERN: [188] quinze //
- *ERN: [189] essa aqui / assim +
- *MAR: [190] **mas lá nã pode tirar foto não / né / igual aqui** //

Gráfico 3 – Distribuição dos dados de negação dupla do *corpus* C-ORAL-BRASIL segundo a hipótese de Schwenter (2005)



O gráfico acima ilustra a distribuição da análise feita acerca da hipótese de Schwenter (2005) com dos dados do *corpus* C-ORAL-BRASIL. Apesar de 81% dos dados corroborarem essa hipótese, 19% não a favorecem. A fim de verificar se esses números são de fato significativos estatisticamente, foram aplicados dois testes através do *software* R (R CORE TEAM, 2014). O primeiro consiste em verificar se a amostra apresenta uma distribuição normal. O objetivo de se aplicar esse teste é o fato de que dependendo da distribuição dos dados, certo teste deve aplicado para medir a significância estatística dos dados. O *Shapiro-Wilk normality test* mostrou que as variáveis não apresentam uma distribuição normal, tendo em vista que o p-valor é menor que 0,05, conforme pode ser visto abaixo:

Dados que corroboram a hipótese:

$W = 0,8303$, p-value = $< 0,001$ $\alpha = 0,05$

Dados que não corroboram a hipótese:

$W = 0,7297$, p-value = $< 0,001$ $\alpha = 0,05$

Dessa forma, o teste a ser aplicado para medir a significância estatística dos dados é o *Wilcoxon rank sum test with continuity correction*. O teste estabelece que se o p-valor é maior que 0,05, as medianas são iguais. O resultado mostrou que as medianas

são diferentes, portanto a distribuição dos dados mostrou que a hipótese trata os contextos que a corroboram e os que não a corroboram de forma diferente, ou seja, a distribuição nos seus contextos de corroboração ou não são significativos estatisticamente, mostrando que há uma tendência para que a hipótese para a dupla negação esteja correta:

Dados que corroboram e que não corroboram a hipótese:

$W = 10689$, $p\text{-value} < 0,001$ $\alpha = 0,05$

A seguir, apresentaremos os dados de V Neg ou NEG3 em que a hipótese de Schwenter (2005) é correta. Segundo a hipótese, V Neg só pode negar informação diretamente ativada no discurso, isto é, esse tipo de negação deve ser realizado imediatamente após um referente ser mencionado no discurso. Os verbos estão marcados de azul e o enunciado em que há negação pós-verbal estão em negrito.

(12) bfamcv27 – Exemplo favorável à hipótese de Schwenter: informação diretamente ativada

*GUI: [89] vento sul / cê **quer** / Lívia //

*LIV: [90] **não** / **quero não** //

(13) bfamd115 – Exemplo favorável à hipótese de Schwenter: informação diretamente ativada

*ECR: [236] nũ **voltou não** //

*DML: [237] **<voltou não>** //

(14) bfamd120 – Exemplo favorável à hipótese de Schwenter: informação diretamente

*HEL: [295] levaram a gela / deira / a [/1] pa Pedro Leopoldo lá / pra loja / pa / **<vender>** //

*OSM: [296] **<vendeu não>** //

(15) bfamd123 – Exemplo favorável à hipótese de Schwenter: informação diretamente ativada

*BAR: [86] deixa eu ver se ele **tá** online //

*BAR: [87] **tá não** //

Abaixo são expostos exemplos em que o referente negado não está diretamente ativado no discurso, não corroborando, assim, a hipótese de Schwenter (2005). Os enunciados que apresentam negação pós-verbal estão marcados de vermelho.

(16) bfamcv05 – Exemplo desfavorável à hipótese de Schwenter

*MAR: [382] ô meu Deus do céu //

*CAR: [383] aí / foi falta aqui / o' //

*MAR: [384] toca //

*MAR: [385] tira sso daí //

*CAR: [386] deixa ele vim //

*CAR: [387] ele nũ passa não / sô //

*JOS: [388] pode ir nele //

*JOS: [389] aqui ele nũ passa não //

*CAR: [390] deixa ele suar aí //

*CEL: [391] ah //

*CAR: [392] ah //

*JOS: [393] <**saiu**> / **não** //

(17) bfamcv05 – Exemplo desfavorável à hipótese de Schwenter

*JOS: [427] aqui nũ tem jogo pra ele não / verão //

*CAR: [428] não / e' nũ passa por mim também não / sô //

*CAR: [429] pode ir / Zé //

*CAR: [430] pode / Zé //

*MAR: [431] sua //

*CAR: [432] aqui / Zé //

*JOS: [433] é nossa //

*MAR: [434] ah / aqui não //

*CEL: [435] **briga não / sô //**

(18) bfamcv09 – Exemplo desfavorável à hipótese de Schwenter

*CAM: [288] tava lá na beira do rio / e tal / os menino fazendo um showzinho lá / um
lual / tem uma ponte / né / que passa em cima do rio assim //

*CAM: [289] **a muito doida pegou a carona com um muito doido e / conhecia ele
não //**

(19) bfamcv13 – Exemplo desfavorável à hipótese de Schwenter

*ATA: [71] <qualquer coisa nós> cortava a outra perna no [/1] no toquinho assim /
nunca mais dava problema hhh //

*JON: [72] Deus me livre //

*MNV: [73] não //

*JON: [74] <cê tá doido> //

*MNV: [75] <tô com> /2 eu tô com medo d' es operar a direita <e largar a esquerda> /
<aí / ué hhh> //

*JON: [76] <No'> //

*ATA: [77] <é> //

*ATA: [78] <aí cê> tem que ficar velhaco aí / viu hhh //

*JON: [79] cê tá doido //

*JON: [80] <isso aí é> +

*SID: [81] <tem muita gente> +

*MNV: [82] <é> //

*MNV: [83] <pois é> //

*ATA: [84] <o' / mas &con> +

*ATA: [85] já ouvi falar que <contece mesmo> //

*SID: [86] <eu penso nisso> toda noite / aqui / <viu> //

*ATA: [87] <é mesmo> hhh //

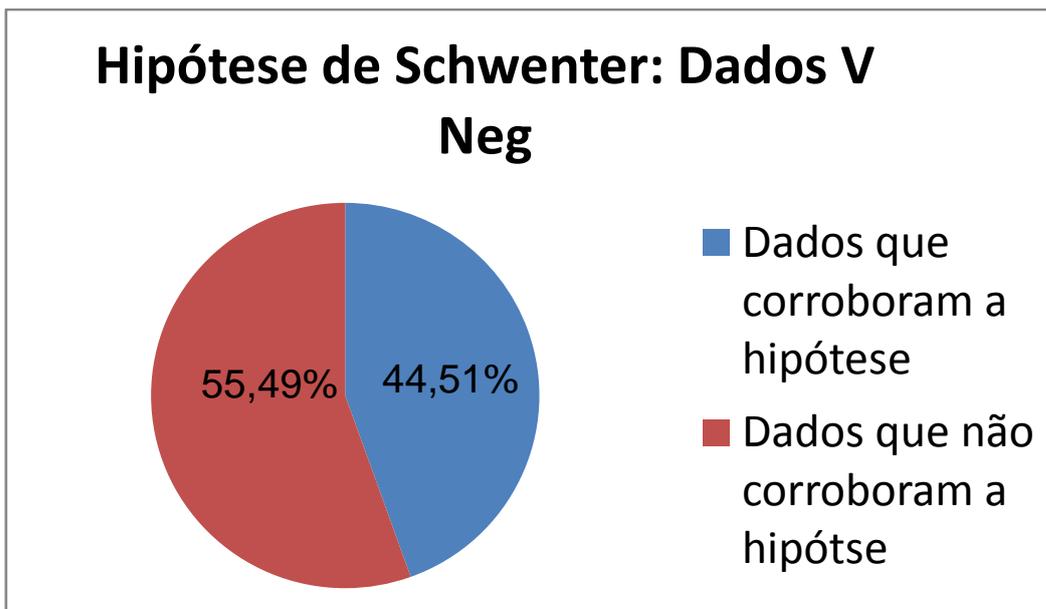
*JON: [88] **tem dessa de operar lado errado não //**

(20) bfamcv15 – Exemplo desfavorável à hipótese de Schwenter

- *EDE: [199] eu falei com a <moça assim / amanhã cê> volta / viu <hhh> //
- *MAR: [200] <cumprimenta a Nilma aí> //
- *MAR: [201] <cumprimenta> a Nilma aí //
- *XXA: [202] <por quê> //
- *EDE: [203] <ei / Juliana> / beleza //
- *EDE: [204] <como vai> //
- *XXA: [205] <por quê> //
- *EDE: [206] <a Barbie Guel hhh> //
- *EDE: [207] <solta a minha mão / Ju> //
- *EDE: [208] vou precisar dela> //
- *XXA: [209] <a Barbie e a Barbinha> //
- *EDE: [210] <Barbie e a Barbinha> //
- *MAR: [211] <ah / yyyy> //
- *EDE: [212] mas ea veio cá um dia desse mesmo> //
- *LOH: [213] <vi não> //

O gráfico abaixo mostra a distribuição da análise feita a respeito da hipótese de Schwenter (2005) com os dados do *corpus* C-ORAL-BRASIL. Pode-se notar que os casos em que a hipótese não é corroborada é levemente predominante.

Gráfico 4 – Distribuição dos dados de negação pós-verbal do *corpus* C-ORAL-BRASIL segundo a hipótese de Schwenter (2005)



Os mesmos testes estatísticos feitos para a análise da negação dupla foram novamente aplicados à análise da negação pós-verbal utilizando o *software* R. O teste *Shapiro-Wilk* mostrou que as variáveis não apresentam uma distribuição normal, uma vez que o p-valor é menor que 0,05:

Dados que corroboram a hipótese:

$W = 0,7492$, p-value = $< 0,001$ $\alpha = 0,05$

Dados que não corroboram a hipótese:

$W = 0,7479$, p-value = $< 0,001$ $\alpha = 0,05$

Em seguida, foi aplicado o teste *Wilcoxon* a fim de verificar se as medianas eram estatisticamente diferentes ou não. O teste mostrou que elas não são diferentes, pois o p-valor é maior que 0,05:

Dados que corroboram e que não corroboram a hipótese:

$W = 1860$, p-value = $0,520$ $\alpha = 0,05$

Esse resultado indica que a hipótese trata os contextos que a corroboram e que não a corroboram de forma igual. Portanto, há uma tendência para que a hipótese sobre a negação pós-verbal não esteja correta.

Tendo em vista que houve contraexemplos à hipótese de Schwenter (2005) em ambos os casos de negação dupla e de negação pós-verbal e que a porcentagem de contraexemplos dessa última atingiu mais da metade dos dados, é não só factível, mas necessário explicá-los levando em consideração outras categorias pragmáticas além do estatuto do referente negado. A questão de o referente negado constituir informação dada, nova ou inferível não parece ser uma restrição determinante no uso da negação verbal no PB.

6.3 RESTRIÇÃO PROSÓDICO-INFORMACIONAL SOBRE O USO DAS FORMAS NÃO CANÔNICAS DE NEGAÇÃO VERBAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Considerando a TLA, foi observado uma correspondência interessante no que concerne à distribuição das formas de negação em unidades tonais/informacionais. A negação pré-verbal possui uma distribuição livre dentro do escopo das unidades informacionais textuais, ao passo que a negação dupla e a negação pós-verbal só ocorrem em unidades ilocucionárias. Foram analisados todos os dados de negação verbal do *corpus* C-ORAL-BRASIL. O *minicorpus* etiquetado informacionalmente também foi utilizado para a identificação das unidades informacionais. Para o restante do *corpus*, a metodologia utilizada para identificar as unidades informacionais foi a percepção como falante nativo⁷⁴. Primeiramente, apresentamos abaixo alguns exemplos da negação pré-verbal em diferentes unidades informacionais:

(1) bfamcv03 – Neg V em unidade de Tópico (TOP)

*TON: [41] é /=EXP= **se o meu pai também nũ tivesse morrido** /=TOP= tava vivo
/=COB= tava com noventa-e-seis ano //COM=

(2) bfamcv03 – Neg V em unidade de Parentético (PAR)

*TON: [243] <dá licença um> pouquinho /=COB= **enquanto cê nũ tá jogando**
/=PAR= que cê [/1]=SCA= ninguém güenta esse cu seu não //COM=

⁷⁴ Agradeço ao Prof. Tommaso Raso por ajudar nessa etapa da análise, nos exemplos em que tive dúvida. Durante a análise, o Prof. Tommaso fez várias observações importantes para este trabalho. Sua contribuição foi extremamente valiosa.

(3) bfamcv04 – Neg V em unidade de Introdutor Locutivo (INT)

*BRU: [175] <se for> /=SCA= um passarinho /=TOP= **cê nũ pode fazer** /=INT= hhh
//=COM=

(4) bfamdl04 – Neg V em unidade de Apêndice de Comentário (APC)

*SIL [16]: pode ser o creme /=COM= **que nũ deu certo com ele** //=**APC**=

(5) bfamcv01 – Neg V em unidade de Comentário Múltiplo (CMM)

*EVN: [50] ô /=EXP= mas tem outros lugares /=CMM= **o negócio é que a gente não procurou** //=**CMM**=

(6) bfammn02 – Neg V em unidade de Comentário Ligado (COB)

*DFL: [57] **e ele então nũ teve** /=**COB**= uma escola // =COM=

(7) bfamdl14 – Neg V em unidade de Apêndice de Tópico (APT)

*CAR: [213] ela dá aquela raspadinha de seis números / cinco número / ou seja se cê nũ / destacar /=TOP= **e não conseguir ganhar o prêmio eles te dão** /=**APT**= acho que cem reais / <uma coisa assim> //

(8) bfamcv01 – Neg V em unidade de Comentário (COM)

*LUI: [7] <**com certeza es nũ vão participar** /=**COM**= uai> //=**PHA**=

É possível notar através dos exemplos mostrados acima que a negação pré-verbal possui uma distribuição completamente livre no que diz respeito às unidades informacionais textuais. Esse tipo de negação pode ocorrer em Comentário (COM), Apêndice de Comentário (APC), Comentário Múltiplo (CMM), Comentário Ligado

(COB), Tópico (TOP), Apêndice de Tópico (TOP), Introdutor Locutivo (INT) e Parentético (PAR).

Ao contrário da negação pré-verbal, as formas não canônicas, ou seja, a negação dupla e a pós-verbal estão restritas a ocorrer apenas em unidades ilocucionárias: COM, CMM ou COB. Abaixo são apresentados alguns exemplos:

(9) bfamcv01 – Neg V Neg em unidade de Comentário (COM)

*LUI: [168] <pe**lo menos o José Mourinho nũ tem desses escrotos não**> //=**COM**=

(10) bfamcv02 – Neg V Neg em unidade de Comentário (COM)

*RUT: [91] **eu nũ quero não** //=**COM**=

(11) bfamcv02 – Neg V Neg em unidade de Comentário Múltiplo (CMM)

*RUT: [382] não /=**CMM**= **nũ é encontro no seu Antônio de <Assis> não** //=**CMM**=

(12) bfamcv02 – Neg V Neg em unidade de Comentário Múltiplo (CMM)

*TER: [241] não /=**CMM**= **mas nũ é não** /=**CMM**= &Ru [1] /=**EMP**= Jael //=**ALL**=

(13) bfammn01 – Neg V Neg em unidade de Comentário Ligado (COB)

*MAI: [4] **ele nũ é muito parente chegado não** /=**COB**= mas &t [1] /=**SCA**= deve ser / primo [1] /=**EMP**= primo quarto /=**COM**= por aí /=**PAR**= deve ser //=**APC**=

(14) bfammn01 – Neg V Neg em unidade de Comentário Ligado (COB)

*MAI: [21] **n' é matinha igual essas capoeirinha aqui não** /=**COB**= é mata mesmo /=**COB**= de /=**SCA**= madeira /=**SCA**= da grossura que /=**SCA**= quatro homem nũ abarca um pau //=**COM**=

(15) bfamcv01 – V Neg em unidade de Comentário (COM)

*LUI: [5] <eu acho não> //=**COM**=

(16) bfamcv02 – V Neg em unidade de Comentário (COM)

*JAE: [12] <ganhou não> //=**COM**=

(17) bfamcv01 – V Neg em unidade de Comentário Múltiplo (CMM)

*EVN: [179] <tão não /=**CMM**= tão> //=**CMM**=

(18) bfamm03 – V Neg em unidade de Comentário Múltiplo (CMM)

*ALO: [42] aí ea falou /=**INT**= não /=**CMM_r**= **vou lá não** //=**CMM_r**=

(19) bfamcv03 – V Neg em unidade de Comentário Ligado (COB)

*CEL: [263] **hhh mata não** /=**COB**= depois cê joga esse dois na frente dela //=**COM**=

(20) bfammn10 – V Neg em unidade de Comentário Ligado (COB)

*CEL: [14] **sei não** /=**COB**= começar do começo / é bom //

Há apenas três casos em que a negação dupla ocorre em unidade de Parentético. Essa unidade é considerada autônoma por alguns autores⁷⁵. Portanto, não é um problema para a nossa análise, apesar de constituírem casos fora do padrão. Além disso, é preciso notar a especificidade dessas ocorrências. São três casos que ocorrem em monólogos. Dessa forma, torna-se necessário investigar como a tipologia textual dos monólogos licencia o uso da negação dupla em unidade de PAR. É importante notar também que o PAR do exemplo 21 faz parte de um discurso reportado, o de 22 possui uma taxa de elocução bastante alta e o de 23 uma taxa de elocução baixa. Essas

⁷⁵ Tommaso Raso (comunicação pessoal).

informações podem ser importantes para caracterizar o perfil da negação dupla em unidade de PAR nos monólogos.

(21) bfammn04 – Neg V Neg em unidade de Parentético (PAR)

*REG: [113] eu tô aqui em casa / **o Haroldo ainda nũ chegou não** /=PAR_r= eu tô sentindo assim uma dorzinha na barriga / sior acha que já é algum sinal //

(22) bfamn33 – Neg V Neg em unidade de Parentético (PAR)

*ADR: [85] aí ele pegou lá / de repente tava a Madonna / **ela nũ tava na capa dessa revista não** /=PAR= ele viu falou assim / oh //

(23) bpubmn02 – Neg V Neg em unidade de Parentético

*ANL: [51] e quando a gente tem implantado dentro da gente / o egoísmo / **nũ quer dizer que eu nũ sou egoísta não** /=PAR= sou / &t [/1] ainda eu sou / infelizmente / mas / a gente tem que ter abertura / e &n [/1] quando aparecer uma situação / na mão da gente / a gente tar aberto pa saber o que que é isso //

Tabela 32 – Distribuição informacional da negação verbal no PB

	Neg V	Neg V Neg	V Neg
Unidade informacionais	COM, APC, CMM, COB, TOP, APT, INT, PAR	COM, CMM, COB, PAR	COM, CMM, COB

Através da tabela acima é possível notar que a negação pré-verbal não possui restrições prosódico-informacionais no que se refere às unidades textuais, ao passo que a negação dupla e a pós-verbal só podem ocorrer em unidades ilocucionárias, excetuando os três casos em que a negação dupla ocorre em unidade de Parentético em três textos monológicos. O que pode ser depreendido é o fato de que Neg V Neg e V Neg necessitam da força ilocucionária para serem realizadas, ao passo que Neg V não precisa necessariamente da força ilocucionária para ser realizada, isto é, pode ocorrer

tanto em unidades de TOP, INT, PAR, APT ou APC, quanto em COM, CMM e COB. As unidades ilocucionárias são autônomas do ponto de vista prosódico-pragmático, portanto elas carregam a força ilocucionária e veiculam uma ilocução. A restrição do uso da negação verbal no PB parece ser, então, o fato de que as formas não canônicas devem necessariamente veicular uma ilocução, já a forma canônica pode ou não veicular uma ilocução. Desse modo, não é no conteúdo dado ou novo que se encontra a restrição, como propôs Schwenter (2005), embora em muitos casos possa ser explicado através desse tipo de restrição. No entanto, ainda grande parte não se encaixa dentro dessa tipologia, conforme pôde ser visto na seção anterior. A força ilocucionária parece ser o verdadeiro fator que restringe o uso das formas não canônicas de negação verbal no PB.

6.4 ASPECTOS SINTÁTICOS DA NEGAÇÃO VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nesta seção serão apresentadas algumas considerações sintáticas sobre a negação verbal no PB. Na subseção 6.1, serão abordadas características descritivas da negação segundo estudos prévios. Na subseção 6.2, será apresentada a tipologia sintática da negação de acordo com os dados do *corpus* C-ORAL-BRASIL. Em 4.3, serão apresentados dados da negação que corroboram a função do Apêndice da TLA. De 4.4 até 4.6, serão apresentados contraexemplos da negação verbal no PB a assunções teóricas diversas.

6.4.1 Características sintáticas da negação no PB

Apesar de não ser baseado em dados empíricos, o estudo pioneiro de Schwegler (1991) sobre a sintaxe da negação verbal no PB traz importantes considerações sobre o fenômeno. O autor elenca os ambientes sintáticos em que a negação pode ocorrer, listando também os contextos em que ela não pode ocorrer. O autor diz que os três tipos de negação podem ocorrer em sentenças declarativas (1), imperativas (2) e interrogativas (3), conforme os exemplos abaixo (cf. SCHWEGLER, 1991, p. 190-191):

(1) a. Ele não fala português.

- b. Ele não fala português não.
- c. Ele fala português não.

- (2) a. Não fale português!
- b. Não fale português não!
 - c. Fale português não!

- (3) a. Ele não fala português?
- b. Ele não fala português não?
 - c. Ele fala português não?

Schwegler (1991) diz que a posição do não posposto ao verbo é sempre no final da sentença, exceto em casos que há um vocativo (4), estruturas topicalizadas com um constituinte deslocado à direita (5) ou um sintagma adverbial (cf. SCHWEGLER, 1991, p. 191):

(4) Onde fica a rua Sabará? – Sei não, amigo.

- (5) a. Falo não, alemão.
- b. Eu não gosto muito não, de peixe.

(6) Lá tem feijão verde não, onde você mora?

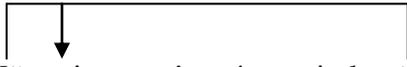
Em sentenças subordinadas, o autor diz que a negação pós-verbal é agramatical, de acordo com os exemplos (cf. SCHWEGLER, 1991, p. 195-198):

- (7) a. *Eu vou sozinho se você quiser ir não.
- b. *Eu imagino que você tem dinheiro não.
 - c. *Eu não vou se você estiver a fim de ir com a gente não.
 - d. *Eu não imagino que você tem dinheiro não.
 - e. *Eu não vou sozinho não se você quiser ir não.
 - f. *Eu não imagino não que você tem dinheiro não.
 - g. *Eu vou sozinho não se você quiser ir não.
 - h. *Eu imagino não que você tem dinheiro não.

- i. *Eu vou não se você estiver a fim de ir sozinho não.
- j. *Eu vou se você estiver a fim de ir sozinho não.
- k. *Eu imagino não que você tem dinheiro não.

Um fator de suma importância que o autor mostra é o escopo que a negação tem sobre o verbo da sentença (cf. SCHWEGLER, 1991, p. 200):

(8) a. Não sei se você está mentindo não.



b. Não sei se você não está mentindo não.



c. Não sei não se você não está mentindo não.



d. Ele não sabe que o pai chegou não.



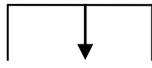
e. Ele não sabe que o pai não chegou não.



f. Ele não sabe não que o pai não chegou não.



g. Ele sabe que o pai não chegou não.



As setas indicam o escopo que a negação toma sobre o verbo. É possível notar que em orações encaixadas a negação posposta ao verbo nunca toma como escopo o verbo da oração subordinada, mas sim o verbo da principal, conforme mostram os exemplos (8a) e (8d). Essa é uma propriedade que os dados empíricos deste estudo confirmam. No entanto, as considerações sobre a negação pós-verbal ser agramatical em orações encaixadas não se confirma, como poderá ser visto na seção 4.6. A próxima

subseção explora a tipologia sintática dos enunciados com negação verbo do *corpus* C-ORAL-BRASIL.

6.4.2 Tipologia sintática dos enunciados com negação verbal do corpus C-ORAL-BRASIL

Nesta seção serão apresentados os enunciados com negação verbal de acordo com sua tipologia sintática. Foi feita uma varredura dos enunciados por meio da plataforma DBCoM (MELLO, em preparação). A partir daí, foi montada uma tabela com os dados para posterior análise. Os dados foram analisados através da oitiva do áudio do enunciado disponível na plataforma DBCoM e posteriormente era marcada na tabela a que tipo de oração cada enunciado pertencia. Salientamos a dificuldade de se analisar a sintaxe da fala, uma vez que ela se difere muito dos padrões sintáticos tradicionais da escrita. Além disso, a grande maioria dos dados do *corpus* não está anotada informacionalmente, o que dificulta ainda mais a análise e a classificação sintática dos enunciados. Dessa forma, a classificação aqui apresentada constitui apenas uma análise preliminar dos dados.

6.4.2.1 Negação pré-verbal

A negação pré-verbal é a mais frequente nos dados do *corpus* C-ORAL-BRASIL, bem como é sempre a mais frequente em dados de outras pesquisas, notadamente sociolinguísticas (cf. capítulo 2). Desse modo, a probabilidade de que haja mais variabilidade de padrões sintáticos é maior, conforme pode ser visto nos exemplos a seguir:

Absoluta:

(1) bfamcv01

*EVN: [44] não tá bom //

Adverbial

(2) bfamcv03

*TON: [243] <dá licença um> pouquinho / **enquanto cê nũ tá jogando** / que cê [/1]
ninguém güenta esse cu seu não //

Clivada:

(3) bfamcv18

*HER: [96] é segunda-feira que o Carlos nũ vem //

Completiva:

(4) bfamcv01

*GIL: [2] eu acho que es nũ deviam mais participar / e <tal> //

Coordenada:

(5) bfamcv01

*GIL: [204] Mauro e Filhos é um time muito legal / eu gostaria que eles continuassem /
mas eles não são veteranos //

Coordenada livre (sem conjunção):

(6) bfamcv01

*LUI: [68] mas <a gente tenta> fazer reunião / **galera nũ <comparece>** //

Existencial

(7) bpubmn11

*SAN: [129] na quarta-feira de manhã também tem reunião de comissões / **tem uma
outra que daí o Pedro não faz parte** / que é de Finanças / que também é importante /
seria a segunda mais importante da Assembléia / né / primeiro é [/1] é a de /
Constituição e Justiça / que tudo passa por ali / depois a que trata de finanças / passa
tudo pela Finanças / tem na &ter [/1] na quarta à tarde / também tem reunião [/2] &he /
tem sessão plenária / terças e quartas à tardes e quinta de manhã / sessão plenária //

Interrogativa:

(8) bfamdl19

*MUD: [109] por que que cê nũ falou //

Predicativas:

(9) bfamcv08

*BRU: [352] não / pior é que eu ã sei //

Principal

(10) bfamcv01

*GIL: [100] **nũ teve um** que ã reclamou //

Pseudo-clivada

(11) bfamcv34

*TOM: [173] quem tem / em mãos / o &su [/2] o poder de vender / não é mais quem produz //

Relativa:

(12) bfamcv08

*REN: [221] <ela &esque [/2] ela> que esqueceu de &pe [/2] de voltar o papel higiênico e voltou coisa **que ã devia** //

Subjetiva:

(13) bpubmn01

*SHE: [48] do que que eu vou fazer naquele dia lá / **lógico que ã é em cima da hora** / né //

6.4.2.2 Negação dupla

A negação dupla é a segunda mais frequente, contudo a tipologia sintática diminui em relação à negação pré-verbal. Abaixo são apresentados os exemplos:

Absoluta:

(1) bfamcv01

*LUI: [18] eles ã eram todos <escrotos> / igual o pessoal do Galáticos não //

Adverbial:

(2) bfamcv06

*GUS: [224] <cê tá usando> // [225] **porque antigamente cê nũ usava não** / <cê yyyy> //

Completiva:

(3) bfamcv03

*CAR: [200] <acho que nũ> deu muito certo pra ele não / Toninho //

Coordenada:

(4) bfamcv03

*CEL: [276] porque / mesmo que ele errando de bola / &he / vai ficar ruim no quatro //

*CAR: [277] não / **mas nũ podia abrir pra ele matar não** / meu filho //

Coordenada livre (sem conjunção):

(5) bfamcv05

*MAR: [107] <**eu nũ tô cansado não**> / pode ir //

Predicativa:

(6) bfamdl34

*HEL: [214] <nũ é que ea tá com fome não> / gente //

Principal:

(7) bfamcv10

*ONO: [3] <ah / **eu nũ**> vou **pegar quatro ônibus pra ir** <lá não> //



Relativa:

(8) bfamdl04

*SIL: [18] tem creme **que nũ dá com o cabelo não** //

6.4.2.3 Negação pós-verbal

A negação pós-verbal apresenta pouquíssimos dados se comparada à negação pré-verbal, por exemplo. Consequentemente, sua tipologia sintática apresenta menor variabilidade.

Absoluta:

(1) bfamcv02

*TER: [69] sei o tanto não //

Adverbial:

(2) bfamcv05

*CAR: [77] na hora que fizer cinco / nós vamo parar cinco minutos / viu // [78] **porque**
/ <tem jeito não> //

Completiva:

(3) bpubdl07

*PAT: [638] <tô a fim de empurrar a Kombi não> //

Coordenada:

(4) bfamd131

*LIQ: [478] Sônia tá assim / ah / mas eu fico morrendo de dó / eu falei / uai / eu
também tenho / **mas eu / posso fazer nada não** / uai //

Coordenada livre (sem conjunção):

(5) bfamcv09

*GIL: [231] aí ele / ah / eu achei que fosse / e falou com essa Lucimar // [232] **falou**
comigo não //

Existencial:

(6) bfamcv13

*JON: [88] tem dessa de operar lado errado não //

Imperativa:

(7) bfamd119

*AVI: [8] fica escutando o que que os outro tá conversando lá <fora não / sô> //

Interrogativa:

(8) bfamd133

*JAN: [112] tem perigo de isso espirrar não //

Principal:

(9) bfamdl34

*HEL: [21] **volta não** que eu nũ tô a fim de ganhar agora também não //

6.4.2.4 Distribuição dos dados

Na tabela abaixo, são apresentados os dados tipologicamente organizados em relação aos tipos de orações. Conforme dito anteriormente, essa é uma classificação preliminar, contudo é possível vislumbrar um panorama diferente confrontando os resultados de pesquisas prévias sobre a sintaxe da negação verbal no PB. O maior número de dados se concentra basicamente em orações absoluta, coordenadas e principais para os três tipos de negação. A negação em outros tipos de oração apresenta menor número de ocorrência.

Tabela 33 – Distribuição da negação verbal no *corpus* C-ORAL-BRASIL segundo sua tipologia sintática

Tipo de oração	Neg V	%	Neg V Neg	%	V Neg	%
Absoluta	820	36,31%	424	60,28%	124	83,78%
Adverbial	290	12,81%	19	2,70%	2	1,35%
Clivada	10	0,44%	-	-	-	-
Completiva	59	2,61%	19	2,70%	4	2,70%
Coordenada	406	17,93%	104	14,75%	7	4,73%
Coordenada livre	104	4,59%	19	2,70%	5	3,38%
Existencial	4	0,18%	-	-	1	0,68%
Imperativa	-	-	-	-	1	0,68%
Interrogativa	19	0,84%	-	-	1	0,68%
Predicativa	22	0,97%	6	0,85%	-	-
Principal	329	14,53%	97	13,76%	3	2,03%
Pseudo-	1	0,04%	-	-	-	-

clivada						
Relativa	195	8,61%	16	2,27%	-	-
Subjetiva	3	0,13%	-	-	-	-
Total	2262	100%	704	100%	148	100%

O fato de a negação pós-verbal ocorrer em orações principal, coordenada e adverbial, por exemplo, é uma constatação nova. A negação dupla ocorrer em orações encaixadas também é um fato novo na literatura. Uma ressalva que deve ser feita é que não se pode afirmar que o fato de não ter ocorrido a negação dupla em uma sentença clivada, por exemplo, significa uma restrição a esse tipo de negação ocorrer nessa determinada estrutura sintática. Os dados da tabela e das subseções acima mostram com clareza que nossa intuição sobre a negação pode estar errada quando a confrontamos com dados empíricos.

6.5 EXEMPLO DA FUNÇÃO DA UNIDADE DE APÊNDICE DE COMENTÁRIO (APC)

O objetivo desta seção é mostrar a relação entre Unidades Tonais e Unidades Informacionais com exemplos extraídos do *corpus* C-ORAL-BRASIL, retomando o que foi dito no capítulo sobre a Teoria da Língua em Ato (TLA). A partir dessa exposição, será mostrada uma evidência a favor da função da unidade de Apêndice de Comentário (APC) referida na literatura, com exemplos da negação dupla.

As quebras prosódicas percebidas como unidades tonais distintas estão localizadas, obviamente, no nível prosódico da fala. Assim, um enunciado é simples quando apresenta apenas uma unidade tonal:

(1) bfamcv02

*RUT: [87] eu nũ quero não //COM=

Por outro lado, um enunciado é complexo quando apresenta mais de uma unidade tonal:

(2) bfamdl01

*FLA; [94] Nossa /=EXP= <eu quero tudo de> comida também /=COM= <né>
//=PHA=

As unidades tonais correspondem a unidades informacionais, no nível pragmático. Há dois tipos de unidades informacionais, a saber, as textuais e as dialógicas. As primeiras são divididas em duas categorias: as que compõem textualmente o enunciado e as que não compõem textualmente o enunciado, mas que se dirigem a ele. As unidades dialógicas, por sua vez, não compõem textualmente o enunciado e são dirigidas ao interlocutor.

A unidade informacional de Comentário (COM) é a única unidade necessária para veicular uma ilocução ou um ato de fala. Desse modo, ela possui a força ilocucionária, o que permite que ela forneça autonomia prosódica e pragmática ao enunciado. As outras unidades se distribuem a partir do COM, que possui distribuição livre em relação ao enunciado.

(3) bfamcv01

*GIL: [18] <é> //=COM=

(4) bfamcv01

*EVN: [238] <oh /=EXP= o Galáticos> é legal também /=COM= gente //=ALL=

Através dos exemplos mostrados acima é possível depreender uma relação biunívoca entre unidade tonal e unidade informacional, uma vez que uma unidade tonal, no nível prosódico, corresponde a uma unidade informacional no nível pragmático. No entanto, essa relação de isomorfismo é quebrada quando:

a) uma unidade informacional textual é realizada em mais de uma unidade tonal. Esse caso é conhecido como Escansão (SCA):

(5) bfamcv02

*RUT: [214] <portanto> /=DCT= eu nã vou /=SCA= oferecer mundos e fundos <não>
//=COM=

Segundo Raso (2012), os casos de SCA ocorre devido, basicamente, a quatro fatores: (i) quando não se pode realizar, por razões fisiológicas, todo o conteúdo locutivo do enunciado, devido a sua grande dimensão silábica; (ii) quando o falante possui pouca perícia no ato de falar; (iii) devido a razões enfáticas; (iv) devido a algum tipo de hesitação.

b) há Comentários Múltiplos (CMM). Esse tipo de realização se dá quando dois comentários estabelecem uma relação padronizada retoricamente. Essa relação é interpretada como um todo, e não como a soma de enunciados distintos.

(6) bfamcv01

*EVN: [54] <o' /=CNT o Arnaldium> é caro /=CMM= e tem aqueles problemas //CMM=

c) há estrofes. Esses casos são constituídos de uma sequência ilocuções enfraquecidas, devem ser interpretadas como uma adjunção ilocucionária e são denominados Comentários Ligados (COB).

(7) bfammn04

*REG: [26] então nũ conseguiram pegar a veia /=COB= mas a enfermeira tentou quinhentas e cinqüenta vezes /=COB= o que eu tive /=TOP= parecia que eu tinha levado /=SCA uma surra //COM=

A unidade de Apêndice de Comentário (APC) é definida como uma unidade que integra textualmente o COM, isto é, ela possui uma relação de dependência sintático-semântica ao enunciado. Sua posição é sempre após o COM ou alguma unidade que o preceda, conforme pode ser visto nos seguintes exemplos:

(8) bfamcv03

*TON: [247] é ocê /=COM= Onofre /=ALL= que tá cagando assim //APC=

(9) bfamcv01

*GIL: [71] que eu acho que deu muito pau /=COM= nessa taça //APC=

(10) bfamdl01

*REN: [103] também acho /=COM= que é //APC=

(11) bfamdl01

*FLA: [527] ali arroz /=COM= Tio João //APC=

Os exemplos abaixo confirmam o postulado de que o APC integra textualmente a unidade de COM, e não que funcione como uma unidade autônoma:

(12) bfamcv01

*LUI: [17] mas ã [2] /=EMP= mas ã [2] /=EMP= eles **nũ eram** todos <escrotos> /=COM= igual o pessoal do Galáticos **nã** //APC=

(13) bfamcv07

*LIL: [281] **nũ é** isso /=COM= que cê tá falando <aí **nã**> //APC=

Isso se deve ao fato de que o escopo do segundo operador de negação se encontra no verbo da unidade de COM. O que fica claro é o fato de que o APC não é sintaticamente independente do COM, pois no exemplo 13, o operador de negação não mantém uma relação de escopo com o verbo *falar* da oração subordinada, mas com o verbo *ser* da principal, que se encontra justamente na unidade de COM.

6.6 CONTRAEXEMPLO SOBRE O ESCOPO DA SINTAXE NA TEORIA DA LÍNGUA EM ATO

A Teoria da Língua em Ato (TLA) sustenta que as unidades informacionais são ilhas sintático-semânticas, ou seja, o escopo de qualquer relação sintática só ocorre dentro de cada unidade informacional (cf. capítulo 4). A negação dupla no Português Brasileiro (PB) oferece um contraexemplo interessante a esse respeito. Um dado do *corpus* C-ORAL-BRASIL evidencia que o escopo da sintaxe ultrapassa de fato não só a unidade informacional, mas até mesmo o enunciado.

(1) bfamdl04

*SIL: [136] **nũ** é igualzim de casa de pobre // [137] que tudo que tem põe pra fora **não**
//

No exemplo acima, há duas orações, sendo que a principal se encontra no enunciado 136 e a subordinada no enunciado 137. De acordo com a TLA, este tipo de relação seria incompatível, uma vez que os enunciados são unidades completas do ponto de vista prosódico-pragmático e sua sintaxe está restrita às unidades informacionais. No entanto, no PB o operador de negação pós-verbal nunca tem escopo sobre a oração subordinada, dessa forma seu escopo cruza o enunciado 137 e estabelece uma relação de escopo com o verbo da oração principal que se encontra no enunciado 136. A TLA não consegue explicar esse dado, portanto consideramos que ele consiste em um contraexemplo ao postulado teórico de Cresti (2014).

6.7 CONTRAEXEMPLOS SOBRE CONSIDERAÇÕES ACERCA DANEGAÇÃO PÓS-VERBAL

De acordo com Sousa (2011), a negação pós-verbal seria agramatical em sentenças encaixadas, em sentenças com sujeito foneticamente realizado e em interrogativas. Além disso, a autora considera que a negação pós-verbal só ocorre em contextos de pergunta/resposta ou para contrastar uma pressuposição. Os exemplos a seguir são da autora (cf. SOUSA, 2011, p. 92):

(1) *Eu sei que livro é esse não.

(2) *O João acha que você deve viajar não.

(3) *O João comprou cigarro não.

(4) *Quem você conheceu não?

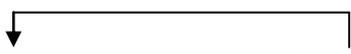
(5) A: Você comprou biscoitos?

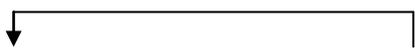
B: Comprei não!

(6) A: Tá chovendo o dia todo!

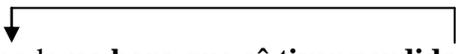
B: Tá chovendo agora não!

A metodologia de julgamentos de intuição pode não ser confiável. Há contraexemplos encontrados no *corpus* C-ORAL-BRASIL sobre o que a autora chama de agramatical, ou seja, a negação pós-verbal ocorrer em sentenças encaixadas e com sujeito realizado. Exceto o fato de a negação pós-verbal não ocorrer em interrogativas-wh, há contraexemplos também do contexto de ocorrência da negação pós-verbal. A seguir, apresentamos alguns exemplos em que a negação pós-verbal ocorre em sentenças encaixadas. A seta marca o escopo do operador negativo:

(7) bfamcv05

 *MAR: [245] <tem ninguém> **chamando não** / ué //

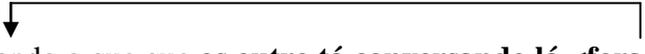
(8) bfamcv13

 *JON: [88] tem dessa **de operar lado errado não** //

(9) bfamdl08
 *AND: [39] depois cê vai ficar me ligando de [1] na hora do &a [4] **na hora que cê [2] que cê tiver perda não** //
 Simplificado: depois cê vai ficar me ligando **na hora que cê tiver perda não** //



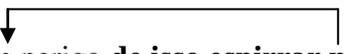
(10) bfamdl15

 *ECR: [102] nũ <sei / sei que que é **que nasceu lá não**> //

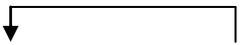
(11) bfamdl19

 *AVI: [8] fica escutando o que que **os outro tá conversando lá** <fora não / sô> //

(12) bfamdl31

 *LIQ: [247] aí ele tá assim / sei &q [2] sei que **que é isso não** / fessora //

(13) bfamdl33

 *JAN: [112] tem perigo **de isso espirrar não** //

(14) bfamdl34 
 *CAS: [253] tem jeito d' cê me dar xeque aqui não //

(15) bpubdl07 
 *COA: [10] quer <que guarde não> //

(16) bpubdl07 
 *PAT: [638] <tô a fim de empurrar a Kombi não> //

Há vários exemplos em que a negação pós-verbal ocorre com sujeito realizado foneticamente:

(17) bfamcv01
 *LUI: [5] <eu acho não> //

(18) bfamcv10
 *ONO: [28] <o Antônio Carlos> tá aí hoje não //

(19) bfamcv10
 *CAR: [188] sior vai mexer com defumador mais não //

(20) bfamdl29
 *ALV: [146] isso faz diferença não / ué //

(21) bfamdl31
 *LIQ: [478] Sônia tá assim / ah / mas eu fico morrendo de dó / eu falei / uai / eu também tenho / mas eu / posso fazer nada não / uai //

(22) bfammn14
 *ANT: [175] mas d' ele chegar e atacar ou olhar ocê e procurar / eu sei de nada disso não //

(23) bfammn14
 *ANT: [423] <não / e' choca não> //

(24) bfammn29

*JDL: [186] então a &vera [/3] o &p [/2] então a mentira / **eu** vou acreditar não / eu sabia que ã era //

(25) bpubcv05

*WIL: [220] <não / **eu** tô querendo> competir não //

(26) bpubdl07

*JAD: [13] **cê** consegue / colocar as duas aí não //

Os contextos em que a negação pós-verbal ocorre ultrapassam aqueles de pergunta/resposta e de contraste de uma pressuposição. Os exemplos abaixo ilustram outros tipos de ocorrência da negação pós-verbal. Não há nenhuma pergunta que engatilhe o seu uso, tampouco uma pressuposição como a autora afirma:

(27) bfamcv02

*TER: [37] a mãe da Fafica é mais &n +

*TER: [38] é da idade da Jael <hhh> //

*RUT: [39] <ah / a Jael yyyy> //

*TER: [40] <é> //

*TER: [41] sessenta-e-oito //

*TER: [42] <é> / a mãe dela //

*RUT: [43] <uhn> //

*TER: [44] sessenta-e-<oito> //

*JAE: [45] <**conheço** **ela não**> / <uai> //

(28) bfamcv03

*CAR: [149] <Toninho / ã erra igual da outra vez não / meu> //

*REN: [150] <não> //

*REN: [151] <&chut [/1] **vou dar idéia não**> //

*REN: [152] <sei que> **cê** faz o [/1] o serviço <seu> //

*CEL: [153] <hhh> errar de bola assim é feio demais //

(29) bfamcv03

*CAR: [185] <quem> joga agora sou eu / Toninho //

*CAR: [186] cê nũ entendeu //

*TON: [187] aqui mesmo / &Cel //

*TON: [188] aqui mesmo / &he / ô [1] ô [1] ô [1] ô [1] / Crossinho //

*CEL: [189] **tem que pensar muito não** / Renato //

(31) bfammn29

*JDL: [181] eu já tô com vontade de armoçar //

*JDL: [182] e &vi [1] viemo caçar //

*JDL: [183] com oito dia e' mandou fazer a cerca / e ela lá //

*JDL: [184] casona boa / <vendeu lá as três> casa boa / cabou o pobrema //

*MIR: [185] cabou / nũ <teve mais problema / né> //

*JDL: [186] então a &vera [3] o &p [2] então a mentira / **eu vou acreditar não** / eu sabia que nũ era //

Os contraexemplos nos mostram é que preciso caracterizar não só qual é o ambiente em que a negação pós-verbal ocorre, como também qual é a sua função na fala, tendo em vista que em vários casos ela não nega uma pressuposição ou uma informação diretamente ativada.

6.8 CONTRAEXEMPLOS À CLASSIFICAÇÃO DE SOUSA (2012a)

De acordo com Sousa (2012a), os três tipos de negação negam conteúdos distintos. A negação pré-verbal negaria eventos, a dupla negaria a proposição e a pós-verbal negaria a assertabilidade, exercendo uma função de negação metalinguística, compondo assim o ato de denegação. A autora leva em consideração a noção de que eventos são “indexalmente construídos de tal forma que preenchem uma localização espaço-temporal. Assim, tempo é entendido como uma extensão composta de instantes. Esses instantes são o que é denominado *evento* ou *eventualidade*” (SOUSA, 2012a, p. 116). A autora também considera que a proposição é um conjunto de situações possíveis, o que torna factível classificá-la através do valor de verdade, ou seja, em verdadeira ou falsa. Além disso, Sousa (2012a) diz que enquanto um evento está

limitado a instantes em um intervalo de tempo, a proposição está ligada sempre a um intervalo de tempo específico. Isso explicaria por que a negação dupla seria incompatível com infinitivas ou encaixadas temporais, conforme os exemplos da autora:

- (1) *Não fumar não, faz bem à saúde. (SOUSA, 2012a, p. 100)
 (2) *Enquanto minha filha não chega em casa não, eu não durmo. (SOUSA, 2012a, p. 156)

Portanto, a negação dupla deveria se referir a um intervalo de tempo completo, o que não é o caso de infinitivas ou de encaixadas temporais. Sousa (2012a) explica que em encaixadas temporais o tempo referencial estaria vinculado ao tempo da oração principal, conforme mostram os exemplos da autora (cf. SOUSA, 2012a, p. 123):

- (3) a. O João [chegou_{+pas}] quando a polícia [estava_{+pas}] (*está_{+pres}) aqui.
 b. O João [vai chegar_{+fut}] quando a polícia [estiver_{+fut}] (*estava_{+pas}) aqui.

Já que a negação dupla é incompatível nesses tipos de sentenças, a autora conclui que o segundo operador de negação teria a propriedade de vincular o tempo referencial de forma independente. Ainda segundo Sousa (2012a), a negação dupla não ocorreria em contextos narrativos, conforme o exemplo apresentado pela autora (cf. SOUSA, 2012a, p. 124):

- (4) Fui almoçar ao meio dia e já não tinha arroz (**não*)

De acordo com a autora, a conjunção adverbial fixa o tempo referencial da sentença. O *já* da oração coordenada se refere ao tempo da primeira oração, por isso o uso da negação dupla não é possível. Não obstante, há contraexemplos interessantes no *corpus* C-ORAL-BRASIL a esse respeito. Uma *small clause* infinitiva com negação dupla introduzida por um verbo negado compõe parte do enunciado 205 em (3) e uma encaixada temporal com negação pós-verbal introduzida pela expressão *na hora que* no enunciado 39 em (4):

- (3) bfamcv20

*ANC: [205] ah / mas a questão da tatuagem / nũ é nem **o organismo nũ rejeitar não** //

(4) bfamdl08

*AND: [39] depois cê vai ficar me ligando de [/1] **na hora do &a** [/4] **na hora que cê** [/2] **que cê tiver perdida não** //

Nos exemplos abaixo, há dois casos em que a negação dupla ocorre em orações coordenadas introduzidas pela conjunção *e*, o que seria agramatical segundo Sousa (2012a).

(6) bpubcv05

*ADE: [182] Belo Horizonte / eles fazem um concurso todo ano lá / **e nũ é esse trem muito tradicional não** //

(7) bpubdl03

*GUI: [318] fecha o cotovelo / **e nũ apóia um no outro não** //

O exemplo (3) pode ser parafraseado como: *O organismo não rejeitar não, não é nem a questão da tatuagem*, compondo a mesma estrutura agramatical proposta em (1) por Sousa (2012a). Já o exemplo (4) mostra que a negação pós-verbal pode ocorrer em encaixadas temporais, o que, a princípio, não impediria que a negação dupla também ocorresse. Tendo em vista esse fato, torna-se necessário explicar esse dado sem recorrer a uma classificação baseada na intuição. Propor uma restrição sintática por meio da categoria tempo pode explicar a restrição naquele tipo de sentença. No entanto, não explica o fato de que o verbo da negação dupla pode estar em qualquer tempo em outros tipos de sentenças, mesmo em sentenças consideradas agramaticais. Esse fato leva ao questionamento da viabilidade da distinção proposição/evento como uma restrição no uso das negações pré-verbal e dupla.

Para Sousa (2012a), a negação pós-verbal exerceria a função de negar a assertabilidade de uma proposição anterior, tendo uma relação de escopo sobre tal proposição. Por isso, é denominada também como negação externa. Esse tipo de negação não negaria informação nova, segundo a autora. De acordo com Sousa (2012b), “há uma dependência de Neg3 à presença de asserção no contexto imediato de produção

da sentença” (SOUSA, 2012b, p. 14). Contudo, alguns dados desta pesquisa não confirmam as considerações da autora. A negação pós-verbal não necessita de uma asserção anterior que sirva de gatilho para seu uso, conforme pode ser visto nos exemplos a seguir:

(8) bfamcv05

*CAR: [84] cuidado aí que <tem> [/1] tem coisa aí //

*MAR: [85] <possível> / aí //

*CAR: [86] vai dar pra jogar //

*CEL: [87] não / vai / sô //

*JOS: [88] **furou nada não** //

(9) bfamcv05

*JOS: [185] vão comigo //

*CEL: [186] de calcanha //

*CAR: [187] aqui //

*JOS: [188] ué / cadê //

*MAR: [189] tá //

*JOS: [190] **hhh saiu não / hein** //

(10) bfamcv05

*CAR: [429] pode ir / Zé //

*CAR: [430] pode / Zé //

*MAR: [431] sua //

*CAR: [432] aqui / Zé //

*JOS: [433] é nossa //

*MAR: [434] ah / aqui não //

*CEL: [435] **briga não / sô** //

Os elementos de caráter classificatório estão presentes nos dados, ou seja, a negação pós-verbal pode ocorrer em contextos em que não haja uma asserção anterior ou que não haja uma pergunta que engatilhe seu uso, bem como pode ocorrer em orações principais, adverbiais, completivas, coordenadas e absolutas. Não parece ser o tipo de oração ou a assertabilidade de um enunciado anterior que restrinja o uso da

negação pós-verbal. Dessa forma, é preciso entender a natureza do que é negado e como o escopo da negação pós-verbal opera no enunciado (cf. seção 4.5 para contraexemplos referentes ao uso da negação pós-verbal em sentenças encaixadas).

6.9 ASPECTOS DIATRÁSTICOS

Esta seção mostra a quantificação dos dados segundo a diastratia e a tipologia textual. Primeiramente, é possível notar na tabela abaixo que as mulheres usam mais a negação pré-verbal e dupla do que os homens, ao passo que os homens usam mais a negação pós-verbal do que as mulheres.

Tabela 34 – Distribuição da negação segundo sexo

Sexo	Masculino	%	Feminino	%	Total	
Neg V	984	43,50%	1278	56,50%	2262	100%
Neg V	334	47,44%	370	52,56%	704	100%
Neg						
V Neg	83	56,08%	65	43,92%	148	100%
Total	1401	100%	1713	100%	3114	100%

A distribuição segundo faixa etária é apresentada abaixo. As faixas etárias são A (entre 18 e 25 anos), B (entre 26 e 40 anos), C (entre 41 e 60 anos), D (acima de 60 anos), M (menor de 18 anos) e X (idade desconhecida). Entre as faixas etárias A, B e C, o uso da negação pré-verbal parece estar bem equilibrado. Já a faixa etária B parece fazer maior uso das formas não-canônicas, apresentando um número levemente superior no caso da negação dupla aos participantes das faixas etárias A e C, e superior em praticamente 20%, ou seja, o dobro, em relação aos participantes das faixas A e C, no caso da negação pós-verbal.

Tabela 35 – Distribuição da negação segundo faixa etária

Faixa etária	A	B	C	D	M	X	Total
Neg V	633	642	702	200	21	64	2262
Total %	27,98%	28,38%	31,03%	8,84%	0,93%	2,83%	100%
Neg V	183	230	211	57	3	20	704
Neg							

Total %	25,99%	32,67%	29,97%	8,10%	0,43%	2,84%	100%
V Neg	34	61	32	15	1	5	148
Total %	22,97%	41,22%	21,62%	10,14%	0,68%	3,38%	100%
Total	850	933	945	272	25	89	3114

Abaixo é apresentada a distribuição da negação de acordo com o nível de escolaridade dos participantes. Os níveis de escolaridade são 1 (nenhuma escolarização ou 1º grau incompleto), 2 (até o título superior, desde que não exerça uma profissão que não necessite do 3º grau), 3 (nível superior completo, desde que exerça uma profissão que necessite do 3º grau) e X (escolaridade desconhecida). Em relação à negação pré-verbal, os participantes de escolaridade 2 e 3 usam muito mais do que os de escolaridade 1. Isso se repete, de certa forma, nos outros tipos de negação.

Tabela 36 – Distribuição da negação segundo nível de escolaridade

Escolaridade	1	2	3	X	Total
Neg V	306	995	884	77	2262
Total %	13,53%	43,99%	39,08%	3,40%	100%
Neg V Neg	164	299	216	25	704
Total %	23,30%	42,47%	30,68%	3,55%	100%
V Neg	42	56	41	9	148
Total %	28,38%	37,84%	27,70%	6,08%	100%
Total	512	1350	1141	111	3114

Sobre a distribuição da negação de acordo com a tipologia textual, apresentamos três tabelas, uma para cada tipo de negação. A negação pós-verbal ocorre mais em conversações e diálogos, assim como a negação dupla, ao passo que a negação pré-verbal apresenta uma distribuição equilibrada entre conversações, diálogos e monólogos.

Tabela 37 – Distribuição da negação pós-verbal segundo tipologia textual

Tipologia	Conversação	Diálogo	Monólogo	Total
Familiar/Privado	65	45	20	130
	50,00%	34,62%	15,38%	100%
Público	6	12	0	18
	33,33%	66,67%	-	100%
Total bruto	71	57	20	148
Total %	47,97%	38,51%	13,51%	100%

Tabela 38 – Distribuição da negação dupla segundo tipologia textual

Tipologia	Conversaço	Diálogo	Monólogo	Total
Familiar/Privado	243	233	113	589
	41,26%	39,56%	19,19%	100%
Público	48	55	12	115
	41,74%	47,83%	10,43%	100%
Total bruto	291	288	125	704
Total %	41,34%	40,91%	17,76%	100%

Tabela 39 – Distribuição da negação pré-verbal segundo tipologia textual

Tipologia	Conversaço	Diálogo	Monólogo	Total
Familiar/Privado	581	605	623	1809
	32,12%	33,44%	34,44%	100%
Público	114	173	166	453
	25,17%	38,19%	36,64%	100%
Total bruto	695	778	789	2262
Total %	30,73%	34,39%	34,88%	100%

Através da plataforma de Preacher (2001) foi testada a significância estatística dos dados das tabelas apresentadas nesta seção por meio do teste do qui-quadrado. Em primeiro lugar, o primeiro teste visava a observar se havia alguma diferença estatística no uso das formas não canônicas da negação entre os falantes de sexo masculino e feminino nos dados do *corpus*. O resultado mostrou que não há diferença, tendo em vista que o p-valor foi 0.05603556. Ou seja, o sexo do falante não é um fator relevante para o uso das formas não canônicas da negação verbal no PB. O segundo teste visava a observar se havia alguma diferença estatística no uso das formas não canônicas da negação de acordo com a faixa etária dos falantes. Novamente, o teste mostrou que não há diferença estatística, visto que o p-valor foi 0.22612627. Dessa forma, a faixa etária não influencia o uso das formas não canônicas da negação. O terceiro teste visava a observar se havia diferença estatística no uso das formas não canônicas de negação entre os falantes de diferentes níveis de escolaridade. Assim como os outros dois testes, o terceiro também mostrou que o nível de escolaridade não influencia o uso das formas não canônicas, já que o p-valor foi de 0.23491876. Por fim, o quarto teste visava a observar se havia alguma diferença estatística no uso das três formas de negação em diálogos, monólogos e conversações. O p-valor foi 0, o que mostra que há diferença no uso das três formas nas três tipologias textuais do *corpus*. Parece haver uma tendência de que as formas não canônicas ocorram mais em diálogos e conversações.

Na próxima seção, será explorado o uso da negação pós-verbal em monólogos, de forma a explicar por que esse tipo de negação tem baixa ocorrência no *corpus*.

6.10 RESTRIÇÃO DA NEGAÇÃO PÓS-VERBAL EM MONÓLOGOS

Parte da literatura assume que a negação pós-verbal nega conteúdo diretamente ativado ou a assertabilidade de uma proposição anterior. Isso revela que o escopo da negação pós-verbal ultrapassa o enunciado em que ela é realizada, constituindo, para autores como Sousa (2012a), um ato de fala específico, ou seja, o ato de denegar. Dessa forma, seria incompatível pensar que a negação pós-verbal ocorresse em monólogos, tendo em vista que nenhuma proposição é ativada ou nenhuma outra asserção - senão aquela do participante que realiza o monólogo - é enunciada. A pergunta a ser feita é: como poderia o falante (de)negar aquilo que ele mesmo está enunciado? Muito embora haja 13,51% ou 20 casos de negação pós-verbal em monólogos, é importante observar as particularidades que esses dados apresentam.

A partir da análise dos 20 dados de negação pós-verbal em monólogos, constatou-se que há quatro possibilidades de ocorrência desse tipo de negação nessa tipologia textual: em discurso reportado, em partes dialógicas dos monólogos, como ressonância ou como correção de uma asserção anterior. Vejamos os exemplos:

Discurso reportado⁷⁶:

(1) bfammn03

*ALO: [42] aí ea falou / não / vou lá não //

(2) bfammn03

*ALO: [46] não / vou lá não //

(3) bfammn04

*REG: [98] faz isso comigo não //

(4) bfammn12

*JUN: [116] comigo tem tempo ruim não //

(5) bfammn20

*ALO: [27] nts / tô mexendo com salvação de alma não //

(6) bfammn21

*ALO: [8] tem relação comigo não / doutor //

(7) bfammn21

⁷⁶ O discurso reportado no PB é caracterizado comumente por uma citação da fala de outra pessoa, diferentemente de um discurso indireto introduzido por um verbo no subjuntivo.

*ALO: [21] tem não //

(8) bfammn14

*ANT [615] <ah> / tem fé nisso não / os outro conta caso //

Parte dialógica:

(9) bfammn12

*MMM: [216] <tua mãe é> linha dura //

*JUN: [217] não / **posso fazer isso não** //

(10) bfammn14

*HEL: [135] mas nũ [1] nũ tem perigo / assim / de [1] de ir à noite / nũ tem <bicho> //

*ANT: [136] <nts> / **tem nada / não** //

*ANT: [137] <**tem nada não**> //

*HEL: [138] <**tem não**> //

(11) bfammn14

*HEL: [421] um que <nũ> constrói o próprio <ninho e entra no> +

*ANT: [422] <e'> +

*ANT: [423] <não / **e' choca não**> //

(12) bfammn14

*HEL: [465] pessoal caça / tiú aqui //

*ANT: [466] **caça não** //

(13) bfammn29

*MIR: [185] cabou / nũ <teve mais problema / né> //

*JDL: [186] então a &vera [3] o &p [2] então a mentira / **eu vou acreditar não** / eu sabia que nũ era //

(14) bfammn35

*JMA: [317] tá dando pra escutar / né / <Bruno> //

*BAL: [318] <tá> // **preocupa não** //

(15) bfammn10

*TOM: [6] cê ficou quanto tempo na Alemanha //

*CEL: [7] fiquei / hhh + [8] &a [1] deu nove meses / no total // [9] <aí> +

*TOM: [10] <uma> gravidez //

*CEL: [11] é / uma gravidez // [12] uma gravidez e voltei // [13] mas pô / caso da Alemanha / hum / tem um monte / né // [14] **sei não** / começar do começo / é bom //

(16) bfammn14

*LEA: [171] <nũ pode é mexer> com ele / né //

*ANT: [173] ele nũ gosta que cê bole com e' // [174] se ocê fazer qualquer movimento pra ele / isso daí ele ataca // [175] mas d' ele chegar e atacar ou olhar ocê e procurar / **eu sei de nada disso não** //

Ressonância:

(17) bfammn14

*ANT: [480] uns tempo atrás / uns ano / né / *nũ tinha nada disso* / né // [481] mas era muito xxx do &po [1] pessoal aqui / né // [482] **tinha nada não** //

Correção:

(18) bfammn12

*JUN: [31] porque eles tavam [1] tavam gostando muito do [1] do [1] dos desenho que a gente &f [1] tava fazendo / que eles tavam *pedindo* // [32] **pedindo não** / né / obrigava //

Há oito casos de discurso reportado nos exemplos de 1-8. É preciso dizer que o discurso reportado não pertence ao *aqui e ao agora* da fala, a enunciação ocorre em outro plano, portanto esses casos devem ser tratados de outra forma, não como casos prototípicos de negação pós-verbal. Nas partes dialógicas, que totalizam dez casos, obviamente, não é instaurada uma enunciação monológica, portanto esses dados não constituem casos de negação pós-verbal em monólogo. Por fim, há um caso de ressonância, isto é, a repetição de um conteúdo dito utilizando uma negação dupla, logo após repetido como negação pós-verbal, e um caso de correção do que havia sido dito anteriormente, portanto são casos que devem ser tratados de outra maneira. Desse modo, concluímos que a negação pós-verbal não ocorre em sua forma genuína em textos monológicos, ou seja, a negação pós-verbal não poderia ocorrer em monólogos.

R. Rocha (2013) já atentava para o fato de a negação dupla parecer pouco comum em trechos puramente monológicos das entrevistas sociolinguísticas (cf. capítulo 2, seção 2.7). O autor atribui essa hipótese a não ativação direta de proposições. Analisando mais detidamente os dados de negação dupla em monólogos poderíamos atestar essa hipótese. No entanto, por hora, o que foi constatado nesta seção é que a negação pós-verbal não ocorre de fato em trechos monológicos da interação discursiva. Na próxima seção, proporemos uma análise dos três tipos de negação baseado nos dados do *corpus*.

6.11 PRAGMÁTICA DA NEGAÇÃO VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Levando em consideração a nossa análise dos dados e as dezenas de contraexemplos às propostas encontradas na literatura, chegamos ao ponto em que algumas questões pertinentes são levantadas:

- (1) O que a restrição das formas não-canônicas da negação em unidades ilocucionárias nos diz?
- (2) Por que a negação pré-verbal possui uma distribuição livre entre as unidades informacionais textuais?
- (3) Como analisar os casos em que a negação pós-verbal não nega uma asserção anterior?
- (4) Por que a negação pós-verbal não ocorre em monólogos?

Esta seção tem por objetivo responder essas perguntas. Para responder à primeira pergunta é preciso compreender o que uma unidade ilocucionária faz. Uma ilocução é a realização linguística de uma ação, logo as unidades ilocucionárias realizam ações no nível pragmático. Isso indica que em todos os casos de negação não canônica há a realização de uma ação linguística. Para uma ilocução ser realizada é necessário que ela seja autônoma do ponto de vista prosódico-pragmático e interpretável em isolamento. Uma negação não canônica sempre estará presente em um enunciado completo, isto é, prosodicamente e pragmaticamente interpretável em isolamento.

Pragmaticamente, as unidades informacionais de COM, CMM e COB carregam a força ilocucionária, pois sem ela não poderia haver uma ilocução. Assim, depreende-se que a negação dupla e a negação pós-verbal necessitam da força ilocucionária para serem realizadas. Isso implica uma diferença funcional nos casos em que a negação pré-verbal não é realizada dentro de uma unidade ilocucionária, ou seja, a função de uma negação pré-verbal em uma unidade informacional de TOP seria diferente de uma negação pós-verbal em uma unidade de COM.

Como explicar a diferença funcional entre uma negação pré-verbal e uma pós-verbal ou dupla? Em primeiro lugar, é preciso ter em conta que a negação pré-verbal apresenta uma distribuição livre dentro das unidades informacionais textuais. Quando a negação pré-verbal ocorre em COM, CMM ou COB de fato ela pode ser equivalente com os outros tipos de negação. No entanto, isso deveria ser investigado mais detalhadamente. O que importa no momento é a distinção entre os casos em que a negação pré-verbal ocorre nas unidades de PAR, INT, TOP, APC ou APT e a negação dupla e pós-verbal. Quando a negação pré-verbal ocorre nas unidades supracitadas ela parece ter escopo sobre a proposição. Essa consideração se apoia no fato de que as unidades informacionais textuais constroem o texto, sobretudo aquelas que se adjungem às unidades ilocucionárias, conforme nos exemplos repetidos aqui:

(1) bfamcv03 – Neg V em unidade de Tópico (TOP)

*TON: [41] é /=EXP= **se o meu pai também nũ tivesse morrido** /=TOP= tava vivo
/=COB= tava com noventa-e-seis ano //COM=

(2) bfamcv03 – Neg V em unidade de Parentético (PAR)

*TON: [243] <dá licença um> pouquinho /=COB= **enquanto cê nũ tá jogando**
/=PAR= que cê [/1]=SCA= ninguém güenta esse cu seu não //COM=

(3) bfamcv04 – Neg V em unidade de Introdutor Locutivo (INT)

*BRU: [175] <se for> /=SCA= um passarinho /=TOP= **cê nũ pode fazer** /=INT= hhh
//COM=

(4) bfamdl04 – Neg V em unidade de Apêndice de Comentário (APC)

*SIL [16]: pode ser o creme /=COM= **que nũ deu certo com ele** /=APC=

(5) bfamdl14 – Neg V em unidade de Apêndice de Tópico (APT)

*CAR: [213] ela dá aquela raspadinha de seis números / cinco número / ou seja se cê nũ / destacar /=TOP= **e não conseguir ganhar o prêmio eles te dão** /=APT= acho que cem reais / <uma coisa assim> //

Nota-se que nesses exemplos a negação ocorre majoritariamente em orações adverbiais, mas também em principais e coordenadas. A negação pré-verbal se distribui livremente entre as unidades informacionais textuais porque seu escopo não é o mesmo dos outros tipos de negação. O escopo da negação pré-verbal em unidades informacionais não ilocucionárias ser a proposição é um passo importante para diferenciá-la de dos outros casos de negação. Qual seria o escopo das formas não canônicas da negação? A literatura diz que a negação pós-verbal nega uma asserção anterior. Contudo, há contraexemplos sobre essa assunção, repetidos aqui:

(6) bfamcv05

*CAR: [84] cuidado aí que <tem> [/1] tem coisa aí //

*MAR: [85] <possível> / aí //

*CAR: [86] vai dar pra jogar //

*CEL: [87] não / vai / sô //

*JOS: [88] **furou nada não** //

(7) bfamcv05

*JOS: [185] vão comigo //

*CEL: [186] de calcanha //

*CAR: [187] aqui //

*JOS: [188] ué / cadê //

*MAR: [189] tá //

*JOS: [190] **hhh saiu não / hein** //

(8) bfamcv05

*CAR: [429] pode ir / Zé //

*CAR: [430] pode / Zé //

*MAR: [431] sua //

*CAR: [432] aqui / Zé //

*JOS: [433] é nossa //

*MAR: [434] ah / aqui não //

*CEL: [435] **briga não / sô //**

Nota-se que não há nenhuma relação de dependência entre uma asserção anterior e o uso da negação pós-verbal. Dessa forma, a negação pós-verbal não pode negar exclusivamente uma asserção anterior. Em alguns casos isso de fato ocorre, como no exemplo abaixo:

(9) bfamcv02

*TER: [10] *ganhou tudo* dos lado do Anderson //

*RUT: [11] oh / <que maravilha> //

*JAE: [12] <**ganhou não**> //

Contudo, esse tipo de exemplo não representa a totalidade dos casos de negação pós-verbal. Em nossa análise, a negação pós-verbal nega uma implicatura nos exemplos (6)-(8) e uma explicatura no exemplo (9) (cf. GRICE, 1989). Uma implicatura é o ato de deduzir o significado do enunciado por meio de sua forma, aliado a princípios cooperativos que governam a aceitabilidade da conversação. Por exemplo, se um falante A diz para B que está frio, significando que B deveria fechar a janela, B faz essa dedução por meio de um processo de implicatura. A explicatura, por sua vez, é a proposição implicada introduzida explicitamente por meio de enunciados. A situação comunicativa dos exemplos do texto bfamcv05 é uma partida de futebol. Dessa forma, a implicatura do enunciado 88 é que a bola tenha furado devido ao fato de ter tocado no espinho da planta ora-pro-nóbis (cf. o texto bfamcv05), a do enunciado 190 é que ela tenha saído da linha (imaginária) que demarca o campo de jogo e a do enunciado 435 é que os participantes tenham iniciado uma briga. Assim, a negação pós-verbal nega essas implicaturas, sendo produzidos os enunciados *furou nada não*, *saiu não* e *briga não*. Já no caso do texto bfamcv02, em que as participantes discutem sobre os preparatórios do

casamento da filha de uma delas, a explicatura é que a filha tenha ganhado os presentes dos padrinhos de casamento. Logo, o enunciado 12 nega essa explicatura, ou seja, *ganhou não*. Casos em que a negação pós-verbal ocorre em sentenças encaixadas não é um problema para essa proposta, uma vez que a negação tem escopo sobre o verbo da principal, portanto a operação se mantém a mesma, ou seja, a negação pós-verbal em orações encaixadas nega da mesma forma uma implicatura/explicatura, independente da sua posição no enunciado.

(10) bfamd119

*AVI: [8] fica escutando o que **que os outro tá conversando lá** <fora não / sô> //

No exemplo repetido acima, a implicatura é de que seu interlocutor esteja escutando a conversa de outras pessoas, logo AVI nega essa implicatura dizendo *fica escutando não*. A negação dupla parece ter a mesma função da negação pós-verbal. No entanto, como vimos acima, ela também pode negar a proposição, uma vez que ocorre em unidade de PAR. Desse modo, é possível que ela tenha traços funcionais tanto da negação pós-verbal quanto da pré-verbal. Contudo, uma investigação mais aprofundada poderia esclarecer melhor esses fatos.

A negação pós-verbal não ocorrer em monólogo é um algo interessante e que se torna uma evidência para o fato de que esse tipo de negação nega uma implicatura/explicatura. Nesse tipo de texto, o falante parece dispor os enunciados na cadeia sonora da fala em forma de uma narrativa, com uma argumentação mais elaborada e uma estrutura sintática mais complexa (cf. MITTMANN, 2013). A restrição da negação pós-verbal não ocorrer nessa tipologia textual reside no fato de que o falante não pode ao mesmo tempo em que enuncia uma explicatura, negá-la, nem que enuncie algo que possa ser uma implicatura para então negá-la concomitantemente. Logo, a negação pós-verbal só ocorre em partes dialógicas (explicatura ou implicatura ativadas), em discurso reportado (outro plano de enunciação), ressonância (algo já enunciado) ou correção (*self-talk* de algo já enunciado).

6.12 RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo tem como objetivo mostrar a análise dos dados do *corpus* C-ORAL-BRASIL. Primeiramente, o objeto de estudo foi caracterizado, considerando apenas os dados que continham [não/nũ V], [não/nũ V não] e [V não]. A negação pré-verbal tem o maior número de dados, seguida pela negação dupla e por último a negação pós-verbal, que apresenta baixa ocorrência. Foi testada a hipótese de Schwenter (2005) com dados do *corpus*. Embora a hipótese tenha sido atestada estatisticamente com respeito à negação dupla, o mesmo não ocorreu com a negação pós-verbal. Ambas apresentaram contraexemplos à hipótese, o que faz com que se busquem outras explicações para o fenômeno. A verificação dos dados do corpus sugeriu que as formas não canônicas obedecem a restrições de ordem prosódico-informacional, muito embora haja três contraexemplos à negação dupla. Isso sugere que a negação dupla possa conter traços funcionais tanto da negação pré-verbal (livre em unidades informacionais textuais) e da pós-verbal (restrita a unidades ilocucionárias). Os testes estatísticos não mostraram significância em relação ao uso das formas não canônicas de negação em fatores como sexo, faixa etária e nível de escolaridade. No entanto, há significância no que concerne à tipologia textual, ou seja, há uma tendência para que as formas não canônicas ocorram menos em monólogos. Isso pode decorrer de que as formas não canônicas estejam sujeitas a restrições pragmáticas. A negação pós-verbal não ocorre em monólogos de forma genuína. Em relação à sintaxe, houve vários contraexemplos a considerações de estudos prévios. A negação pós-verbal pode ocorrer com sujeito expreso e em encaixadas. A negação dupla pode ocorrer em infinitivas e em coordenadas. Além disso, há casos em que a negação pós-verbal nega conteúdo não mencionado anteriormente, ou seja, não nega a assertabilidade de uma proposição anterior. Todos esses contraexemplos minam a hipótese de Sousa (2012). A proposta lançada aqui é a de que a negação pré-verbal nega a proposição, a pós-verbal nega uma explicatura/implicatura e a negação dupla pode negar tanto uma explicatura/implicatura, quanto a proposição (no caso de ocorrer em unidades de PAR).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo, num primeiro momento, fazer um percurso teórico-metodológico sobre o estudo da negação em diferentes estudos prévios, com críticas e sugestões de pesquisa. Esse percurso foi importante na medida em que

proporcionou avaliar os estudos e discutir de forma aprofundada alguns deles na seção de análise dos dados. Em primeiro lugar, são duas grandes correntes que estudam a origem do sistema de negação verbal do Português Brasileiro (PB): a hipótese do contato lingüístico e a hipótese da mudança cíclica. A hipótese do contato prevê que as formas surgem ou a partir de um português pidgin trazido já da África ou a partir da transmissão irregular com substrato de origem banto. A hipótese da mudança cíclica prevê que há pelo menos três estágios pelos que passam as línguas no que concerne ao estatuto do advérbio de negação: ele é enfraquecido foneticamente, surge uma palavra que desempenhará a função negativa até o advérbio desaparecer completamente. Em grande parte dos casos, os estudos sobre a negação se vinculam a uma dessas duas correntes explícita ou implicitamente. Foram apresentados também estudos sobre a cliticização do advérbio *não*, o tratamento da corrente funcionalista no estudo da negação, a proposta da implementação da negação dupla na escrita, o estudo sobre tal tipo de negação como uma forma de inovação linguística, o tratamento da abordagem da sociolinguística variacionista no fenômeno da negação no PB, os estudos sobre a pragmática da negação e, por fim, o tratamento da sintaxe formal no estudo desse fenômeno.

A partir da revisão bibliográfica foram traçados os objetivos da presente pesquisa, ou seja, quais hipóteses seriam testadas com os dados coletados para a pesquisa. O *corpus* utilizado foi o C-ORAL-BRASIL (RASO & MELLO, 2012). Os dados extraídos desse *corpus* permitiram não só testar as hipóteses, como também descrever a sintaxe e a pragmática da negação verbal no PB. Por meio dos metadados do *corpus*, foi possível descrever aspectos diatrásticos do fenômeno. Através da análise dos dados, foi constatado que há vários contraexemplos às pesquisas anteriores, no que concerne à pragmática e à sintaxe das sentenças negativas. Os principais contraexemplos mostram que a negação pós-verbal pode negar conteúdo novo, não diretamente ativado no discurso e pode não negar a assertabilidade de uma proposição anterior, a negação dupla pode negar conteúdo novo no discurso, a negação pós-verbal pode ocorrer com sujeito expresso, em orações encaixadas, a negação dupla pode ocorrer em orações infinitivas e em coordenadas.

A análise dos dados também permitiu caracterizar a negação em termos prosódico-informacionais, isto é, propor restrições na realização das três formas. A negação pré-verbal mostrou uma distribuição livre em relação às unidades informacionais textuais: ela pode ocorrer em todas as unidades informacionais textuais,

como COM, COB, CMM, TOP, APT, APC, PAR e INT, ao passo que a negação pós-verbal só pode ocorrer em unidades ilocucionárias, como COM, COB e CMM. A negação dupla ocorre majoritariamente em unidades ilocucionárias: COM, COB e CMM, no entanto houve três casos em que ela ocorreu na unidade textual de PAR. Isso mostra que a negação dupla pode herdar traços funcionais tanto da negação pré-verbal, quanto da pós-verbal, opondo-se assim às hipóteses que caracterizam as três formas contendo traços distintos. A negação pós-verbal parece obedecer a uma restrição de não ocorrer em textos monológicos - as vinte ocorrências desse tipo de negação nessa tipologia textual não foram casos genuínos de negação pós-verbal, são usos em discurso reportado e em partes dialógicas, sobretudo. Tendo em vista as considerações acima, a hipótese que foi lançada neste trabalho é de que a negação pré-verbal tem escopo sobre a proposição ou nega uma proposição, pois ocorre em todas as unidades informacionais textuais e a negação pós-verbal nega uma explicatura/implicatura. A negação dupla pode negar uma explicatura/implicatura ou uma proposição, no caso de ocorrer em unidades de PAR. Estudos futuros poderão aprofundar e esclarecer os detalhes não considerados neste trabalho. É preciso dizer que o uso de *corpora* de fala espontânea é essencial para que os três tipos de negação sejam caracterizados de forma adequada, sem o papel da intuição como fonte de considerações descritivo-teóricas.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Mônica. Ação de dois fatores externos no processo de mudança em negativas sentenciais no dialeto mineiro. In: *Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN*, Florianópolis, 1999.
- ARAGÃO, Maria & SOARES, Maria. (orgs.). *A linguagem falada em Fortaleza*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1996.
- ARRUDA, Adriéllen. *A unidade informacional de comentários múltiplos no português do Brasil: um trabalho baseado em corpus*. (Monografia de Bacharelado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.
- ASHBY, William. The loss of the negative morpheme, ne, in Parisian French. *Lingua*, 39, p.119-137, 1976.
- AUSTIN, John. *How to do Things with Words*. Oxford: OUP, 1962.

BARBOSA, Plínio. "Syllable-timing in Brazilian Portuguese": uma crítica a Roy Major. *DELTA*, v. 16, 369-402, 2000.

BARBOSA, Plínio. Explaining Cross-Linguistic Rhythmic Variability via a Coupled-Oscillator Model of Rhythm Production. BEL, Bernard & MARLIEN, Isabelle. (eds.) In: *Proceedings of the Speech Prosody 2002 Conference*, 11-13 April, Aix-en-Provence: Laboratoire Parole et Langage, p. 163-166, 2002.

BARBOSA, Plínio. *Incursões em torno do ritmo da fala*. Campinas: Editora Pontes, 2006

BAXTER, Alan. Morfossintaxe. In: PEARL, Matthias & SCHWEGLER, Armin (eds.). *América negra: Panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*. Frankfurt-am-Main: Vervuert / Madrid: Iberoamericana, 1998. p. 97-134.

BICK, Eckhard. *The Parsing System Palavras: Automatic Grammatical Analysis of Portuguese in a Constraint Grammar Framework*. Aarhus: Aarhus University Press, 2000.

BÍZIKOVÁ, Lucia. *Importância das línguas tupi para o português brasileiro*. (Monografia de Bacharelado). Brno: Masaryk University, 2008.

BOECKX, Cedric. *Linguistic Minimalism: Origins, Concepts, Methods, and Aims*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

BOSSAGLIA, Giulia. Interface entre sintaxe e articulação informacional na fala espontânea: uma comparação baseada em corpus entre português e italiano. *Caligrama*, v. 19, p. 35-60, 2014.

BOSSAGLIA, Giulia. Orientação pragmática da sintaxe na fala: uma análise corpus-based da subordinação completiva e adverbial no português do Brasil. *Domínios de Linguagem*, v. 9, n. 5 (dez. 2015), p. 309-335, 2015.

CAMARGOS, Marcelo. *A negativa: uma análise quantitativa*. Disponível em: <<http://www.ufop.br/ichs//conifes/anais/LCA/clca03.htm>>. Acesso em: 16 out. 2015.

CAVALCANTE, Rerisson. Construções negativas no português falado em Salvador. *Hyperion*, Salvador, v. 1, p. 12, 2004.

CAVALCANTE, Rerisson. *A negação pós-verbal no português brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes*. (Dissertação de Mestrado). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007.

CAVALCANTE, Rerisson. *A negação anafórica no português brasileiro: Negação sentencial, negação enfática e negação de constituinte*. (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

CHOMSKY, Noam. *Logical Structure of Linguistic Theory*. Documento mimeografado, manuscrito não publicado, Cambridge, 1955.

- CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- CRESTI, Emanuela. *Corpus di Italiano parlato*. Firenze: Accademia della Crusca, 2000.
- CRESTI, Emanuela. The Definition of Focus in Language into Act Theory (LACT). In: MELLO, Heliana; PANUNZI, Alessandro; RASO, Tommaso. (eds.). *Pragmatics and Prosody: Illocution, Modality, Attitude, Information Patterning and Speech Annotation*. Firenze: Firenze University Press, 2011. p. 39-82.
- CRESTI, Emanuela. Syntactic properties of spontaneous speech in the Language into Act Theory. In: RASO, Tommaso & MELLO, Heliana. (eds.). *Spoken Corpora and Linguistic Studies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2014. p. 365-410.
- CRESTI, Emanuela & MONEGLIA, Massimo. (eds). *C-ORAL-ROM: integrated reference corpora for spoken romance languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.
- CRESTI, Emanuela & MONEGLIA, Massimo. Informational patterning theory and the corpus-based description of spoken language: The compositionality issue in the topic-comment pattern. In: MONEGLIA, Massimo & PANUNZI, Alessandro (eds.). *Bootstrapping Information from Corpora in a Cross-Linguistic Perspective*. Firenze: Firenze University Press, 2010. p. 13-45.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- CUNHA, Maria. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA, Mário; VOTRE, Sebastião; CEZARIO, Maria. (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 167-189.
- CUNHA, Maria. Variação e mudança no domínio funcional da negação. *Gragoatá*, Niterói, n. 9, 2º sem., p. 155-170, 2000.
- CUNHA, Maria. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 1-30, 2001.
- CUNHA, Maria. Grammaticalization of the strategies of negation in Brazilian Portuguese. *Journal of Pragmatics*, v. 39, p. 1638-1653, 2007.
- DAHL, Östen. Typology of sentence negation. *Linguistics*, v. 17, p.79-106, 1979.
- DAVIES, William & DUBISNKY, Stanley. *The Grammar of Raising and Control: A Course in Syntactic Argumentation*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

- DEUS, Luciano. *A unidade informacional de tópico no português do Brasil*. (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
- ETHNOLOGUE. *Chukchi*. Disponível em: <<https://www.ethnologue.com/language/ckt>>. Acesso em: 07 nov. 2015 .
- ETHNOLOGUE. *Lezgi*. Disponível em: <<https://www.ethnologue.com/language/lez>>. Acesso em: 07 nov. 2015.
- FERRARI, Lucia. *Aspectos prosódicos e sintáticos dos pronomes clíticos em português do Brasil e no vernáculo florentino*. (Tese de Doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.
- FIRENZUOLI, Valentina. *Le forme intonative di valore illocutivo dell'italiano parlato*. (Tese de Doutorado). Firenze: Università degli Studi di Firenze, 2003.
- FONSECA, Hely. Línguas africanas e a estrutura V + Neg no português do Brasil e d'Angola. *Papia*, v. 21, n. 2, p. 195-208, 2011.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDNADEL, Marcos & LIMA, Luana. Aspectos pragmáticos da negação sentencial. *Cadernos do IL*, v. 43, p. 236-259, 2011.
- GOLDNADEL, Marcos; LIMA, Luana; BREUNIG, Gustavo; ESQUIVEL, Natália; LUZ; Joana. Estratégias alternativas de negação sentencial na região sul do Brasil: análise da influência de fatores pragmáticos a partir de dados do projeto VARSUL. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 35-74, jul.-dez., 2013.
- GRICE, Paul. *Studies in the Way of Words*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- HANSEN, Quinn. *Clause-Final Negation in Brazilian Portuguese*. (Tese de Doutorado). Gainesville: University of Florida, 2010.
- HOLM, John. The genesis of the Brazilian vernacular: insights from the indigenization of Portuguese in Angola. *Papia*, v.19, p. 93-122, 2009.
- HOPPER, Paul & TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HORN, Laurence. *A Natural History of Negation*. Stanford, CA: CSLI, 1989.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Síntese de indicadores sociais 2006*. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.
- JESPERSEN, Otto. *Negation in English and other languages*. København: A.F. Høst & Søn, 1917.

JESUS, Andréa. *A unidade informacional de apêndice no português do Brasil*. (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

KENT, Ray & READ, Charles. *The acoustic analysis of speech*. San Diego: Singular, 1992.

LASNIK, Howard & LOHNDAL, Terje. Brief Overview of the History of Generative Grammar. In: DEN DIKKEN, Marcel (ed.). *The Cambridge Handbook of Generative Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 26-60.

LIMA, Luana. *Motivações Pragmáticas para o Surgimento de Estruturas de Dupla Negação: uma Análise a partir de Dado da Região Sul do Brasil*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

MAC WHINNEY, Brian. *The CHILDES project: tools for analyzing talk*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale, 1994.

MAC WHINNEY, Brian. *The CHILDES project: tools for analyzing talk*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2 v., 2000.

MARTIN, Philippe. WinPitch Corpus: A text to Speech Alignment Tool for Multimodal Corpora. *Proceedings of the 4th International Conference on Language Resources Evaluation*. Lisbon, 26-28 may 2004, 537-540, 2004.

MARTIN, Philippe. *Winpitch*. 2005. Disponível em: <www.winpitch.com>. Acesso em: 16 out. 2015.

MARTÍNEZ, Cristina. *Negation in Vernacular Brazilian Portuguese*. (Tese de Doutorado). Austin: The University of Texas at Austin, 2013.

MEGENNEY, William. Panorama do português vernáculo do Brasil. In: PEARL, Matthias & SCHWEGLER, Armin (eds.). *América negra: Panorámica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*. Frankfurt-am-Main: Vervuert / Madrid: Iberoamericana, 1998. p. 75-92.

MELLO, Heliana. *The genesis and development of Brazilian vernacular Portuguese*. (Tese de Doutorado). New York: City University of New York, 1996.

MELLO, Heliana. Modelos de formação da língua nacional sob a perspectiva do contato de populações. In: LIMA, Ivana & CARMO, Laura do. (Orgs.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 295-314.

MELLO, Heliana ; RASO, Tommaso ; MITMANN, Maryualê. ; VALE, Heloísa; CÔRTEZ, Priscila. Transcrição e segmentação prosódica do corpus C-ORAL-BRASIL: critérios de implementação e validação. In: RASO, Tommaso & MELLO, Heliana. (Orgs.). *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 125-176.

MELLO, Heliana. *DBCóM: a platform for the exploration of spoken corpora*. Em preparação.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2012.

MICHAELIS *Moderno Dicionário Português*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 16 out. 2015.

MIESTAMO, Matti. *Standard negation: The negation of declarative verbal main clauses in a typological perspective*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005.

MIESTAMO, Matti. Negation – an overview of typological research. *Language and Linguistics Compass* 1 (5), p 552-570, 2007.

MIESTAMO, Matti. Symmetric and Asymmetric Standard Negation. In: DRYER, Matthew & HASPELMATH, Martin. (Orgs.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. 2013. Disponível em: <<http://wals.info/feature/113A#2/16.6/148.2>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

MITTMANN, Maryualê. *O corpus C-ORAL-BRASIL e a análise da fala informal: Um novo olhar sobre o Tópico no Português do Brasil*. (Tese de Doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

MITTMANN, Maryualê. Análise da estruturação de diálogos e monólogos na fala informal: quantificando as diferenças. *Domínios de Lingu@Gem*, v. 7, p. 338- 372, 2013.

MONEGLIA, Massimo. C-ORAL-ROM: Un corpus di riferimento del parlato spontaneo per l'italiano e le lingue romanze. In: KORZEN, Iørn (ed.). *Lingua, Cultura e intercultura. L'italiano e le altre lingue*. Atti del VIII convegno SILFI, Copenhagen Business School of Economics. Luglio 2004 Samfunzliteratur. p. 229-242, 2005.

MONEGLIA, Massimo & RASO, Tommaso. Notes on Language into Act Theory (L-AcT). In: RASO, Tommaso & MELLO, Heliana. (eds.). *Spoken Corpora and Linguistic Studies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2014. p. 468-495.

NENCIONI, Goivani. *Di scritto e di parlato: Discorsi linguistici*. Bologna: Zanichelli, 1983.

NUNES, Luana. *Motivações pragmáticas para o uso de dupla negação: um estudo do fenômeno em português europeu*. (Monografia de Bacharelado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

OLIVEIRA, Cássia. *O apêndice de comentário no português do Brasil: uma análise baseada em corpus*. (Tese de Doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

PAIVA, Maria (org.). *Amostras do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/CAPES, 1999.

PANUNZI, Alessandro & GREGORI, Lorenzo. DB-IPIC: an XML database for the representation of information structure in spoken language. In: MELLO, Heliana; PANUNZI, Alessandro & RASO, Tommaso (eds.). *Pragmatics and Prosody: Illocution, Modality, Attitude, Information Patterning and Speech Annotation*. Firenze: Firenze University Press, 2012. p. 133-150.

PANUNZI, Alessandro & MITTMANN, Maryualê. The IPIC resource and a cross-linguistic analysis of information structure in Italian and Brazilian Portuguese. In: RASO, Tommaso & MELLO, Heliana. (eds.). *Spoken Corpora and Linguistic Studies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2014. p. 129-151.

PREACHER, Kristopher. *Calculation for the chi-square test: An interactive calculation tool for chi-square tests of goodness of fit and independence*. Disponível em: <<http://quantpsy.org>>. Acesso em: 09 nov. 2015.

PRINCE, Ellen. Toward a Taxonomy of Given/new information. In: COLE, Peter (Ed.). *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1991. p. 223-255.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. 2014. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. Disponível em: <<http://www.R-project.org/>>. Acessado em: 16 out. 2015.

RAMOS, Jânia. O uso das formas você, ocê e cê no Dialeto Mineiro. In: HORA, Demerval. (org.) *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997.

RAMOS, Jânia. A alternância 'não' e 'num' no dialeto mineiro. In: COHEN, Maria; RAMOS, Jânia. (orgs.). *Dialeto Mineiro e outras Falas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG, 2002. p. 155-167.

RASO, Tommaso. O C-ORAL-BRASIL e a teoria da língua em ato. In: RASO, Tommaso & MELLO, Heliana. (Orgs.). *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 91-124.

RASO, Tommaso. Fala e escrita: meio, canal, consequências pragmáticas e linguísticas. *Domínios de Lingu@Gem*, v. 7, p. 12-46, 2013.

RASO, Tommaso. Prosodic constraints for discourse markers. In: RASO, Tommaso & MELLO, Heliana. (eds.). *Spoken Corpora and Linguistic Studies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2014. p. 411-467.

RASO, Tommaso & MELLO, Heliana. Parâmetros de compilação de um corpus oral: o caso do C-ORAL-BRASIL. *Veredas*, v. 2, p. 20-35, 2009.

RASO, Tommaso & MELLO, Heliana. (Orgs.). *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

- REIMANN, Cristiana & YACOVENCO, Lilian. A dupla negação no português falado em Vitória/ES: traço da identidade linguística capixaba? In: *Anais do I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos (Conel)*, v. 1. Vitória, 2011.
- RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane. (ed.), *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997.
- ROACH, Peter. Glossary: A little encyclopaedia of phonetics. In: *English phonetics and phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. Disponível em: <http://www.cambridge.org/other_files/cms/PeterRoach/PeterRoach_Glossary.pdf>. Acesso em: 16 out. 2015.
- ROCHA, Bruna. *A unidade informacional de introdutor locutivo no português do Brasil: uma análise baseada em corpus*. (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.
- ROCHA, Bruno. Metodologia empírica para o estudo de ilocuções naturais do PB. *Domínios de Lingu@Gem*, v. 7, p. 109-148, 2013.
- ROCHA, Rafael. Negação verbal no português paulistano: envelope de variação. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 833-843, maio-ago, 2012.
- ROCHA, Rafael. *A negação dupla no português paulistano*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.
- RONCARATI, Cláudia. A negação no português falado. In: MACEDO, Alzira; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria. (orgs.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 97-112.
- SANTANA, Jan & NASCIMENTO, Priscila. A negação no português falado da Matinha/BA: um estudo sociolinguístico. *Letra Magna*, ano 07, n. 14, edição especial, p. 1-17, 2011.
- SCHWEGLER, Armin. Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese – A change in progress. *Orbis*, v. 34, p.187-214, 1991.
- SCHWENTER, Scott. The Pragmatics of Negation in Brazilian Portuguese. *Lingua*, v. 115, p. 1427-1456, 2005.
- SEIXAS, Vivian. *A Negação Sentencial em Textos dos Séculos XVIII e XIX: Estrutura Inovadora em Foco*. (Dissertação de Mestrado). Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2013.
- SEIXAS, Vivian & ALKMIM, Mônica. Negação sentencial em textos Setecentistas e Oitocentistas: [NãoVNão] em foco. *Revista Linguística*, v. 9, n. 2, p. 106-120, 2013.
- SEIXAS, Vivian; ALKMIM, Mônica; CHAVES, Elaine. Construções negativas na fala de moradores da zona rural do município de Piranga, estado de Minas Gerais: uma análise variacionista. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 34, n. 2, p. 269-276, jul.-dez., 2012.

- SILVA, Luis. Focalização e ênfase no português brasileiro. In: *Anais do 1º Congresso Internacional de Letras, Artes e Cultura: linguagem, memória e arte - interfaces*, p. 1210-1217, São João del-Rei, 2013.
- SOARES, Viviane. *A negação no contato entre dialetos*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- SOUSA, Arivaldo. *As estruturas de negação em uma comunidade rural afro-brasileira: Helvécia – BA*. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/souza.doc>>. Acesso em: 16 out. 2015.
- SOUSA, Lilian. A redução do item negativo pré-verbal: uma abordagem variacionista. *Revista Alpha*, Patos de Minas, v. 6, p. 230-237, 2005.
- SOUSA, Lilian. *Formas reduzidas de itens negativos no português brasileiro*. (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.
- SOUSA, Lilian. Sentential negation in Brazilian Portuguese: Pragmatics and syntax. *JornaLipp*, v. 1, p. 89-103, 2011.
- SOUSA, Lilian. *Sintaxe e Interpretação de Negativas Sentenciais no Português Brasileiro*. (Tese de Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2012a.
- SOUSA, Lilian. A negação sentencial e o efeito de bloqueio no Português Brasileiro. *Recorte*, v. 9, p. 1, 2012b.
- SOUSA, Lilian. Asserção, denegação e foco de verdade. *Recorte*, v. 10, n. 1, p. 1-14, 2013.
- ‘t HART, Johan; COLLIER, Rene & COHEN, Antonie. *A Perceptual Study on Intonation: An Experimental Approach to Speech Melody*. Cambridge: CUP, 1990.
- TUBAU, Susagna. *Negative Concord in English and Romance: Syntax-Morphology Interface Conditions on the Expression of Negation*. (Tese de Doutorado). Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2008.
- VALE, Heloísa. *A unidade informacional de parentético no português do Brasil: uma análise baseada em corpus*. (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- VAN KUPPEVELT, Jan. Main Structure and Side Structure in Discourse. *Journal of Linguistics*, v. 33, p. 809-833, 1995.
- VITRAL, Lorenzo. A forma cê e a noção de gramaticalização. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Ano 5, v. 4, 1996.

VITRAL, Lorenzo. Expressividade e Frequência de uso: aspectos pragmáticos e cognitivos da gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 91-125, 2015.

WILLIS, David; LUCAS, Christopher; BREITBARTH, Anne. Comparing diachronies of negation. In: WILLIS, David; LUCAS, Christopher; BREITBARTH, Anne. (Orgs.). *The History of Negation in the Languages of Europe and the Mediterranean: Volume I Case Studies*. New York: Oxford University Press, 2013. p.1-50.